

UNIVERSIDADE FEDERAL DE VIÇOSA

GIULLIANA MENDES CÁRIA

**O USO DE VERBOS MODALIZADORES EM NOTÍCIAS ON-LINE SOBRE
MANIFESTAÇÕES POLÍTICAS OCORRIDAS NO BRASIL**

**VIÇOSA – MINAS GERAIS
2021**

GIULLIANA MENDES CÁRIA

**O USO DE VERBOS MODALIZADORES EM NOTÍCIAS ON-LINE SOBRE
MANIFESTAÇÕES POLÍTICAS OCORRIDAS NO BRASIL**

Dissertação apresentada à Universidade Federal de Viçosa, como parte das exigências do Programa de Pós-Graduação em Letras, para obtenção do título de *Magister Scientiae*.

Orientadora: Adriana da Silva

**VIÇOSA – MINAS GERAIS
2021**

**Ficha catalográfica elaborada pela Biblioteca Central da Universidade
Federal de Viçosa - Campus Viçosa**

T

C277u
2021

Cária, Giulliana Mendes, 1995-
O uso de verbos modalizadores em notícias on-line sobre
manifestações políticas ocorridas no Brasil / Giulliana Mendes
Cária. – Viçosa, MG, 2021.
120 f. : il. ; 29 cm.

Inclui anexos.

Orientador: Adriana da Silva.

Dissertação (mestrado) - Universidade Federal de Viçosa.

Referências bibliográficas: f. 113-119.

1. Análise linguística. 2. Língua Portuguesa - Verbos.
3. Persuasão (Retórica). 4. Intertextualidade. I. Universidade
Federal de Viçosa. Departamento de Letras. Mestrado em Letras.
II. Título.

CDD 22. ed. 401.4

Bibliotecário(a) responsável: Renata de Fatima Alves CRB6/2578

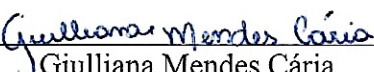
GIULLIANA MENDES CÁRIA

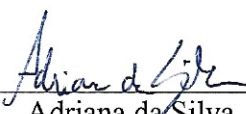
**O USO DE VERBOS MODALIZADORES EM NOTÍCIAS ON-LINE SOBRE
MANIFESTAÇÕES POLÍTICAS OCORRIDAS NO BRASIL**

Dissertação apresentada à Universidade Federal de Viçosa, como parte das exigências do Programa de Pós-Graduação em Letras, para obtenção do título de *Magister Scientiae*.

APROVADA: 31 de maio de 2021.

Assentimento:


Giulliana Mendes Cária
Autora


Adriana da Silva
Orientadora

*À memória das minhas avós Maria José,
Custódia e don'Ana.*

AGRADECIMENTOS

Sempre ouvi que o processo de escrita acontece de forma solitária, o que pude experienciar, principalmente no último ano, ao desenvolver esta dissertação em um contexto histórico de pandemia e de isolamento social. Contudo, não caminhei, até aqui, sozinha. Pude contar com o apoio e o suporte de muitas pessoas durante os momentos difíceis, assim como sempre tive com quem comemorar as pequenas vitórias.

Eu não gostaria de esquecer de mencionar ninguém, todavia, sabemos que, muitas vezes, nossa memória é falha, e eu carrego pedacinhos de pessoas tão diferentes na construção da minha trajetória. Isto posto, destaco que os meus agradecimentos se direcionam a todas as pessoas que me acompanharam durante esse período, as quais contribuíram para que eu conseguisse continuar em todos os momentos nos quais pensei em desistir.

Primeiramente, gostaria de agradecer à minha família. Aos meus pais, que nunca mediram esforços para que eu pudesse buscar os meus objetivos e que sempre me deram apoio nas tomadas de decisão, independentemente do que eu escolhesse. Registro um agradecimento especial à minha mãe, Aurilene, quem me ensinou não só os seus valores, mas também a sua profissão de professora, a qual cresci vendo-a exercer. Obrigada por ter sempre prezado pela minha educação dentro das suas possibilidades financeiras. E ao meu pai, Juliano, que sempre cuidou de mim, e que ainda cuida, se mostrando sempre atencioso e preocupado com as coisas simples do dia a dia, e que sempre liga para perguntar se está tudo bem e se estou precisando de algo.

Agradeço, também, às minhas irmãs mais novas, Mariana e Júlia, que me mostraram, desde cedo, a importância de ser alguém responsável. À Júlia, que em meio às brigas e discussões, é companhia, suporte e presença, e que me enche de orgulho pela mulher que se tornou. À Mariana, que da sua forma, mostra seu carinho e cuidado, além de me ensinar, todos os dias, sobre a necessidade de aceitar as diferenças e a respeitar todas as pessoas. Aos demais familiares, primos e tios, muito obrigada pelo carinho e pela torcida de sempre.

Gostaria de agradecer aos meus amigos de caminhada, os quais foram imensamente importantes durante esses anos de pós-graduação. Às minhas amigas Gabriela e Emília, que sempre foram companhia e apoio, não importando quanto tempo passemos longe. À Mariana, que a quilômetros de distância se faz presente, sempre atenciosa e com palavras de carinho para dizer, além das milhões de fofocas que tem para contar. À Letícia e à Marcella, das quais

me aproximei há pouco mais de um ano, mas que foram tão importantes durante esse processo de escrita. Obrigada, meninas, por me ajudarem na construção do conhecimento e por todas as contribuições dadas. Ao Rodrigo, que juntamente à Letícia e à Marcella, me ensinou que “o amor é leve”, e que devemos sempre levar as coisas boas de todos os momentos.

Agradeço, ainda, ao Renato, amigo tão querido e tão importante, que sempre me escuta e está presente em todos os momentos, decisões e planos. À Geovana e à Fernanda, pela companhia que foi alento durante tantos momentos difíceis, por nosso grupo de reclamações e fofocas, pelas nossas receitas, sorvetes e pizzas e pelas risadas proporcionadas. Ao Jonas, que me acompanha há tantos anos e que sabe da importância da realização de cada um dos meus sonhos. À Flávia, que é tão diferente de mim, mas que se tornou uma amiga que me incentiva a pensar em coisas novas e buscar ir além, sendo inspiração. À Maria Cecília, amiga com quem tive uma conexão inexplicável e que eu quero levar para sempre. À Majory e à Andreza, que são incentivo para que eu mantenha os cuidados com a minha saúde física. À Rayane, à Kelly e ao Vinícius, amigos conterrâneos de Teixeiras, companheiros que carrego com muito amor e que são tão importantes para mim, o meu muito obrigada.

Às meninas da República 101, em especial à Laura, à Letícia e à Mariana, com quem morei durante a maior parte deste mestrado, compartilhando não só a casa, mas também bons momentos e vivências. Aos meus ex-alunos do Colégio Educar, os quais se tornaram amigos, pelas conversas diárias e por todo o compartilhamento de experiências. Por fim, juntamente a um pedido de desculpas, gostaria de agradecer aos meus amigos Ana Rita, Carol, Eduarda, Hévila, Isabela, Júlio, Laís, Maíra, Maria Clara, Matheus, Raquel e Sara, aos quais, por muitas vezes, eu não dei a atenção devida, seja pela distância ou pela falta de tempo, mas que são muito especiais para mim, mesmo que não consigamos nos falar sempre.

Aos colegas do mestrado, Gabi, Karina, Mariana, Eduardo, Vanessa e Vítor e, em especial, ao Isac, ao Leonne e ao Vagner, pela companhia durante o ano de 2019 e por todo o suporte mesmo com o distanciamento social. Agradeço por cada trabalho feito em equipe, pelos lanches nos intervalos e pelas nossas saídas e comemorações por qualquer razão. Cada um de vocês foi parte essencial dessa fase da minha vida. À toda a comissão da JELL, pelo trabalho realizado, o qual nos tomou muito tempo, mas nos deu muito orgulho; à Cíntia e à Elenice, pela construção conjunta; e à Yasmin, que para além da participação em equipe no I Colóquio de Letras, foi amiga, dando suporte sempre que precisei.

À Adriana, minha orientadora, que durante todo esse tempo teve paciência e dedicação, estando sempre disponível. Agradeço, ainda, pelos apontamentos realizados, os

quais contribuíram para o meu crescimento acadêmico. Aos colegas Elenice, Iane e Roberto, do grupo de pesquisa, os quais, por alguns meses, foram companhia nas tardes de terça, sempre contribuindo para a melhor construção possível do meu trabalho.

Às professoras com quem tive aulas, que também foram parte dessa construção, Ana Luísa, Maria Carmen, Mariana, Mônica e Wania, as quais, assim como a Adriana, compartilharam saberes e conhecimentos, apresentaram autores e teorias, além de serem inspiração. Aos servidores do DLA, que sempre foram muito solícitos, oferecendo toda estrutura, organização e suporte necessários, o meu muito obrigada. E à querida Alexandra, que durante um momento muito difícil foi essencial para que eu conseguisse retomar minha escrita, dando sequência ao desenvolvimento desta dissertação.

Ao professor Tiago Torrent, que participou da etapa de qualificação e fez apontamentos tão importantes, e à professora Maria José Bocorny Finatto, que também aceitou participar dessa banca de defesa, muito obrigada por dedicarem seu tempo para contribuir com meu trabalho.

Agradeço, por fim, à Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior – CAPES, pela concessão da bolsa de pesquisa, investimento financeiro tão importante para o desenvolvimento da ciência em nosso país; e à Universidade Federal de Viçosa, instituição que considero uma segunda casa, e que sempre frequentei, desde a infância, quando minha mãe era aluna. Agradeço pela formação que recebi com tanta qualidade em ensino, pesquisa e extensão desde a graduação e me despeço tendo concretizado a realização de um sonho de criança.

“Desaprender para aprender. Deletar para escrever em cima. Houve um tempo em que eu pensava que, para isso, seria preciso nascer de novo, mas hoje sei que dá pra renascer várias vezes nesta mesma vida. Basta desaprender o receio de mudar.”

(Martha Medeiros)

RESUMO

CARIA, Giulliana Mendes, M.Sc., Universidade Federal de Viçosa, maio de 2021. **O uso de verbos modalizadores em notícias on-line sobre manifestações políticas ocorridas no Brasil.** Orientadora: Adriana da Silva.

O presente trabalho se propôs a analisar como o uso dos verbos modalizadores opera na construção da linha argumentativa de notícias, gênero textual jornalístico. Foi realizada a análise descritivo-interpretativa dos verbos de opinião ou crença, verbos modalizadores epistêmicos, deônticos e dinâmicos e verbos dicendi modalizadores no nosso *corpus*, o qual é composto por 16 notícias sobre as manifestações contra os cortes na educação, ocorridas no Brasil no ano de 2019 e divulgadas pelas revistas Carta Capital e Veja e pelo portal de notícias G1. A argumentação está presente em todos os textos, inclusive nas notícias que, a nosso ver, possuem características de tipo textual argumentativo. Entendemos que as modalidades são recursos linguísticos que expressam os desejos, as crenças e as opiniões do falante, além de gerar efeito de afastamento ou de aproximação com o conteúdo enunciado, de forma que os modalizadores funcionam como pistas das estratégias argumentativas. Essas expressões podem, ainda, exprimir possibilidade, necessidade e obrigação. O recurso à intertextualidade também é uma estratégia argumentativa, e a inclusão de citações diretas e indiretas pode operar como discurso de autoridade. Devemos considerar, além disso, a forma como esses discursos são inseridos, a qual pode evidenciar os pontos de vista do enunciador ou indicar um caminho a seguir pelo leitor. Este trabalho é de cunho qualitativo e vale-se de resultados numéricos como base para a análise descritivo-interpretativa dos modalizadores utilizados na construção da argumentação dos textos jornalísticos. Para tal, buscamos identificar as recorrências dos verbos modalizadores encontrados no *corpus*, catalogá-las e quantificá-las; em seguida, classificamos as recorrências quanto ao tipo de modalidade e realizamos a análise, buscando evidenciar os aspectos argumentativos das notícias. Encontramos, ao longo das 16 notícias analisadas, 250 ocorrências de verbos modalizadores, a saber: 33 verbos de opinião ou crença, 29 verbos epistêmicos, 40 verbos deônticos e 12 verbos dinâmicos, além de 133 ocorrências de verbos dicendi modalizadores, utilizados na introdução de discursos de outrem. Após a análise descritivo-interpretativa dos valores modais, concluímos que a opção por um verbo ou outro evidencia os posicionamentos e as percepções do enunciador, indicando como as informações devem ser lidas. Ademais, também foi possível concluir que a utilização de falas de outros interlocutores é parte intrínseca às notícias jornalísticas. O recurso é utilizado tanto para contextualização dos fatos

informados, quanto como argumento de autoridade, conferindo credibilidade ao conteúdo publicado. Por fim, destaca-se que a análise realizada sobre a modalidade enquanto estratégia argumentativa em notícias jornalísticas pode ser estendida a outros gêneros textuais que se inserem em nossa realidade social, educacional e política.

Palavras-chave: Gênero textual notícia. Argumentação. Modalidade. Verbos modalizadores.

ABSTRACT

CARIA, Giulliana Mendes, M.Sc., Universidade Federal de Viçosa, May 2021. **The usage of modal verbs in online news articles about political demonstrations in Brazil.** Advisor: Adriana da Silva.

This research aims to investigate how the usage of modal verbs operates in the construction of the argumentative line of news, a journalistic genre. The descriptive-interpretative analysis regarding verbs concerning opinion or belief, epistemic, deontic and dynamic modal verbs and dicendi modal verbs in our corpus was carried out. Formed out of 16 news articles about protests against the financial cuts towards the education system in Brazil in the year 2019 and published by Carta Capital and Veja magazines and the G1 news online portal. The argumentation is present in all texts, including in news that, in our view, possess characteristics of an argumentative textual type. Concluded that the modalities are linguistic resources that express the speaker's desires, beliefs, and opinions, generating a distancing or approximation impression with the enunciated so that the modalizer function as clues to the argumentative strategies. These expressions can also express possibility, necessity and obligation. The use of intertextuality is also an argumentative strategy, and the inclusion of direct and indirect quotations can operate as a discourse of authority. We must also consider how these speeches are inserted, which can highlight the points of view of the enunciator or indicate a path for the reader to follow. This work is qualitative and uses quantitative results as a basis for the descriptive-interpretative analysis of the modalizers used in the conception of the argumentation of journalistic texts. To this end, we seek to identify the recurrences of the modality verbs found in the corpus, catalog them and quantify them; then, we classified the recurrences according to the type of modality and performed the analysis, seeking to highlight the argumentative aspects of the news. We found, over the 16 analyzed articles, 250 occurrences of modal verbs, namely: 33 verbs of opinion or belief, 29 epistemic verbs, 40 deontic verbs, and 12 dynamic verbs, in addition to 133 occurrences of modal dicendi verbs, used in the introduction of somebody else's speeches. After the descriptive-interpretative analysis of the modal values, we conclude that the option for one verb or another evidences the enunciator's positions and perceptions, indicating how the reading of the information should happen. Furthermore, it was also possible to conclude that the use of speeches by other interlocutors is an intrinsic part of journalistic news. This resource can be used as a way of contextualizing specific facts reported, as well as an argument of authority, giving credibility to the published content. Ultimately, emphasis must be given to the analysis carried out on the

modality as an argumentative strategy in journalistic news can be extended to other genres inserted in our social, educational, and political reality.

Keywords: The News genre. Argumentation. Modality. Modal verbs.

.

LISTA DE TABELAS

Tabela 1 – Quadro elaborado por Marcuschi (2003, p. 23) para diferenciar tipos textuais e gêneros textuais e exemplificar cada um deles (sic).....	30
Tabela 2 – Modalidades e subclassificações utilizadas para análise dos verbos modalizadores encontrados em nosso corpus, com base em Neves (2006) com adaptações de Cária e Ávila (2017).	40
Tabela 3 – Resultados da busca de notícias sobre manifestações e protestos no Brasil entre 2013 e 2019 separados por temas e revistas. As temáticas filtradas no primeiro recorte encontram-se destacadas.....	59
Tabela 4 – Seleção de notícias dispostas em planilha eletrônica após pesquisa	60
Tabela 5 – Modalidades e subclassificações apresentadas no capítulo teórico deste trabalho e utilizadas na análise dos verbos modalizadores encontrados em nosso corpus, com base em Neves (2006) e Cária e Ávila (2017).....	62
Tabela 6 – Quantidade de palavras e número de modalizadores encontrados nas notícias.....	69
Tabela 7 – Quantidade de palavras e número de modalizadores por revista/portal	70
Tabela 8 – Ocorrências de modalizadores organizadas por modo de expressão e por notícia	73
Tabela 9 – Lista de verbos de opinião ou crença encontrados no corpus da pesquisa, por ordem de frequência	75
Tabela 10 – Lista dos demais verbos modalizadores encontrados no corpus da pesquisa, por ordem de frequência	79
Tabela 11 – distribuição dos verbos modalizadores por valor modal	80
Tabela 12 – Número de ocorrências de modalizadores por tipos de modalidade e tipo de discurso.....	94
Tabela 13 – Classificação dos verbos dicendi modalizadores encontrados nas notícias de acordo com agrupação feita por Marcuschi (2007).....	101

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 – Colunas de classificação da planilha eletrônica em que foram dispostas as notícias encontradas	600
Figura 2 – Planilha de classificação dos dados após leitura do corpus e recolhimento de ocorrências modalizadoras, que foram classificadas como verbo de opinião ou crença ou verbo modalizador epistêmico, deôntico ou dinâmico.	63
Figura 3 – Planilha eletrônica de classificação das ocorrências modalizadoras encontradas no corpus evidenciando a classificação quanto ao tipo de discurso	64
Figura 4 – Planilha eletrônica de classificação das formas de introduzir discursos nas notícias lidas.....	65
Figura 5 – Continuum epistêmico	83
Figura 6 – Captura de tela da planilha eletrônica de classificação dos introdutores de discurso encontrados.....	100

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	15
1 PERCURSO TEÓRICO	23
1.1 Gêneros textuais e o gênero notícia jornalística	24
1.2 Modalidade e aspectos argumentativos	32
1.3 Modalidade, argumentação e intertextualidade	41
2 PERCURSO METODOLÓGICO	56
2.1 Natureza da pesquisa	56
2.2 Coleta e seleção do <i>corpus</i> de pesquisa	57
2.3 Análise	61
3 RESULTADOS E DISCUSSÃO	67
3.1 Apresentação quantitativa dos resultados	68
3.2 Primeiro momento: os verbos modalizadores.....	74
3.2.1 Os verbos de opinião ou crença.....	75
3.2.2 Os demais verbos modalizadores: epistêmicos, deônticos e dinâmicos.....	79
3.2.3 Os tipos de discurso.....	90
3.3 Segundo momento: os introdutores de discursos.....	97
CONSIDERAÇÕES FINAIS	110
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	113
ANEXOS	120

INTRODUÇÃO

Os avanços da comunicação e das formas de se fazer jornalismo evidenciam que, cada vez mais, os jornais e as revistas vêm modificando suas práticas, percorrendo um caminho que vai da informação à formação de opinião. Observar essa mudança e suas consequências na sociedade evidencia a necessidade de um estudo que paute essas mídias observando essa evolução, principalmente no que concerne à forma como os conteúdos veiculados chegam à população em geral, seja por meio impresso, televisivo ou virtual, estando este último em constante crescimento.

Estamos imersos em uma grande quantidade de informações, as quais surgem de diferentes fontes, a todo o momento. A interação e a comunicação são parte desse contexto, assim como as mídias, que, segundo Martino (2014), se tornaram importantes devido à sua articulação com o cotidiano e pelas relações humanas que elas estabelecem. Assim como o autor, entendemos a importância da troca e da circulação de informações no contemporâneo, de forma que as mídias se tornam parte da vida e da sociedade. Isto ocorre, pois, como afirmam Lopes e Bonisem (2019), há, atualmente, uma infinidade de leitores, telespectadores, ouvintes e internautas que buscam conteúdos na *internet*, meio que torna possível a circulação de várias informações com maior rapidez e menor custo de operação.

Nesse contexto, inserem-se os portais de notícias on-line, os quais são, hoje, fonte de informação para grande parte da população. É possível saber o que acontece em diferentes lugares do mundo em tempo real em uma pesquisa rápida na *internet*, seja pelo computador ou até mesmo por um *smartphone*. Xavier e Nascimento abordaram, em 2011, o surgimento desse novo jornalismo, o qual representa uma revolução na maneira de produzir e circular o conteúdo jornalístico, evidenciando a importância das mídias digitais e de sua funcionalidade nos meios de comunicação em massa.

Essas práticas continuaram em evolução pela década que se seguiu, como aponta Monteiro (2020) em sua pesquisa, ao apresentar a importância dos novos dispositivos, responsáveis por deixar a sociedade em um ritmo acelerado e que passaram a ser utilizados: “[...] A partir dos anos 2000, computadores, celulares, *tablets*, *notebooks* e os *smartphones* se popularizaram e os indivíduos, para se adaptarem a esses novos dispositivos de comunicação, passaram a utilizar esses recursos.” (MONTEIRO, 2020, p. 33, grifos nossos). Dessa forma,

em consonância com a perspectiva Monteiro (2020), ao utilizar a internet, nos inserimos em um universo informacional que experimenta e partilha informações em rede e em tempo real.

Ainda segundo o autor, as transformações mencionadas trouxeram mudanças, também, para os processos de circulação e consumo da notícia jornalística que, por se encontrarem disponíveis on-line, podem ser cada vez mais lidas, já que são, em tese, facilmente acessadas, o que nem sempre ocorre devido à exclusão social e digital. Ao analisar notícias on-line, portanto, é preciso ir além do contexto de produção, sendo necessário levar em consideração, também, o processo de recepção dessas notícias. Martino (2014, p. 11) aponta que existe uma “barreira digital”, que pode ser entendida como as diferenças de acesso às tecnologias e às mídias digitais, bem como à cultura desenvolvida nesses ambientes, vinculadas a problemas sociais e econômicos.

Além disso, de acordo com Fonseca (2005), o aumento da exclusão social é explícito em nossa sociedade, de forma que o grande desafio das iniciativas que se relacionam com as tecnologias da informação é garantir a equidade de participação no meio digital. Para que haja inclusão digital, segundo a autora, é preciso analisar questões sobre a exclusão social, a alfabetização, o letramento e o letramento digital, os quais dão sustentação à discussão que tem por objetivo uma real inclusão digital.

Trazendo a afirmação realizada por Fonseca em 2005 para a atualidade, precisamos considerar que a exclusão digital ainda é uma realidade de grande parte da população brasileira, conforme apontam Souza e Guimarães (2020). Os autores evidenciam que apenas 59% das casas de famílias de baixa renda (classes D e E) possuíam, em 2019, sinal de internet. Segundo os pesquisadores, esse é um processo de segregação social que impede que toda a população tenha acesso às mesmas oportunidades.

Dessa maneira, portanto, essa parcela da população é excluída do processo de evolução da comunicação on-line. Dito isso, ressaltamos que nossa pesquisa retrata um contexto de inclusão social e digital, e que analisa a leitura das notícias on-line e sua recepção por seu público-leitor, o qual possui acesso à internet e às mais variadas mídias que veiculam notícias em meio on-line.

Considerando esse contexto, os mesmos acontecimentos são noticiados, ao mesmo tempo, por diferentes jornais e revistas, bem como replicados rapidamente nas redes sociais, as quais estão repletas de compartilhamentos sobre novas informações e acontecimentos baseados nessas fontes. Para a pesquisadora Recuero (2012), ao replicar um conteúdo, o

conector, ao mesmo tempo, recebe atenção e confere atenção à informação replicada, gerando o efeito de “cascatas”, o que aumenta a visibilidade do conteúdo. Esse apontamento comprova o poder de disseminação das notícias on-line.

Dantas (2012) aborda que, durante os anos 2000, a presença do que chamamos de cibercultura foi intensificada em nossa sociedade, de maneira que grande parte das relações sociais passou a acontecer na *internet*. Nesse sentido, as notícias produzidas e publicadas no meio on-line se destacam, pois podem ser acessadas com mais facilidade e, por vezes, de maneira gratuita. Assim, entendemos que as notícias on-line são textos que existem em contextos reais de comunicação e podem ser compartilhados rapidamente, bem como visualizados até mesmo a partir de redes sociais.

Assim sendo, a mídia e seus veículos de comunicação, aqui representados pela Revista Veja e pela Revista Carta Capital em suas versões on-line, bem como pelo portal de notícias G1, também on-line, possuem o objetivo de informar as pessoas sobre as notícias, atualidades e acontecimentos. Segundo o Manual de Jornalismo da Empresa Brasil de Comunicação, o trabalho do jornalista é a busca permanente pela objetividade diante da realidade, que é a matéria prima de seu trabalho, evitando qualquer tipo de alinhamento com um dos lados em questão (EMPRESA BRASIL DE COMUNICAÇÃO, 2013).

Não obstante, o gênero notícia jornalística, segundo as autoras Corbari e Ramos (2018) e Nascimento e Canossa (2016), apesar de cumprir função social de informatividade, apresenta uma pretensa imparcialidade. Nesse sentido, os veículos midiáticos são capazes de contribuir para a formação da opinião pública, podendo, até mesmo, influenciar o cenário político do país através da seleção de fatos a serem noticiados e, ainda, a partir das escolhas linguísticas envolvidas nesse processo.

Souza (2001, p. 176) já havia afirmado que “a evolução dos meios de comunicação de massa, da proliferação de gêneros televisuais, radiofônicos e da imprensa escrita, faz da comunicação e da manipulação da linguagem um fenômeno jamais visto”. Os estudos do autor demonstram como o poder de influência dos meios de comunicação em massa pode ser intensificado conforme surgem novas tecnologias de informação. Dessa forma, uma vez que este trabalho terá como *corpus* notícias jornalísticas veiculadas em meio on-line, situamos nossa pesquisa em um momento histórico permeado pela cibercultura, em que as informações circulam e são compartilhadas em tempo real, aumentando a sua visibilidade e o seu alcance.

A concepção de Koch (2004) de que toda produção linguística é dotada de argumentação, bem como as discussões de Corbari e Ramos (2018) e Nascimento e Canossa (2016), refuta a premissa de que as notícias são textos objetivos que não apresentam juízos de valor como apresentados pela EBC. Isto posto, salientamos a importância de se analisar os processos de modalização, marcados linguisticamente pelas modalidades presentes nos textos, as quais podem evidenciar a presença dos pontos de vista do autor e a não-neutralidade de sua produção linguística, uma vez que, ainda segundo Koch (2004):

O recurso às modalidades permite, pois, ao locutor marcar a distância relativa em que se coloca com relação ao enunciado que produz, seu maior ou menor grau de engajamento com relação ao que é dito, determinando o grau de tensão que se estabelece entre os interlocutores; possibilita-lhe, também, deixar claros os tipos de atos que deseja realizar e fornecer ao interlocutor “pistas” quanto às suas intenções; permite, ainda, introduzir modalizações produzidas por outras “vozes” incorporadas ao seu discurso, isto é, oriundas de enunciadores diferentes; torna possível, enfim, a construção de um “retrato” do evento histórico que é a produção do enunciado.” (KOCH, 2004, p. 86).

Conforme discutido pela autora, o uso das modalidades permite ao locutor distanciar-se do que enuncia, evidenciando seu engajamento ou grau de importância de cada informação relatada. Dessa forma, podemos compreender as modalidades como marcas linguísticas que são utilizadas para esconder ou evidenciar determinados posicionamentos, de acordo com o interesse do produtor. Diante disso, as modalidades são pistas que servirão como orientador linguístico para que possamos discutir a pretensa imparcialidade em notícias on-line.

Corbari (2016), assim como Koch (2004), estuda a modalidade como recurso linguístico que se caracteriza como responsável por marcar a relação que o produtor do texto estabelece com o conteúdo do enunciado que produz e com seu interlocutor. À vista disso, portanto, justificamos a importância de se analisar a utilização de recursos modalizadores e a maneira como eles ocorrem nos textos jornalísticos para evidenciar os efeitos de sentido promovidos pelo grau de comprometimento e de parcialidade existentes nas notícias que serão analisadas.

A pesquisadora afirma, ainda, que a modalização, no texto, pode ser explícita ou velada, o que varia de acordo com o gênero textual¹ e com as intenções do produtor

¹ Adotaremos, nesta pesquisa, a terminologia “gêneros textuais” para tratar sobre os gêneros, uma vez que nossa análise se pauta no uso das modalidades enquanto pistas linguísticas que marcam a presença da argumentação em produções textuais.

(CORBARI, 2016, p. 122). Quanto às notícias, entendemos que a presença da argumentação não é, em sua maioria, explícita, pois esses textos, de acordo Manual de Redação da Empresa Brasil de Comunicação (2013), devem buscar a objetividade em todos os seus conteúdos, entendendo objetividade como o relato determinado pelos limites dos fatos em si, opondo-se à subjetividade. Desse modo, é preciso que os locutores busquem ocultar, em sua produção, a sua subjetividade, o que pode ser feito utilizando o recurso às modalidades, conforme explicado por Koch (2004).

Segundo Neves (2006, p. 152), se entendermos que a modalidade é um conjunto de relações entre locutor, enunciado e realidade objetiva, podemos afirmar que não existem enunciados não-modalizados. Nesse sentido, Koch (2004, p. 22), em suas discussões, afirma que todo enunciado diz algo de certo modo, representando um estado de coisas do mundo. As discussões realizadas pelas autoras estão em concordância com a premissa de que até mesmo os textos que são, aparentemente, neutros, objetivos e imparciais estão repletos de modalização, trazendo pistas sobre o posicionamento e a visão de mundo de seus produtores.

Por conseguinte, o recurso à modalidade pode ser utilizado pelos autores para criar o efeito de afastamento ou de aproximação com aquilo que é dito. No caso das notícias jornalísticas, acreditamos que a modalidade possa operar como um recurso da argumentação por possibilitar trazer os posicionamentos dos redatores ao texto sem explicitá-los, visando aparentar objetividade e imparcialidade, além de isentar os autores e os veículos responsáveis pela publicação da responsabilidade sobre o que é noticiado.

Visando a essa isenção, bem como garantir que as notícias sejam tidas como textos objetivos e imparciais, os redatores buscam o ocultamento da responsabilidade enunciativa, isto é, apresentam um conteúdo enunciado sem assumir a responsabilidade pelo dito. Contudo, conforme aponta Marques (2013), isso não é possível, já que a responsabilidade enunciativa está atrelada ao locutor desde a origem da enunciação, e cada escolha linguística feita na estruturação do texto jornalístico é de sua responsabilidade, o que inclui o modo de fazer, as vozes que convoca e o léxico utilizado.

Isto posto, esta pesquisa, intitulada ‘O uso de verbos modalizadores em notícias online sobre manifestações políticas ocorridas no Brasil’, foi pensada com o objetivo de analisar o uso dos modalizadores (ÁVILA e CÁRIA, 2017; BYBEE e FLEISCHMAN, 1995; CÁRIA e ÁVILA, 2017; CORBARI, 2016; KOCH, 2004; MELLO et al., 2009; NEVES, 2006) na construção da linha argumentativa de notícias divulgadas pela mídia brasileira. Visamos, com esse estudo, contribuir para os Estudos do Texto (MARCUSCHI, 2003; MARCUSCHI, 2007;

KOCH, 2004) mostrando a relevância de se estudar as modalidades, tão importantes para os Estudos Linguísticos.

Sendo assim, o objetivo geral desta pesquisa é analisar o uso de modalizadores em notícias sobre manifestações políticas ocorridas no Brasil no ano de 2019, que foram divulgadas nos portais on-line da Carta Capital, G1 e Revista Veja. Para tal, como objetivos específicos, propomos:

(i) identificar as recorrências dos modalizadores nas notícias sobre manifestações políticas no Brasil selecionadas nas revistas Veja e Carta Capital e no portal de notícias G1, a fim de catalogá-las e quantificá-las para posterior classificação;

(ii) classificar as recorrências quanto aos diferentes tipos de modalidade, visando categorizar os mais recorrentes nesse gênero textual;

(iii) por fim, realizar análise descritivo-interpretativa das recorrências dos modalizadores, com o intuito de investigar como os seus usos operam na construção da linha argumentativa das notícias.

Nas seções seguintes, trataremos de nosso aporte teórico, que foi dividido em três seções. A primeira conta com discussões sobre o conceito de gênero textual e busca explicar o gênero notícia jornalística, o qual compõe nosso *corpus* de pesquisa. Iniciaremos essa parte conceituando a noção de gênero a partir dos estudos de Bakhtin (2003) e de Marscusi (2003), buscando um ponto comum entre as perspectivas, uma vez que ambos os autores entendem os gêneros como produções sociodiscursivas que ordenam as atividades comunicativas existentes na sociedade.

Explicaremos, ainda, para fins de nomenclatura, a escolha pela abordagem do gênero como textual, como denomina Marcuschi (2003), uma vez que esta pesquisa se situa dentro dos estudos da Linguística Textual, e nossa análise se pauta no uso das modalidades enquanto pistas linguísticas que marcam a presença da argumentação em produções textuais.

Em seguida, buscaremos apresentar as características de tipo textual argumentativo presentes no gênero notícia jornalística (BLAIN, 2000; PREUSS, 2017; TRAVAGLIA, 2007), uma vez que não consideramos os modalizadores apenas como estratégias de apagamento da responsabilidade enunciativa (MARQUES, 2013), mas também como pistas das estratégias argumentativas dos enunciadores.

Por conseguinte, na segunda seção, situaremos o conceito de modalidade, fazendo um breve percurso teórico sobre os estudos enunciativos (BALLY, 1921, BALLY, 1948; BALLY, 1965; BALZAN, 2017; BARBISAN, 2007; BENVENISTE, 1989; CREMONESE, 2007; DUCROT, 1987). Em seguida, discutiremos a categoria em termos de definição e classificações (ÁVILA, 2015; ÁVILA e CÁRIA, 2017; CÁRIA e ÁVILA, 2017; MELLO et al. 2009; NEVES, 2006), tendo como base teórica a definição de Ávila e Cária (2017), que descrevem as modalidades como as expressões linguísticas que permitem ao falante qualificar o conteúdo que enuncia de acordo com suas crenças, opiniões e certezas, sendo as modalidades os indicadores da percepção do falante em relação ao que enuncia.

Encerraremos o capítulo teórico discutindo a relação entre modalidade, argumentação e intertextualidade, que foi baseada, principalmente, em Koch (2004), e abordaremos o recurso ao uso de outras vozes enquanto estratégia argumentativa utilizada na construção das notícias jornalísticas, o que é comum na construção de notícias para comprovar os posicionamentos propostos pelos produtores desses textos, o que evidencia a presença da intertextualidade no gênero notícia jornalística (CORBARI e RAMOS, 2016).

Posteriormente, apresentaremos, na seção seguinte, nosso percurso metodológico, que aborda a natureza da pesquisa, explica como foi realizada a coleta e seleção do nosso *corpus* e descreve as etapas de análise do material recolhido. Nessa seção, explicaremos, também, nossas escolhas temáticas. Decidimos trabalhar, portanto, com as revistas Veja e Carta Capital e com o portal de notícias G1. Para essa escolha, analisamos os jornais e revistas mais populares entre os brasileiros, escolhendo, dentre eles, três que possuem grande relevância nacional quanto à temática “política”. Além disso, o G1 chamou a atenção por apresentar um tipo de jornalismo diferente (NOGUEIRA e MALLMANN, 2013).

Em seguida, apresentaremos as categorias modais que foram utilizadas durante a análise. Dessa forma, com base em Neves (2006) e Cária e Ávila (2017), definimos que as categorias buscadas em nosso *corpus* são os verbos de opinião ou crença e as modalidades epistêmica, deôntica e dinâmica. Além disso, com base nas discussões de Marcuschi (2007), Corbari e Ramos (2018), Nascimento e Canossa (2016) e Rabello (2008), bem como nos trabalhos de Nascimento (2006), decidimos, ainda, buscar os verbos dicendi modalizadores em nosso *corpus*, os quais além de indicar a inserção de outro discurso, ainda apresentam uma avaliação, modalização ou direção a seguir.

Após definido nosso *corpus* e as modalidades a serem buscadas, realizamos a leitura das notícias a fim de encontrar as ocorrências dos verbos modalizadores. Todas as ocorrências

de verbos de opinião ou crença, verbos modalizadores epistêmicos, verbos modalizadores deônticos e verbos modalizadores dinâmicos, assim como as formas introdutoras de discursos, foram dispostas em planilhas eletrônicas para classificação. Foi analisado, ainda, se as ocorrências estavam inseridas em citações diretas, citações indiretas ou em textos sem citação. Todos os resultados apresentados foram exemplificados e descritos, bem como interpretados, levando em consideração o contexto das notícias. Por conseguinte, buscamos inferir como as escolhas linguísticas expressas pelo uso das modalidades interferem na construção da linha argumentativa das notícias.

Por fim, apresentaremos as considerações finais, o último capítulo da desta dissertação. Essa seção conta com as conclusões obtidas a partir da análise dos dados, bem como com as considerações acerca do uso das modalidades para a expressão da argumentação no gênero textual notícia. As discussões foram realizadas com base nos exemplos e nos contextos das notícias, relacionando essas escolhas à informatividade do gênero estudado, característica tão importante e necessária.

1 PERCURSO TEÓRICO

Buscaremos conceituar, nesta seção, a noção de gênero textual (BAKHTIN, 2003; MARCUSCHI, 2003), passando pela discussão sobre a possível dicotomia entre gênero textual e discursivo (BEZERRA, 2017), bem como justificando nossa escolha pela nomenclatura ‘gênero textual’ para, em seguida, diferenciar o conceito de gênero textual e de tipo textual (MARCUSCHI, 2003). Dessa forma, objetivamos situar a notícia jornalística enquanto um gênero textual (CORBARI e RAMOS, 2018; NASCIMENTO e CANOSSA, 2016; RABELLO, 2008) que possui objetivos comunicativos e função sociocultural. Apresentaremos, ainda, a notícia enquanto um gênero textual que possui, também, traços do tipo textual argumentativo (BLAIN, 2000; PREUSS, 2017; TRAVAGLIA, 2007).

Em seguida, discutiremos a noção de modalidade, passando pelo campo dos estudos enunciativos (BALLY, 1921, BALLY, 1948; BALLY, 1965; BALZAN, 2017; BARBISAN, 2007; BENVENISTE, 1989; CREMONESE, 2007; DUCROT, 1987) e levando em consideração que existem diferentes conceitos e modelos descritivos nesse campo de estudos (ÁVILA, 2014; ÁVILA e CÁRIA, 2017; CÁRIA e ÁVILA, 2017; MELLO et al. 2009; NEVES, 2006). Discutiremos, ainda, com base nas autoras, diferentes tipos de modalidade para definir aquelas que serão buscadas em nosso *corpus*.

Por fim, buscaremos explicar como essa categoria pode se relacionar com os conceitos de intertextualidade. Para tal, apresentaremos nosso entendimento em relação à presença da argumentação na linguagem jornalística e midiática, o qual é suportado pela Linguística Textual (KOCH, 2004; MARCUSCHI, 2007) e nossas discussões sobre o recurso a outras vozes como estratégia argumentativa utilizada nas notícias jornalísticas, visando analisar o processo de inclusão dessas vozes e sua função modalizadora nos textos em que aparecem (BAKHTIN, 2006; CORBARI e RAMOS, 2018; KOCH, 2011; KOCH e ELIAS, 2017; MARCUSCHI, 2007; NASCIMENTO, 2006; NASCIMENTO e CANOSSA, 2016; RABELLO, 2008).

1.1 Gêneros textuais e o gênero notícia jornalística

Segundo Bakhtin (2003, p. 264), o “estudo da natureza do enunciado e da diversidade de formas de gênero dos enunciados nos diversos campos da atividade humana é de enorme importância para quase todos os campos da linguística [...]”. Para o autor, as pesquisas em materiais linguísticos concretos acontecem em enunciados que se relacionam aos campos da atividade humana e da comunicação. Sendo assim, para que seja possível investigar um material linguístico, é preciso que se tenha uma noção da natureza do enunciado que se estuda, bem como de suas particularidades. É preciso, portanto, entender o funcionamento da notícia jornalística e suas especificidades, visto que é esse o gênero trabalhado em nossa pesquisa.

De acordo com Bakhtin (2003, p. 266), os gêneros são gerados a partir da função e das condições de comunicação discursiva, as quais são específicas para cada campo, gerando diferentes tipos de gêneros. O estudioso afirma que o estilo:

é indissociável de determinadas unidades temáticas e [...] de determinadas unidades composicionais: de determinados tipos de construção do conjunto, de tipos do seu acabamento, de tipos da relação do falante com outros participantes da comunicação discursiva, com os ouvintes, os leitores, os parceiros, o discurso de outro, etc. (BAKHTIN, 2003, p. 266).

Assim, a partir do que pontua o pesquisador, entendemos a noção de gênero como uma manifestação de atividades comunicativas desenvolvidas em contexto de comunicação real, das quais, ao serem verbalizadas, decorrem os gêneros. Essa perspectiva se mostra importante para nosso trabalho, uma vez que optamos por analisar um *corpus* composto por notícias jornalísticas publicadas em meio on-line, as quais são textos produzidos e recepcionados em contextos reais de comunicação.

O autor afirma, ainda, que nós só nos comunicamos através de determinados gêneros do discurso, ou seja, “todos os nossos enunciados possuem *formas* relativamente estáveis e típicas de *construção do todo*. Dispomos de um rico repertório de gêneros de discurso orais (e escritos)” (BAKHTIN, 2003, p. 282, grifos do autor). O estudioso esclarece que, em qualquer conversação, formal ou informal, nosso discurso se reflete em gêneros, os quais possuem, muitas vezes, formas e características recorrentes, que podem ser mais ou menos flexíveis. Nosso discurso, dessa maneira, organiza e modifica os gêneros, assim como os gêneros

também organizam e modificam o discurso, em uma relação dialógica. Dessa forma, toda a expressão linguística que produzimos em contexto comunicativo é um tipo de gênero.

Quanto à diversidade de gêneros, por sua vez, o autor pontua que ela é determinada a partir das diferentes funções comunicativas, pela posição social dos interlocutores e de sua relação pessoal de reciprocidade, de maneira que há formas que são mais ou menos oficiais ou informais e que vão determinar o grau de estabilidade do gênero. (BAKHTIN, 2003, p. 283-284). Quanto a ideia de “grau de estabilidade do gênero”, entendemos que se relaciona aos traços comuns em cada tipo de gênero, que conferem mais estabilidade, formando padrões. Ao ler certos textos, conseguimos classificar de qual gênero se trata a partir de suas características mais marcantes.

Marcurschi (2003) também discute a definição de gêneros:

Já se tornou trivial a idéia de que os gêneros textuais são fenômenos históricos, profundamente vinculados à vida cultural e social. Fruto de trabalho coletivo, os gêneros contribuem para ordenar e estabilizar as atividades comunicativas do dia-a-dia. São entidades sócio-discursivas (sic) e formas de ação social incontornáveis em qualquer situação comunicativa. (MARCUSCHI, 2003, p. 19).

De acordo com as colocações do autor, percebemos como os gêneros textuais emergem a partir de necessidades e atividades socioculturais, além de estarem relacionados, também, às inovações tecnológicas, de forma que o suporte dos gêneros também é muito importante. No caso desta pesquisa, especificamente, trabalhamos com notícias on-line, o que destaca a importância de se entender o gênero em um contexto que considere atividades sociocomunicativas e um contexto de comunicação real, em que podem ocorrer diferentes tipos de interação.

Encontramos, assim, um ponto em comum entre as duas teorias, uma vez que Marcuschi (2003) e Bakhtin (2003) promovem uma discussão sobre gênero enquanto produções sociodiscursivas que ordenam e estabilizam as atividades comunicativas existentes na sociedade. Marcuschi (2003) aponta, ainda, a dificuldade na definição formal de gênero, de maneira que é preciso observar seu funcionamento nas práticas sociais e discursivas para que seja possível compreender seu uso e as relações que estabelece. A partir desse ponto de vista, entendemos que os gêneros estão diretamente ligados à língua em uso, sendo um fenômeno histórico e social. Rabello (2018), em consonância com nossas discussões, afirma que:

Entende-se, portanto, que os gêneros são uma tipificação social dos enunciados que apresentam traços comuns e que se formaram a partir da interação relativamente estável entre os falantes. Vale ressaltar que os gêneros não podem ser distinguidos por suas propriedades formais, ou seja, a forma não define o gênero; é a ligação do gênero com uma situação social de interação que o constitui. Dessa forma, a constituição de um determinado gênero está relacionada ao surgimento e à estabilização de novas situações sociais de interação verbal dentro de certas esferas sociais. (RABELLO, 2018, p. 18).

Entendemos, assim, que o que define o gênero não é sua estrutura, e sim sua relação entre interlocutores, ou seja, sua situação de interação social, de forma que buscaremos observar a notícia a partir desses aspectos. Ao pensarmos a interação social no contexto da notícia, é preciso observar, além da relação entre interlocutores (redator e leitores) e do meio em que se insere a notícia, sua comunidade discursiva e propósitos comunicativos, conceitos que discutiremos a seguir. É preciso, também, analisar a notícia enquanto produção sócio-histórica, uma vez que ela se constitui enquanto um gênero ligado às situações comunicativas do cotidiano, à cultura e às práticas sociais (BAKHTIN, 2003; MARCUSCHI, 2003).

Nesse sentido, Marcuschi (2003) relaciona o contexto dos gêneros textuais ao desenvolvimento social e cultural, o que engloba as tecnologias e as mudanças que elas representam na sociedade, sendo o âmbito jornalístico um destaque nessas mudanças:

[...] não são propriamente as tecnologias per se que originam os gêneros e sim a intensidade dos usos dessas tecnologias e suas interferências nas atividades comunicativas diárias. [...]. Daí surgem formas discursivas novas, tais como editoriais, artigos de fundo, notícias, telefonemas, telegramas, telemensagens, teleconferências, videoconferências, reportagens ao vivo, cartas eletrônicas (e-mails), bate-papos virtuais, aulas virtuais e assim por diante. (MARCUSCHI, 2003, p. 20).

Em suas discussões, o autor aponta a importância do desenvolvimento tecnológico para a área da comunicação, o que propiciou o surgimento de novos gêneros textuais. Dessa forma, é possível situarmos a notícia on-line, gênero que compõe nosso *corpus* de pesquisa e que está inserido em um meio em que a tecnologia é grande influenciadora. Marcuschi (2003) já havia destacado a relevância dos suportes tecnológicos de comunicação nas atividades comunicativas da realidade social, o que é mais intensificado a cada dia pelo crescente uso da internet nas atividades diárias.

Dessa forma, como mostra o pesquisador, as mudanças sociais alteram gêneros textuais já existentes e criam outros, além de modificar, também, suas formas de divulgação e leitura. As comunidades discursivas do jornalismo representam essas mudanças, sendo a notícia um desses exemplos, pois passou a ser lida de diferentes maneiras a partir de suportes diversos, levando em consideração a internet enquanto parte do cotidiano de grande parte da sociedade. Nesse sentido, os suportes tecnológicos influenciam nos gêneros em sua produção e em sua recepção, inclusos os processos de leitura e replicação.

Essa discussão nos leva à necessidade de relacionar os gêneros ao seu contexto, isto é, à sua situação de comunicação e ao momento sócio-histórico em que eles se inserem. Torna-se necessário, portanto, apreender sobre o conceito de comunidade discursiva para, então, situar a notícia enquanto gênero. Dessa forma, de acordo com Hemais e Biasi-Rodrigues (2005), diferentes comunidades possuem diferentes convenções, as quais são específicas. Há objetivos públicos compartilhados e mecanismos de comunicação próprios da comunidade, além de um léxico comum que expressa ideais importantes para os objetivos comuns. Além disso, cada comunidade discursiva pode possuir diferentes gêneros.

As comunidades discursivas aproximam-se do que Marcuschi (2003) chama de domínio discursivo. O estudioso utiliza essa expressão para definir uma esfera ou instância de produção discursiva ou de atividade humana. Falamos, portanto, de discurso jurídico, discurso jornalístico, discurso religioso, entre outros, esferas que são compostas por diferentes atividades discursivas e comunicativas, as quais dão origem aos gêneros textuais que fazem parte de cada uma.

Para Marcuschi (2003), cada uma dessas instâncias possui diversas práticas discursivas e, por conseguinte, um conjunto de gêneros textuais que são próprios dessas práticas. Os textos jornalísticos, por exemplo, contêm diversos gêneros, tais como a notícia, o editorial, a capa, a entrevista, a reportagem, entre outros, cada um com um objetivo comunicativo distinto, e estão presentes em diferentes comunidades discursivas jornalísticas.

O *corpus* do nosso trabalho se insere em uma comunidade que é representada por veículos de comunicação em massa de grandes conglomerados midiáticos, como é o caso do G1, do grupo Globo, da Revista Veja, do grupo Abril, e da Revista Carta Capital. A Revista Veja e o Portal G1 são mídias hegemônicas, o que representa mídias massivas e comerciais, ou seja, mídias que são regidas por lógicas do mercado, visando ao lucro, e por relações de poder (VALIENGO, 2019). Esses veículos massivos podem, inclusive, promover a constituição de diferentes comunidades discursivas, maiores ou menores, formadas pelo

público leitor geral ou até mesmo por grupos menores de leitores de cada um dos jornais ou revistas.

Existe, ainda, o conceito de propósito comunicativo que, segundo Hemais e Biasi-Rodrigues (2005), oferece ao gênero uma base, além de determinar traços característicos importantes, tais como a estrutura esquemática, as escolhas em torno do conteúdo e o estilo. O propósito comunicativo faz com que o gênero vise a determinada ação retórica (HEMAIS e BIASI-RODRIGUES, 2005). Marcuschi (2010), por sua vez, aborda os objetivos comunicativos, conceito que interpretamos como o mesmo propósito comunicativo mencionado pelas autoras supracitadas. O pesquisador afirma que a escrita “seria um modo de produção textual-discursiva para fins comunicativos com certas especificidades materiais” (MARCUSCHI, 2010, p. 25-26). Dessa forma, o propósito comunicativo, ou os objetivos comunicativos, se trata do fio condutor de um gênero, isto é, qual é a finalidade comunicativa de sua produção.

Conseguimos perceber que a comunidade jornalística busca apresentar diferentes propósitos comunicativos para seus gêneros: a notícia, por exemplo, teria, em tese, o objetivo de informar (EMPRESA BRASIL DE COMUNICAÇÃO, 2013). Reginato (2018), por sua vez, após pesquisar sobre os propósitos do jornalismo, âmbito que compreende a notícia, chegou a 12 finalidades, dentre elas informar de modo qualificado, selecionar o que é relevante e registrar a história e construir memória. Dessa forma, a notícia não tem um único propósito comunicativo.

Nesse sentido, Nascimento (2006) afirma que a argumentação é característica de todos os gêneros, evidenciando que é falsa a divisão dos gêneros jornalísticos entre opinativos e informativos. Ao utilizar diversos recursos argumentativos, a notícia veicula informações posicionadas, cumprindo propósitos comunicativos que vão além de apenas informar a população.

Até aqui, discorremos sobre conceito de gênero e entendemos que sua produção é indissociável da situação de comunicação, a qual varia com base no propósito comunicativo de cada texto e de acordo com a comunidade discursiva em que se situa e do contexto sócio-histórico, os quais levam em consideração as crenças, os valores e as ideologias que estão inseridas nesse contexto de produção. Por conseguinte, é preciso discutir, ainda, sobre a existência de uma possível dicotomia entre gênero discursivo e gênero textual, para que possamos definir o termo que será utilizado em nossa pesquisa.

Bezerra (2017) explica que os gêneros discursivos seriam centrados nas situações de produção dos enunciados ou textos e em seus aspectos sócio-históricos, enquanto a teoria dos gêneros textuais se relacionaria às pesquisas que se concentram na descrição da materialidade textual. Essa diferenciação, segundo Rojo (2010), indica uma maior ou menor aproximação à teoria bakhtiniana, embora ambas encontrem suas raízes nos estudos de Bakhtin. Dessa forma, a autora aponta que as teorias que tratam dos gêneros enquanto discursivos são aquelas que possuem enfoque nas situações de produção dos enunciados ou textos, levando em consideração, também, os aspectos sócio-históricos, ao passo que as teorias que tratam dos gêneros enquanto textuais centram-se na descrição da materialidade textual.

Além disso, Bezerra (2017) conclui, após suas análises, que por vezes só se observa a distinção entre gêneros discursivos e gêneros textuais em contextos em que se é necessário fazer qualquer tipo de distinção entre eles. Em muitas tradições, como lembra o pesquisador, utiliza-se apenas o conceito de “gênero”, como na tradição anglófona. O autor aponta, ainda, que não existem objetivos distintos entre gêneros textuais e discursivos, o que é passível de ocorrer são diferentes abordagens de um mesmo objeto. É possível optar por uma dicotomia entre os termos, mas é importante levar em consideração que o fenômeno estudado e analisado é o mesmo.

Levando em consideração as discussões realizadas acima sobre o conceito de gênero e a possível dicotomia conceitual entre gêneros textuais e gêneros discursivos, adotaremos a expressão “gêneros textuais” para tratar os gêneros ao longo de nosso trabalho. Essa escolha é justificada pois nossa análise se pauta no uso das modalidades enquanto pistas linguísticas que marcam a presença da argumentação em produções textuais em sua materialidade, conforme abordado por Rojo (2010). Dessa forma, embora a modalidade também possa ser estudada sob um viés discursivo, em nosso trabalho buscaremos nos aproximar mais da materialidade linguística.

É preciso diferenciar, ainda, as noções de gênero textual e tipo textual, comumente confundidos em instâncias escolares e até mesmo em acadêmicas. Segundo Marcuschi (2003), tipo textual está relacionado aos aspectos lexicais e sintáticos, aos tempos verbais e às relações lógicas, isto é, uma construção linguística e textual. É como se os tipos de texto se configurassem como classes ou categorias, como descrição, narração, dissertação, exposição e injunção. Gênero textual, por sua vez, relaciona-se aos textos materializados nas atividades comunicativas do dia a dia, sendo definidos não só por traços formais como léxico e sintaxe, mas, sobretudo por características sociocomunicativas e propriedades funcionais, como é o

caso de cartas, bilhetes, notícia jornalística, horóscopo, resenha, piada, edital de concurso, aulas virtuais, entre outros (MARCUSCHI, 2003). A descrição do autor para cada uma das terminologias e os exemplos podem ser observados no quadro abaixo:

Tipos Textuais	Gêneros Textuais
1. constructos teóricos definidos por propriedades linguísticas intrínsecas;	1. realizações linguísticas concretas definidas por propriedades sócio-comunicativas;
2. constituem sequências lingüísticas ou seqüências de enunciados e não são textos empíricos	2. constituem textos empiricamente realizados cumprindo funções em situações comunicativas;
3. sua nomeação abrange um conjunto limitado de categorias teóricas determinadas por aspectos lexicais, sintáticos, relações lógicas, tempo verbal;	a) sua nomeação abrange um conjunto aberto e praticamente ilimitado de designações concretas determinadas pelo canal, estilo, conteúdo, composição e função;
b) designações teóricas dos tipos: narração, argumentação, descrição, injunção e exposição	4. exemplos de gêneros: telefonema, sermão, carta comercial, carta pessoal, romance, bilhete, aula expositiva, reunião de condomínio, horóscopo, receita culinária, bula de remédio, lista de compras, cardápio, instruções de uso, outdoor, inquérito policial, resenha, edital de concurso, piada, conversação espontânea, conferência, carta eletrônica, bate-papo virtual, aulas virtuais etc.

Tabela 1 – Quadro elaborado por Marcuschi (2003, p. 23) para diferenciar tipos textuais e gêneros textuais e exemplificar cada um deles (sic).

A distinção entre gêneros e tipos textuais que propõe Marcuschi (2003) faz-se necessária para entendermos melhor o contexto da notícia jornalística, gênero textual que compõe nosso *corpus* de pesquisa, tendo em vista que um mesmo gênero pode conter traços de diferentes tipos textuais. A notícia, portanto, possui, ao mesmo tempo, traços de descrição, de narração e de argumentação. Alguns autores, como Rabello (2008), apontam o caráter informativo da notícia, abordando que esse gênero é de tipo textual narrativo com traços descritivos. No entanto, divergindo dessa perspectiva, Gomes e Rabelo (2016) destacam que os gêneros jornalísticos também possuem características de tipo textual argumentativo, uma vez que são redigidos com objetivos e finalidades, evidenciando uma linha argumentativa.

Segundo Corbari e Ramos (2018, p. 2904), “a notícia é comumente construída com fragmentos de discursos [...] que são trazidos para a tessitura textual pelo produtor do texto a sua maneira ou conformados à intenção das empresas jornalísticas”. Dessa forma, as autoras apontam a presença da finalidade e dos objetivos do locutor na escrita das notícias, evidenciando, também, a intenção dos veículos midiáticos, que faz parte de toda a construção textual desse gênero.

Para melhor entendimento do tipo argumentativo, que acreditamos ser inerente à notícia jornalística, propomos apresentar a visão de alguns autores. Travaglia (2007) aponta que os textos argumentativos são aqueles em que os enunciadores mobilizam argumentos e recursos linguísticos apropriados ao convencimento e à persuasão de quem os lê. Preuss (2017), em consonância com essa explicação, aponta que um texto argumentativo é aquele que possui por objetivo defender determinado ponto de vista ou persuadir o interlocutor, utilizando argumentos a favor ou contra. O locutor pode, ainda, tentar refutar ou comprovar determinadas ideias ou até mesmo debater uma causa. Blain (2000) também corrobora essa ideia ao afirmar que:

O tipo argumentativo é uma estrutura ou uma tese formulada. [...] Suas principais características linguísticas são a presença da articulação de enunciados que são explícitos pelas marcas de relação e de organização textual, pela presença de discurso reportado e por marcas de modalidade. (BLAIN, 2000, p. 37, tradução nossa).

Dessa forma, a partir do que discutem os autores, compreendemos a notícia enquanto gênero textual que possui traços do tipo textual argumentativo. Nascimento (2006, p. 71-72) também concorda com essa premissa ao afirmar que “a notícia jornalística, diferentemente do que é proposto em manuais de redação de empresas jornalísticas, é um gênero do discurso marcado pela presença de elementos argumentativos”. O tipo argumentativo é, pois, marcado pela presença de uma linha argumentativa, isto é, uma direção que o locutor planeja para alcançar seus objetivos com o texto. A partir das marcas linguísticas produzidas pela argumentação, portanto, o interlocutor é direcionado a chegar a determinadas conclusões.

Gomes e Rabelo (2016) também contribuem para essa discussão ao abordar a importância das escolhas linguísticas na construção das notícias jornalísticas. Segundo as pesquisadoras, tudo na construção da notícia é argumentativo: a definição da manchete, a escolha dos termos lexicais a serem utilizados e o ângulo das fotografias que completam o

texto. Cada uma dessas escolhas carrega posicionamentos argumentativos, uma vez que são resultado de julgamentos e de decisões por parte do redator sobre o que deve ser noticiado e de que forma. As autoras dão destaque, ainda, aos *hiperlinks* utilizados nas notícias jornalísticas publicadas em meio on-line, os quais também contribuem para direcionar o leitor para uma seleção de assuntos e pontos de vista.

A notícia não pode ser considerada apenas um simples relato de acontecimentos, pois como afirma Koch (2004), o uso da linguagem é uma atividade sociointerativa que envolve intenções, forma de ação, intencionalidade, ideologia e argumentatividade. Além disso, Gonçalves (2011) aponta que os textos que circulam nas mídias, ao atender propósitos como informar, opinar, anunciar, denunciar, entre outros, são perpassados e atravessados pela linguagem em uso e pelas intenções do produtor. Dessa forma, é possível identificar, no interior desses textos, marcas linguísticas que indicam posicionamentos, além de diferentes vozes e perspectivas, o que, a nosso ver, evidencia o caráter argumentativo do gênero.

Até aqui, apresentamos a noção de gênero e situamos a notícia jornalística enquanto gênero textual que também possui traços de argumentatividade, perspectiva adotada no desenvolvimento deste trabalho. Nas seções seguintes, apresentaremos o conceito de modalidade, tendo como base teórica principalmente Ávila (2015), Ávila e Cária (2017) e Neves (2006) e discutiremos a relação entre modalidade, argumentação e intertextualidade, amparados por Koch (2004) e Marcuschi (2007).

1.2 Modalidade e aspectos argumentativos

Nesta seção, traçaremos um breve percurso teórico sobre os estudos enunciativos, a fim de entender como a categoria da modalidade se insere no processo de enunciação. Em seguida, buscaremos conceituar, teoricamente, o conceito da modalidade, além de apresentar e discutir as diferentes categorias modais a partir de diferentes classificações.

Para chegar à definição e à classificação que tomaremos como base para nossa pesquisa, nos basearemos, principalmente, em Neves (2006), contudo apresentaremos também os estudos de outros autores sobre o tema. Por fim, discutiremos a relação das modalidades com o conceito de argumentação, focalizando em seu uso enquanto estratégia argumentativa em produções linguísticas. Partindo do pressuposto de que a argumentação é intrínseca à

linguagem (KOCH, 2004), sabemos que não é possível produzir textos ou discursos que sejam isentos das crenças e dos juízos de valor de quem os produz.

Cremonese (2007, p. 15) afirma que “toda teoria é resultado de uma evolução dentro de sua área de conhecimento”. Dessa forma, para situar os estudos sobre modalidade, parece-nos necessário traçar um breve percurso teórico acerca dos Estudos da Enunciação, uma vez que Bally (1921; 1948; 1965) insere a modalidade como parte dos estudos enunciativos ao tratar do *modus* que, para o autor, se trata do julgamento afetivo de um enunciador.

Em seu trabalho, a pesquisadora Cremonese (2007) aborda que os estudos relacionados à linguagem são vastos e ricos espaços de geração de conhecimento e acrescenta, ainda, sobre a Linguística da Enunciação: um campo de estudos que se desenvolveu a partir de diferentes pensamentos sobre a linguagem. A autora destaca a importância de Saussure, conhecido como o fundador da linguística, e pontua que os estudiosos da Enunciação tiveram, de alguma forma, o teórico francês como ponto de partida.

Em meio a essa perspectiva, nos deparamos com os estudos de Bally, fundador da Estilística enquanto disciplina. O pesquisador suíço compara a importância da estética da literatura com a estética da língua falada e conclui que, enquanto a estética é o fim da literatura, na língua falada ela é um meio para chegar a um fim, ou seja, a estética é pensada com objetivo de comunicar pensamentos e afetividade (BALLY, 1921).

Ao definir a disciplina de estilística, Bally (1921) pontua que ela “estuda os fatos de expressão da linguagem organizada sob o ponto de vista de seu conteúdo afetivo, isto é, a expressão dos fatos da sensibilidade pela linguagem e a ação dos fatos de linguagem sobre a sensibilidade” (BALLY, 1921, p. 16, tradução nossa²). Dessa forma, percebemos que, para o autor, são importantes o ponto de vista do enunciador e as marcas de afetividade presentes na linguagem, os quais evidenciam a subjetividade.

Bally, na obra *Le langage et la vie*, também pontua os objetivos comunicativos das produções linguísticas, que vão além da descrição, da narração e da explicação. Segundo o autor, constata-se que “uma conversação tem um objetivo prático, as narrativas, as explicações e as descrições do sujeito não são somente narrativas, explicativas ou descritivas; elas são compostas de ações diversas, e todas possuem um objetivo prático” (BALLY, 1965,

² « La stylistique étudie donc les faits d'expression du langage organisé au point de vue de leur contenu affectif, c'est-à-dire l'expression des faits de la sensibilité par le langage et l'action des faits de langage sur la sensibilité. »

p. 23, tradução nossa³). Compreendemos, a partir desse apontamento, a presença dos traços textuais argumentativos em produções que, aparentemente, não teriam a argumentação por objetivo, como é o caso das narrativas.

Bally (1948, p. 35, tradução nossa⁴) afirma que qualquer “enunciação do pensamento pela língua é condicionado logicamente, psicologicamente e linguisticamente”. Segundo Cremonese (2007), a porção linguística é a materialização da enunciação enquanto a parte lógica, por sua vez, se trata da relação entre o sujeito e os signos, de maneira direta e objetiva. Por fim, a porção psicológica abordada pelo autor suíço e destacada por Cremonese (2007), nos interessa por se relacionar, necessariamente, à modalidade, ou *modus*, como é denominada. Segundo o estudioso, a operação psicológica marca o entendimento, o julgamento de valor e o julgamento de vontade, dando sentido as partes formais das frases enunciadas.

Embora seja possível discernir cada uma das partes, Bally (1948) pontua que o *modus* está engrenado na estrutura lógica e linguística. Da mesma forma, a forma linguística também não se separa das demais. Qualquer análise que vise aos estudos da modalidade, portanto, precisa perpassar pela enunciação e considerar as modalidades, os signos linguísticos em sua objetividade e a materialização da enunciação.

Ainda segundo Bally (1965), com colaborações de Cremonese (2007), entendemos que o falante exprime seus pensamentos a partir da linguagem, que é, na verdade, um meio imperfeito para transmissão das ideias. Nesse sentido, acreditamos ser relevante incluir na discussão, também, os estudos de Benveniste (1989, p. 82), que propõem o que conhecemos como “o aparelho formal da enunciação”. O estudioso afirma que enunciar se trata de “colocar em funcionamento da língua por um ato individual de utilização”, destacando as marcas de subjetividade presentes nesse ato.

Visando descrever os estudos enunciativos de Benveniste, Balzan (2017) pontua que a noção de subjetividade é determinante na concepção do sujeito falante, sendo uma categoria inerente à formulação de uma teoria da comunicação. Segundo a autora, Benveniste tem uma “abordagem sobre a leitura como um ato de apropriação da língua pelo sujeito que, ao

³ «On constate pourtant que dans une conversation poursuivant un but pratique, les récits, les explications et les descriptions du sujet ne sont pas purement narratives, explicatives ou descriptives ; ce sont de véritables actions, et toutes visent un but pratique. »

⁴ « Toute énonciation de la pensée par la langue est conditionnée logiquement, psychologiquement et linguistiquement. »

enunciar-se, reconstitui sentidos e instaura, no discurso, as marcas de subjetividade” (BALZAN, 2017, p. 90). A pesquisadora pontua, ainda, que Benveniste, ao conceituar a “subjetividade”, visa tratar da capacidade do locutor de se propor enquanto “sujeito” de sua enunciação.

Ainda no que concerne ao percurso teórico da Teoria da Enunciação, destacamos a importância dos estudos de Ducrot. Segundo o autor, “quando há um locutor, este é necessariamente também o sujeito de consciência” (DUCROT, 1987, p. 162), o que corrobora as discussões realizadas que evidenciam que há um sujeito no uso da linguagem. Barbisan (2007, p. 31), ao descrever a questão da argumentação presente nos enunciados sob o ponto de vista de Ducrot, aponta que “não há uma parte objetiva no sentido da linguagem, porque ela não descreve diretamente a realidade. Segundo ele [Ducrot], se a descreve, o faz por meio de seus aspectos subjetivos e intersubjetivos”

As discussões realizadas por Ducrot em A Teoria da Argumentação na Língua afirmam que os enunciadores são, também, argumentadores (BARBISAN, 2007), o que corrobora para embasar teoricamente nossas análises que visam evidenciar, a partir do uso dos modalizadores, os traços argumentativos presentes nas notícias jornalísticas que compõem nosso *corpus* de pesquisa. Os estudos enunciativos, então, conforme apresentados, têm muito a contribuir com nossos estudos uma vez que as modalidades estão inseridas no processo de enunciação e destacam as subjetividades de um enunciador ao desenvolver o gênero notícia jornalística.

Tendo em vista essa perspectiva, faz-se necessário, ainda, abordar a conceituação e a categorização da modalidade sob um viés lógico e linguístico. Ávila (2014), em sua pesquisa, afirma que a noção de modalidade foi debatida por diferentes estudiosos, como filósofos, lógicos e linguistas. O tema é tratado a partir de diferentes vieses, porém todos são pautados na ideia de que a modalidade está diretamente relacionada à noção de verdade e com a opinião do falante sobre o que é enunciado.

Dessa forma, nosso trabalho encontra-se alinhado aos estudos da modalidade, visto que objetivamos evidenciar, por meio de marcas linguísticas, os posicionamentos dos enunciadores das notícias que compõem nosso *corpus*. Ávila e Cária (2017, p. 120) também afirmam que assim como “a definição de modalidade está longe de ser um consenso, a tipologia de valores modais também varia, ao longo do tempo”. Discutiremos, portanto, além da definição de modalidade, as suas classificações mais comuns, visando definir um quadro teórico que irá guiar nossa análise.

Neves (2006) pontua como questão fundamental que enunciar significa modalizar, sendo necessário saber em que grau esta modalização ocorre e a partir de quais meios o falante ajusta as modalidades em seu enunciado. Para Ávila e Cária (2017, p. 120), as expressões linguísticas que exprimem modalidade “permitem ao falante [...] qualificar o que enuncia como ‘possível’, ‘provável’, ‘necessário’, ‘de acordo com suas crenças, opiniões e certezas’”.

Ainda sobre os estudos da modalidade, segundo Bybee e Fleischman (1995), a categoria corresponde ao domínio semântico pertencente aos elementos de significado que as línguas expressam e é expressa na linguagem de várias maneiras: morfológica, lexical, sintático ou via entonação. Segundo Corbari (2016), o processo de modalização é responsável por marcar a relação que o produtor do texto estabelece com o conteúdo do enunciado que produz e com seu interlocutor.

Ávila (2014) aponta que tanto os estudos lógicos quanto os estudos linguísticos utilizam os mesmos termos para tratar da modalidade. Contudo, os estudiosos dos campos possuem diferentes partições em sua classificação. Segundo a pesquisadora, enquanto a lógica divide a modalidade em subjetiva e objetiva e ocupa-se do caráter objetivo, a tradição linguística busca evidenciar a modalidade a partir da sua subjetividade e de sua relação com as atitudes do falante. Embora existam essas duas tradições de estudos sobre modalidade, é importante destacar que ambas as perspectivas têm por base as mesmas possibilidades para categorização e classificação, conforme discutiremos a seguir.

Tomaremos como base a perspectiva de Neves (2006) para definir e classificar as modalidades, no entanto também traremos contribuições Cária e Ávila (2017). Por conseguinte, apresentaremos um quadro classificatório que será utilizado na análise dos modalizadores encontrados nas notícias. Pontuaremos as modalidades, logo, seguindo as classificações da Neves (2006), que enumera cinco delas: (1) alética, (2) epistêmica, (3) deôntica, (4) bulomaica e (5) disposicional. As modalidades supracitadas serão discutidas, viabilizando, assim, a definição do nosso quadro classificatório.

A modalidade (1) alética é a primeira modalidade a ser mencionada e estudada desde a lógica aristotélica, pode ser chamada de modalidade lógica e se relaciona à verdade necessária ou contingente à uma proposição. Segundo Ávila (2014, p. 25), no âmbito da lógica aristotélica, “uma proposição é uma sentença declarativa que contém uma verdade ou uma falsidade, não podendo ocorrer as duas simultaneamente”, o que vai de acordo com Neves

(2006), a qual afirma que a modalidade alética diz respeito ao comprometimento com a verdade de uma proposição, relacionando-a a um mundo possível.

Após entender que a modalidade alética se relaciona, diretamente, à verdade presente nas proposições, acreditamos, a princípio, que não é necessário fazer essa análise em nosso *corpus*, uma vez que as notícias se tratam, necessariamente, de acontecimentos reais em um mundo não fictício.

É importante destacar, contudo, que estamos inseridos em um contexto de comunicação em tempo real, no qual a circulação e a replicação de informações acontecem de forma muito rápida e até mesmo desordenada, conforme abordado no capítulo introdutório deste trabalho (DANTAS, 2012; LOPES e BONISEM, 2019; MARTINO, 2014; MONTEIRO, 2020; RECUERO, 2012), de maneira que podemos nos deparar, muitas vezes, com *fake news*⁵. Logo, nem toda notícia que circula é, necessariamente, provida apenas de verdade. Consideraremos, portanto, para fins desse trabalho, que as mídias analisadas se comprometem com a publicação de acontecimentos reais, mesmo que acometidos de marcas de subjetividade, não sendo nossa responsabilidade a checagem dos fatos⁶ apresentados.

A modalidade (2) epistêmica, segundo Neves (2006), se relaciona à necessidade e à possibilidade no que concerne ao conhecimento do falante e sua visão de mundo. Ávila (2014, p. 47) conceitua a modalidade epistêmica como “a linguagem das possibilidades” e destaca que a avaliação vai da absoluta certeza de que um determinado estado de coisas é real até a absoluta certeza do contrário, de forma que os dois extremos estariam em um *continuum* que inclui a *possibilidade* e a *probabilidade*, conforme pode ser observado nos exemplos a seguir:

- a) “As universidades estão sem condições de funcionar e os estudantes estão preocupados com o que **pode** acontecer no futuro.” (VEJA, 2019, grifos nossos).

⁵ De acordo com Gomes e Dourado (2019, p. 35), “reservou-se [...] o termo *fake news* para designar os relatos pretensamente factuais que inventam ou alteram os fatos que narram e que são disseminados, em larga escala, nas mídias sociais, por pessoas interessadas nos efeitos que eles poderiam produzir”. Ainda segundo os autores, o termo tornou-se popular ao caracterizar as narrativas falsas produzidas e compartilhadas durante a campanha presidencial de Donald Trump em 2016. Allcott e Gentzkow (2017, p. 213) também definem as *fake news*, apontando que elas são “artigos intencionalmente falsos e aptos a serem verificados como tal, e que podem enganar os leitores”.

⁶ Segundo Graves (2016), a checagem de fatos – *fact checking* –, é um fenômeno que surgiu nos Estados Unidos na última década e se espalhou no cenário internacional. A checagem de fatos consiste na verificação de fatos políticos, gerando relatórios especializados, para desmistificar a desinformação política. Além disso, segundo o estudioso, esse movimento visa ao estabelecimento de padrões e práticas comuns que garantam a confiabilidade das fontes jornalísticas.

- b) *Segundo os funcionários, a empresa **deve** reembolsar o gasto.* (VEJA, 2019, grifos nossos).

Tratando-se de uma comparação entre o grau de possibilidade, a proposição (a) se trata de algo remoto, em que o verbo *poder* destacado evidencia o sentido de possibilidade. É possível que algo aconteça e não há qualquer comprovação ou determinação de que isso se tornará realidade, visto que não se sabe o que virá a acontecer no futuro das universidades públicas, formulando-se uma dúvida que se encontra no campo das possibilidades. No exemplo (b), por sua vez, temos o verbo *dever*, que indica algo que é provável que aconteça, apontando uma situação necessária aos funcionários da empresa. Ambas as modalidades se encontram no campo das possibilidades, com valor epistêmico.

Ao tratar da modalidade (3) deôntica, Neves (2006) e Ávila (2014) apontam que ela se refere a *obrigações* e *permissões* que se relacionam a traços ligados ao falante. Ávila (2014) aborda que esses valores estão relacionados a princípios morais ou legais, ou a conduta social. Acrescentaremos, ainda, o subvalor de *necessidade*, também mencionado por Cária e Ávila (2017). As autoras definem como subvalores da modalidade deôntica a *necessidade*, a *obrigação* e a *permissão*, e afirmam que a modalidade deôntica pode ser observada em diretivas que têm por objetivo determinar a garantia de permissões e a imposições de obrigações, bem como determinar condições ou impedimentos.

Consideraremos, portanto, como subvalores da modalidade deôntica os sentidos de *obrigação*, *permissão* e *necessidade*, conforme podemos observar nas enunciações abaixo:

- c) Por isso, cada passo de um governo **tem que** ser explicado para todos. (VEJA, 2019, grifos nossos).
- d) “**Permitindo** separar o joio do trigo... as que quiserem ficar no atual modelo, **poderão** ficar”, disse Weintraub. (VEJA, 2019, grifos nossos).
- e) “A militância dos partidos de esquerda que estão na rua conosco **precisa** cobrar as direções de seus partidos [...]”. (VEJA, 2019, grifos nossos).

Fica evidente o sentido de obrigação no exemplo (c), representado pelo uso do “tem que”. Nesse trecho, o uso do verbo modalizador indica que essa explicação deve, obrigatoriamente, ser realizada. No exemplo (d), a fala do ministro confere permissão às instituições que não quiserem alterar seu modelo. Na enunciação (e), por fim, o sentido não chega a ser de uma obrigação, e sim de algo que é necessário, importante de ser realizado.

Neves (2006) menciona a modalidade (4) bulomaica, que também pode ser chamada de volitiva, e diz respeito à necessidade e à possibilidade que se relacionam aos *desejos* do falante, isto é, que demonstram a existência da vontade ou desejo em se realizar algo (NEVES, 2006):

*f) Não estou **querendo** diminuir o ensino superior, o que a gente se propõe é cumprir com o plano de governo apresentado à população na campanha. (VEJA, 2019, grifos nossos).*

No exemplo (f), o verbo “querer”, em forma do gerúndio, aponta que não há vontade, por parte do enunciador, em subestimar o ensino superior do Brasil, evidenciando o uso da modalidade bulomaica e a relação do enunciador com o conteúdo que é enunciado.

Por fim, Neves (2006) apresenta a modalidade (5) disposicional, que também pode ser chamada de habilitativa, referindo-se à habilitação, disposição ou capacitação. A autora acrescenta, ainda, que essa modalidade poderia estar relacionada, também, à possibilidade deôntica. Para Ávila (2014), no entanto, o valor disposicional, ou de capacidade, como a pesquisadora o define, se trata da existência de condições internas de habilidade no agente, que possibilitam ou não a realização de determinadas ações.

*g) A maioria das escolas estava sem aulas por adesão à greve ou porque os estudantes **não conseguiram** chegar. (VEJA, 2019, grifos nossos).*

No exemplo acima, a utilização de “não conseguiram” indica a não capacidade dos estudantes na realização de algo, no caso chegar às escolas. A impossibilidade foi causada por questões habilitativas que não garantiram a chegada dos estudantes às escolas. É possível perceber na proposição, ainda, como abordado por ambas as autoras, que essa modalidade não

envolve nem a atitude nem a opinião do enunciador, se tratando de outros sujeitos da sentença, aqui representados pelos estudantes.

Neves (2006), entretanto, destaca que há discussão acerca da classificação de valor modal para a modalidade bulomaica e para a disposicional, as quais, segundo a autora, são, no fundo, uma necessidade deôntica e uma possibilidade deôntica, respectivamente (NEVES, 2006). Dessa maneira, os valores bulomaico e habilitativo podem tanto ser classificados como subvalores da modalidade deôntica, mantendo as categorias epistêmica e deôntica, quanto formar juntos a modalidade dinâmica, acarretando uma tripartição modal.

Ávila (2014), em consonância com a observação feita por Neves, inclui as modalidades bulomaica (ou volitiva) e disposicional (ou de capacidade) dentro de uma terceira categoria, a modalidade dinâmica. Essa classificação também é reiterada por Cária e Ávila (2017), que propõem três valores modais segundo a literatura linguística tradicional: epistêmico, deôntico e dinâmico. Todavia, não consideraremos, em nossa análise, a modalidade habilitativa, por entender que ela não evidencia a subjetividade do produtor em suas enunciações:

Modalidade epistêmica	Possibilidade
	Probabilidade
Modalidade deôntica	Obrigação
	Permissão
	Necessidade
Dinâmica	Volição

Tabela 2 – Modalidades e subclassificações utilizadas para análise dos verbos modalizadores encontrados em nosso *corpus*, com base em Neves (2006) com adaptações de Cária e Ávila (2017).

Destacamos que os exemplos apresentados nas discussões acima foram retirados do nosso *corpus* de pesquisa e introduzidos nessa seção visando ilustrar os subvalores modais, de forma que uma análise mais descritiva será realizada no capítulo de resultados e discussão.

A partir das discussões acerca do conceito de modalidade e de suas classificações e exemplos apresentados acima, destacamos como é possível perceber, a partir da escolha linguística de verbos modalizadores, a presença da subjetividade do enunciador nas notícias

jornalísticas. Tais discussões nos dão aporte teórico para corroborar a premissa de que esse gênero textual também possui traços argumentativos, conforme defendemos na primeira parte deste capítulo teórico.

1.3 Modalidade, argumentação e intertextualidade

A partir de uma leitura primeira e de uma análise inicial das notícias selecionadas, foi possível constatar que, no *corpus*, grande parte das modalidades se encontra em discursos reportados, conforme discutiremos de maneira mais detalhada no capítulo de resultados e discussão. Dessa forma, a argumentatividade proveniente do uso dessas marcas linguísticas justifica a importância de se discutir o conceito de intertextualidade em nossa pesquisa. É necessário, ainda, descrever de que forma essa intertextualidade pode acontecer nas notícias, isto é, como esse discurso reportado é incorporado à notícia. Buscaremos elucidar, portanto, as razões para o uso de outros enunciados nesse gênero textual, bem como a sua importância para a construção da linha argumentativa desses textos.

Discutiremos, a princípio, a noção de argumentação, relacionando-a ao conceito de modalidade. Em seguida, traçaremos a relação entre esse conceito e a utilização dos intertextos na produção da notícia, nosso objeto de estudo. Para tal, iniciamos nossa discussão com os estudos de Koch (2004) que afirma que o homem se apropria da linguagem com objetivo de atuar e interagir socialmente, sendo a argumentatividade parte da interação social.

Na perspectiva da pesquisadora, o homem, em sua produção linguística, se posiciona, realiza avaliações, julgamentos e críticas, formando, assim, juízos de valor e direcionando as opiniões e os comportamentos dos outros. Assim, Koch (2004, p. 17) afirma que “a todo e qualquer discurso subjaz uma ideologia” e que a “neutralidade é apenas um mito”. A autora evidencia, ainda, o papel da argumentação e sua presença na interação social e na língua:

(...) o **ato de argumentar**, isto é, de orientar o discurso no sentido de determinadas conclusões, constitui o ato linguístico fundamental, pois a **todo e qualquer discurso subjaz uma ideologia**, na acepção mais ampla do termo. A neutralidade é apenas um mito: o discurso que se pretende “neutro”, ingênuo, contém também uma ideologia – a da sua própria subjetividade”. (KOCH, 2004, p. 17, grifos da autora).

Assim sendo, é possível afirmar que nenhuma produção textual está isenta das ideologias, avaliações e juízos de valor daqueles que a produzem, sendo a argumentatividade uma característica intrínseca à linguagem. Ainda de acordo com essa afirmação, Marcuschi também reconhece que a neutralidade é impossível em produções linguísticas:

Sabemos que toda informação é fruto de uma certa *compreensão* do fenômeno apresentado. E esta compreensão funda-se nas estruturas sócio-político-culturais daquele que informa, seja ele um indivíduo, o jornalista, ou uma entidade, a agência noticiosa ou linha editorial do órgão jornalístico. Isso submete a construção da informação ao mecanismo das condições de produção daquele discurso, o que exigiria, previamente, uma análise da ideologia de cada fonte informadora (MARCUSCHI, 2007, p. 146, grifos do autor).

O autor, além de destacar a impossibilidade da neutralidade em qualquer texto, mesmo que informativo, analisa como a parcialidade ocorre nos discursos, assim como Koch (2004). Esta última afirma que a argumentatividade deixa certas marcas linguísticas nos textos, dentre as quais se destacam as pressuposições, as marcas de intenção, os operadores argumentativos e os modalizadores, que revelam a atitude perante o enunciado que se é produzido (KOCH, 2004).

Discursos imparciais e neutros são, dessa forma, impossíveis, pois toda interação realizada a partir da língua possui a presença da argumentatividade, e um produtor sempre irá conduzir seu texto a partir de intenções pessoais. Ainda de acordo com a autora:

Ora, o discurso, para ser bem estruturado, deve conter, implícitos ou explícitos, todos os elementos necessários à sua compreensão, deve obedecer às condições de **progresso** e **coerência**, para, por si só, produzir comunicação: em outras palavras, deve constituir um **texto**. Todo texto caracteriza-se pela textualidade (tessitura), rede de relações que fazem com que um texto seja um texto (e não uma simples somatória de frases), revelando uma conexão entre as intenções, as ideias e as unidades linguísticas que o compõem, por meio do encadeamento de enunciados dentro do quadro estabelecido pela enunciação. (KOCH, 2004, p. 19-20, grifos da autora).

Koch (2004), ao tratar da necessidade de haver progresso e coerência para que haja textualidade em um texto, mostra que há conexão entre a produção linguística e as intenções do produtor. A observação da autora fica clara quando analisamos os objetivos de qualquer texto, isto é, cada produção linguística é realizada com um objetivo, seja informar sobre algo,

convencer um público, anunciar um produto ou até mesmo fazer uma pergunta. A produção linguística tem, portanto, ligação direta com as intenções de seu produtor, que não realiza nenhum texto em vão.

No que concerne ao uso da linguagem para atingir os objetivos do falante/produtor, Perelman (1987), vinculando-se às tradições da retórica e da dialética grega, afirma que alguns recursos discursivos são utilizados para seja possível obter a adesão do ouvinte/leitor, de forma que há técnicas utilizadas na linguagem para persuadir e convencer. Essa afirmação pode ser observada na prática linguística e discursiva, pois é comum notar diversos textos e discursos que visam ao convencimento dos interlocutores.

A partir das discussões realizadas, concluímos que a argumentação é parte de qualquer produção linguística e que todo texto ou discurso é produzido com determinados objetivos, os quais envolvem persuasão ou adesão de um leitor ou interlocutor às escolhas ou pontos de vista daquele que o produz. Segundo Koch (2004), o recurso às modalidades também evidencia a presença da argumentatividade na linguagem, conforme pode ser identificado:

Dentro de uma teoria de linguagem que leva em conta a enunciação, consideram-se **modalizadores** todos os elementos linguísticos diretamente ligados ao evento de produção do enunciado e que funcionam como indicadores das intenções, sentimentos e atitudes do locutor com relação ao seu discurso. (KOCH, 2004, p. 136, grifos da autora).

Ainda segundo a autora, ao se estruturar o discurso, projeta-se a relação entre enunciados a partir de certas relações de modalidade (KOCH, 2004). Gonçalves (2015, p 13), afirma que a “argumentatividade está presente em todas as esferas comunicativas, e a modalização é um dos recursos mais utilizados para convencer, persuadir e argumentar”. Dessa forma, a modalidade se relaciona à argumentação na medida em que participa da construção da linha argumentativa das produções linguísticas, perspectiva à qual nos alinharemos no desenvolvimento desta pesquisa, visto que buscaremos evidenciar a argumentação presente no *corpus* a partir do uso de modalizadores.

Quanto à conceituação do termo, Neves (2006) afirma que os estudos sobre modalidade são muito diversos, pois a conceituação da categoria varia por diferentes fatores, como o campo de estudo e as orientações teóricas. Mello et al. (2009) também discorrem sobre a dificuldade em se definir o conceito e afirmam que tratou-se da noção de modalidade,

pela primeira vez, na teoria lógica aristotélica, isto é, é um conceito estudado há muitos anos, perpassando por diversas teorias e correntes de pensamento.

A modalidade possui várias definições e está presente em diferentes campos sob diversas perspectivas, desde os primórdios dos estudos lógicos. Sendo assim, para se trabalhar com a modalidade, é preciso definir um campo de estudos e vincular-se à uma teoria, de forma que trabalharemos, nesta pesquisa, a modalidade a partir dos estudos linguísticos, em que a categoria é associada à atitude e opinião que o enunciador expressa na linguagem, conforme discutimos na seção anterior.

Segundo Neves (2006, p. 152), “se a modalidade é, essencialmente, um conjunto de relações entre o locutor, o enunciador e a realidade objetiva, é cabível propor que não existem enunciados não-modalizados.” Koch (2004), em suas discussões, afirma que todo enunciado diz algo de certo modo, representando um estado de coisas do mundo. De tal forma, percebemos que a neutralidade na linguagem é algo impossível e que, por mais que um texto busque ser objetivo e aparentar impessoalidade, ele sempre estará carregado de traços argumentativos.

Koch (2004) destaca algumas relações que podem ser estabelecidas entre o texto e o evento que constitui sua enunciação, as quais marcam a presença da argumentação. A autora destaca, para esse fim, as pressuposições e as marcas de intenções, as quais podem ser encontradas de maneira explícita ou velada, bem como os operadores argumentativos, que são responsáveis por orientar discursivamente os enunciados. Além disso, a pesquisadora aponta, ainda, os modalizadores, os quais revelam a atitude do enunciador perante o enunciado que é produzido. Os modalizadores, escopo do nosso trabalho, podem ser evidenciados nos eventos enunciativos a partir de marcas linguísticas como advérbios, tempos e modos verbais e expressões que podem indicar crença, certeza ou possibilidade, por exemplo.

Neves (2006), em consonância com Koch (2004) e Marcuschi (2007), também lista diferentes meios pelos quais as modalidades podem ser expressas. A autora, todavia, evidencia mais categorias: os verbos; os auxiliares modais; os verbos de significação plena, que funcionam como indicadores de opinião, crença ou saber; os advérbios, que também podem ser associados a verbos modais; os adjetivos em posição predicativa; os substantivos, em forma de nome modalizador; e as categorias gramaticais como tempo, aspecto e modo do verbo e da predicação (NEVES, 2006, p. 167-168).

Notamos que a modalidade pode estar presente, pois, em diversos gêneros textuais, e pode ser expressa de diferentes formas, as quais evidenciam que ali há um sujeito com vivências, pontos de vista e opiniões, impedindo que sua produção linguística ocorra de maneira objetiva e imparcial. Dentre os gêneros em que é possível encontrarmos as modalidades, destacamos nosso objeto de estudo, as notícias jornalísticas. Os gêneros jornalísticos e, principalmente, as notícias, são muito importantes, pois, como já discutido, estão presentes no cotidiano dos brasileiros. Dessa forma, são textos influentes na formação da opinião pública acerca dos acontecimentos no país. Segundo Rabello (2018, p. 13), as notícias são, basicamente, textos narrativos que se caracterizam por uma pretensa objetividade, isto é, a redação das notícias visa uma linguagem neutra, impessoal e objetiva, sob a qual o redator esconde seus vieses e pontos de vista, bem como a perspectiva editorial que segue.

Dessa maneira, para cumprir com seus objetivos na escrita das notícias, os redatores valem-se de certas estratégias, como trazer outras vozes e textos para comprovar algumas afirmações ou levar os leitores a determinadas conclusões. Entretanto, diferentemente de Rabello, acreditamos que o uso das modalidades não opera apenas com o objetivo de ocultar os posicionamentos dos produtores, sendo parte da construção da linha argumentativa desses textos. Uma das estratégias é recurso a outras vozes, que é utilizada para comprovar ou legitimar um ponto de vista proposto.

Partindo do pressuposto de que os textos são constituídos por diversas vozes, torna-se necessário investigar como o recurso é utilizado. Segundo Kock e Elias (2017, p. 101), a intertextualidade se trata de o fato de todo texto remeter sempre a outros, estando a intertextualidade na base de constituição de todo e qualquer dizer. Ou melhor dizendo, nenhum texto é completamente original, pois se baseia em textos precedentes, o que não é diferente nas notícias jornalísticas.

Segundo Corbari e Ramos (2018, p. 2904), “[...] a notícia é comumente construída com fragmentos de discursos citados [...] que são trazidos para a tessitura textual pelo produtor do texto à sua maneira ou conformados à intenção das empresas jornalísticas”. É possível perceber essa característica de maneira muito clara nas notícias, visto que cada fato noticiado por qualquer veículo midiático cita fontes, traz declarações de terceiros e menciona eventos anteriores, entre outras ações, o que evidencia que esses textos não são textos completamente novos, já que fazem remissão a outros já produzidos. Nesse sentido, de acordo com Koch (2011):

[...] todo texto é um objeto heterogêneo, que revela uma relação radical de seu interior com seu exterior; e, desse exterior, evidentemente, fazem parte outros textos que lhe dão origem, que o predeterminam, com os quais dialoga, que retoma, a que alude, ou a que se opõe. (KOCH, 2011, p. 59).

Dessa forma, fica evidente a importância das intertextualidades, as quais também são comuns na notícia. Em conformidade com as colocações de Koch (2011), Corbari e Ramos (2018) apontam que os discursos citados são incorporados a diferentes gêneros textuais, como é o caso das notícias. As autoras salientam que, na notícia, o recurso à intertextualidade explícita constitui uma estratégia que evidencia a argumentação no texto:

No discurso citado, a enunciação é reconstruída pelo sujeito que a relata, mesmo no caso do discurso direto, uma vez que não há como comparar uma ocorrência de fala efetiva [...] com o recorte apresentado pelo produtor da notícia, que, estrategista que é, dá ao intertexto um enfoque subjetivo (CORBARI e RAMOS, 2018, p. 2921).

Ao apontar o recurso à intertextualidade enquanto estratégia argumentativa, as pesquisadoras remetem ao que afirma Marcuschi (2007, p. 146) quando afirma que, ao parafrasear vozes de outrem, o enunciador pode distorcê-las e realizar interferências, o que ocorre a fim de atingir os objetivos do texto. A intertextualidade presente nas notícias, assim como o recurso à paráfrase, é necessária para conferir credibilidade e evidenciar a presença de fontes para as informações expostas, mas ao mesmo tempo pode ser manipulada pelo redator para construir a linha argumentativa da notícia, visando guiar o leitor a determinadas conclusões.

Bakhtin (2006) também abordou o recurso à intertextualidade no capítulo “O discurso de outrem”, em sua obra “Marxismo e Filosofia da Linguagem”. Segundo o teórico, a enunciação citada é uma construção independente em sua origem, que existe fora do contexto narrativo em que é citada, e passa a fazer parte da unidade estrutural e temática desses textos. Ao adicionar a enunciação de outrem aos seus textos, o narrador, segundo Bakhtin (2006), conserva seu conteúdo e sua autonomia estrutural, embora utilize de regras sintáticas, estilísticas e composicionais para assimilá-la parcialmente:

Nas línguas modernas, certas variantes do discurso indireto, em particular o discurso indireto livre, têm uma tendência inerente a transferir a enunciação citada do domínio da construção linguística ao plano temático, de conteúdo. Entretanto, mesmo assim, a diluição da palavra citada no contexto narrativo

não se efetua, e não poderia efetuar-se, completamente: não somente o conteúdo semântico mas também a estrutura da enunciação citada permanecem relativamente estáveis, de tal forma que a substância do discurso do outro permanece palpável, como um todo auto-suficiente. (BAKHTIN, 2006, p. 148).

Dessa forma, como pontua o estudioso, embora haja a incorporação de discurso de outrem à determinada construção textual, as citações continuam sendo textos independentes que dialogam ativamente com a composição que as cita. Além disso, essas citações são introduzidas nas composições narrativas a partir de formas sintáticas, que segundo Bakhtin (2006, p. 150) “exercem uma influência reguladora, estimulante ou inibidora, sobre o desenvolvimento das tendências de apreensão apreciativa”. Tais considerações Bakhtinianas estão em conformidade com a importância de se estudar a forma como os discursos de outros são introduzidos nas notícias, pois as escolhas realizadas nessa incorporação podem indicar as percepções que possuem os enunciadores acerca dos fatos relatados.

Outras vozes e intertextos podem ser incorporados às notícias em forma de discurso direto, discurso indireto ou até mesmo em forma de paráfrase. A essa estratégia baseada na adição de outras vozes a um texto, Marcuschi (2007) dá o nome de “formas de relatar opiniões” e exemplifica, também, outras maneiras de adicionar as opiniões de outrem aos textos. O autor apresenta, dentre as formas que possibilitam o relato de opiniões: a utilização de verbos introdutórios, tais como “declarar”, “dizer”, “reiterar”, “concordar”; a nominalização de verbos, que culminam em expressões como “declaração”, “informação”, “crítica” e “denúncia”; as construções adverbiais, que se mostram, aparentemente, neutras, mas introduz discursos literais ou parafraseados; e o uso de dois pontos ou aspas, que também pode preceder discursos literais ou parafraseados. (MARCUSCHI, 2007, p. 146-149).

Ao tratar das construções adverbiais introdutoras de opiniões, Marcuschi (2007) afirma que tais expressões merecem estudo específico e mais aprofundado. Embora a modalidade seja aparentemente neutra, uma vez que introduz um discurso de terceiro de maneira literal ou parafraseada, ela é muito comum em diversas produções textuais, não sendo diferente nas notícias. Em suas palavras:

As expressões mais frequentes aqui são: “segundo fulano”, “na opinião de...”, “para fulano”, “a seu ver”, “de acordo com...”, etc. Estas formas deixam as opiniões por conta de quem as emite. Assumem a posição de devolver a responsabilidade do dito ao próprio autor da opinião [...]. Trata-se de um recurso muito delicado ao referir a opinião parafraseadamente, pois o

redator pode parafrasear a opinião de alguém e apresentá-la como literalmente dada. (MARCUSCHI, 2007, p. 148).

Percebemos, portanto, a importância das construções adverbiais na formação das paráfrases, que são, em textos jornalísticos, um recurso necessário, pois para se transmitir alguma informação ou noticiar um ocorrido, é preciso o acesso às fontes primárias. A ausência de outras vozes não daria consistência às notícias pela falta do argumento de autoridade, podendo até mesmo prejudicar a credibilidade das informações transmitidas e do veículo midiático que é responsável por sua publicação e divulgação.

Segundo Marcuschi (2007), a paráfrase é o recurso mais comum para se reproduzir opiniões, pois nem sempre é possível o acesso ao original relatado, o que seria necessário para entender qual foi a interpretação realizada (MARCUSCHI, 2007). Sendo assim, os redatores podem valer-se dos discursos das fontes às quais tiveram acesso a partir de seus objetivos, selecionando informações e fazendo escolhas linguísticas ao redigir as paráfrases, escolhas que fazem parte da construção argumentativa dos textos e que podem vir a determinar conclusões em sua leitura. Além disso, uma vez que as notícias que trazem os discursos de outrem mencionam suas fontes, é comum que os leitores deem credibilidade às informações ali contidas, não buscando verificar tais fontes para conferir a veracidade desses discursos reportados.

Marcuschi (2007) completa que há, ainda, expressões que são introduzidas entre aspas, o que evidencia o que foi dito por quem proferiu a opinião e o separa da produção terceira. Essa é uma estratégia discursiva muito comum em notícias, o que ocorre para se acrescentar informações sem se responsabilizar por elas, funcionando como uma forma de proteção ao redator. Utilizar aspas e trazer o discurso de outro de maneira literal pode funcionar, também, para conferir maior veracidade sobre o discurso proferido quando relacionado ao ponto de vista defendido pelo redator, ou até mesmo quando há discordância em relação ao que é dito, de maneira que se aponta determinado posicionamento para distanciar-se dele.

Como discutido por Marcuschi (2007), os discursos de outrem podem ser incorporados aos textos de diferentes maneiras, as quais chamaremos de tipos de discurso. Não há uma classificação única para os tipos de discurso, havendo diferenciação entre propostas feitas por diferentes autores. Determinadas categorias podem assemelhar-se e, ao mesmo tempo, possuir nomenclaturas diferentes.

Rabello (2008) propõe que as falas podem ser introduzidas pelo discurso direto, discurso indireto ou por expressões circunstanciais. As duas primeiras são mencionadas pelas gramáticas, enquanto a terceira é proposta enquanto uma “alternativa linguística para a reprodução da fala de outrem” (RABELLO, 2008, p. 36). Nesse sentido, segundo a pesquisadora, em suma, o discurso direto é a reprodução ou a tentativa de reprodução fiel de uma fala, ao passo que no discurso indireto, o narrador transmite com suas próprias palavras a essência do pensamento do participante. Ao diferenciar discurso direto e indireto, Rabello (2008) aponta que frequentemente faz-se uma oposição, entretanto, em sua perspectiva, o discurso direto não é mais nem menos fiel que o discurso indireto, de maneira que eles são apenas duas estratégias distintas utilizadas no relato de enunciações.

Por fim, a terceira categoria proposta pela autora, chamada de expressões circunstanciais, se trata de vocábulos ou expressões que indicam conformidade, como é o caso de “segundo”, “para”, “conforme” e “de acordo com”, que se correlacionam à classificação de construções adverbiais propostas por Marcuschi (2007, p. 148). Em nosso entendimento, porém, essa terceira classificação não chega a ser um tipo de discurso, constituindo-se, conforme abordou Marcuschi (2007), como uma forma de relatar opiniões, podendo ser introdutória tanto para ocorrências de discurso direto quanto para ocorrências de discurso indireto.

A partir da leitura de Marcuschi (2007), depreendemos como tipos de discurso o discurso direto e a paráfrase. O autor não nomeia, literalmente, o discurso indireto, dando enfoque, principalmente, à paráfrase. A partir da discussão realizada pelo estudioso, entendemos a paráfrase como uma reformulação de um discurso relatado a partir da interpretação do enunciador. Esse processo, como aponta Marcuschi (2007), pode aparentar inocência, embora não impeça a possibilidade de distorção ou interferência no discurso relatado na enunciação, visto que “toda informação é fruto de uma certa *compreensão* do fenômeno apresentado.” (MARCUSCHI, 2007, p. 146, grifos do autor).

Koch e Elias (2017, p. 168), ao tratarem do parafraseamento, abordam que é comum haver várias reformulações do que foi dito e que se utiliza esse recurso para esclarecer ao leitor o que foi dito anteriormente, visando evitar “incompreensões”. Nas palavras das autoras: “representamos conteúdos anteriores em construções sintáticas diferentes, visando um ajustamento, uma precisão maior do sentido” (KOCH e ELIAS, 2017, p. 168). Ao abordarem sobre o conceito de intertextualidade, Koch e Elias (2016, p. 43-49) trazem, em seu trabalho, o recurso à citação de direta e à citação indireta, que correlacionaremos ao

discurso direto e indireto, respectivamente. Para as autoras, a citação direta se trata da reprodução literal de um enunciado, sendo necessária a utilização de aspas, bem como a indicação do autor, o que constitui argumento de autoridade. Na citação indireta, por sua vez, é possível haver adaptações das ideias apresentadas na fonte, havendo alterações linguísticas e paráfrase.

A partir da leitura dos autores e de suas discussões, seria possível depreender como tipos de discurso o discurso direto, o discurso indireto, a paráfrase e as expressões circunstanciais. Não obstante, como mencionado, não entendemos que as expressões circunstanciais propostas por Rabello (2008) se configurem enquanto tipo de discurso, mas sim como uma maneira de introduzir outros tipos de discurso ao texto. Além disso, não encontramos, na conceituação de discurso indireto e de paráfrase, diferenças que as desassociem, de forma que compreendemos a paráfrase como um recurso utilizado na formulação do discurso indireto.

Dessa maneira, propomos classificar as ocorrências modalizadoras encontradas em nosso *corpus* como citação direta, citação indireta e texto sem citação, conforme podemos perceber nos exemplos abaixo, respectivamente:

- h) *Para Abraham Weintraub, “todo ministro, todo mundo está debaixo de um presidente **tem que** seguir a linha que o presidente fala”.* (VEJA, 2019, grifos nossos).
- i) *De acordo com a União Nacional dos Estudantes (UNE), que **convocou** os atos, 1,5 milhão de pessoas foram aos protestos.* (VEJA, 2019, grifos nossos).
- j) *Novas manifestações **devem** ocorrer em 30 de maio.* (VEJA, 2019, grifos nossos).

No exemplo (h) acima, notamos que o discurso do então Ministro da Educação, Abraham Weintraub, foi introduzido na notícia por meio de uma expressão circunstancial (RABELLO, 2008) e configura um discurso direto, uma vez que o enunciado citado se encontra entre aspas, o que nos leva a crer que o redator da notícia reproduziu de forma fiel a

fala do ministro. Marcuschi (2007) afirma que o emprego do discurso direto, com aspas, reproduz o discurso de outros locutores poupando de responsabilidade o enunciador, o que também garante uma imagem de distanciamento.

No exemplo (i), o redator também utiliza uma expressão circunstancial ao dar como fonte de uma informação a UNE, contudo parafraseia esse discurso. Por fim, no exemplo (j), não há menção a qualquer fonte, de forma que esse excerto se configura como um texto sem citação. No segundo exemplo, não é possível que os leitores saibam se o texto citado é fiel à fonte, ou se foi parafraseado para cumprir com os objetivos da linha argumentativa da notícia.

Nesse contexto de incorporação do discurso de outrem às notícias, é muito comum, ainda, a utilização dos verbos introdutórios de opinião, isto é, aqueles que precedem as vozes de terceiros nos textos. Esses verbos são chamados por Marcuschi (2007, p. 149) de “parafraseantes sintéticos”. Outros estudiosos, tais como as autoras Corbari e Ramos (2018), Nascimento e Canossa (2016) e Rabello (2008) denominam esses elementos linguísticos como verbos dicendi. Nascimento e Canossa (2016) e Corbari e Ramos (2018) também apontam o recurso ao discurso reportado como uma estratégia de modalização.

Nascimento e Canossa (2016, p. 29) afirmam que “durante a produção de um texto, o enunciador deixa marcas que refletem, ou melhor, revelam o ponto de vista que assume”. Nesse sentido, em consonância a abordagem de Marcuschi (2007), e com as demais discussões que serão realizadas, entendemos que é possível afirmar que acrescentar discursos de outros a um texto contribui para a construção de sua linha argumentativa.

Dessa maneira, Nascimento e Canossa (2016) e Corbari e Ramos (2018), em seus trabalhos, analisam como ocorre a introdução dos discursos de outrem em notícias, e ambas as pesquisas apontam o uso dos verbos dicendi para esse objetivo. Rabello (2008) também mostra como acontece a inserção desses discursos terceiros em notícias jornalísticas, apontando que a utilização dos verbos dicendi é uma das formas mais usuais. Segundo Rabello (2008, p. 39), esses verbos “dão originalidade ao texto jornalístico e não comprometem as características essenciais desse tipo de discurso”. Dessa maneira, percebemos que o uso dos verbos dicendi para a introdução dos discursos reportados nas notícias jornalísticas além de operar como uma estratégia linguística, ainda pode colaborar para manter a pretensa objetividade textual.

Nascimento e Canossa (2016) perceberam, entretanto, que o uso dos verbos dicendi em notícias jornalísticas deixam marcas que revelam o grau de envolvimento ou engajamento

do enunciador em relação ao enunciado. As autoras destacam, ainda, que essas marcas são identificadas até mesmo nos gêneros considerados neutros, como é o caso da notícia, que preza por uma escrita imparcial e objetiva. Ainda de acordo com as pesquisadoras, o verbo “dizer”, por exemplo, cria o efeito de afastamento sobre o dito e seu enunciador, o que também é uma estratégia modalizadora.

Os verbos dicendi são importantes para construção linguística das notícias desde sua seleção até sua utilização, pois isso carrega o juízo de valor do redator em relação à declaração reportada e aos participantes mencionados ou fontes citadas. A função argumentativa dos verbos dicendi está associada, por conseguinte, à interpretação que o enunciador faz sobre o que é dito e que deseja consolidar como verdadeiro (NASCIMENTO e CANOSSA, 2016), como podemos perceber nos exemplos abaixo:

*k) Paulinho da Força diz que **quer** “reduzir danos” da reforma. (VEJA, 2009, grifos nossos).*

l) Ao se dirigir a Abraham Weintraub, a deputada federal Tábata Amaral (PDT-SP) acusou o ministro de “manipular dados” e de se apresentar à câmara “sem nenhum critério técnico”. (VEJA, 2019, grifos nossos).

Em (k), o redator utiliza o verbo “dizer”, que apenas introduz a fala do presidente do partido Solidariedade, sem deixar qualquer marca de avaliação, indicando afastamento. Marcuschi (2007) aponta que esse verbo é empregado com o objetivo de marcar o não comprometimento do produtor da notícia com o discurso que vem a ser relatado, isentando-o de responsabilidade em relação ao que é dito.

Já no exemplo (l), entretanto, ao utilizar o léxico “acusou”, o redator apresenta seu ponto de vista em relação à deputada do PDT, evidenciando o tom utilizado pela representante e direcionando a leitura de seu interlocutor. Ao realizar essa escolha, o redator indica como deve ocorrer a leitura e o entendimento da citação apresentada. (NASCIMENTO, 2006).

Corbari e Ramos (2018) trazem, ainda, outra perspectiva, constatando que os verbos dicendi, além de demarcarem o discurso de outrem e criarem a sensação de afastamento do enunciador em relação ao conteúdo de seu texto, ainda evidenciam seus julgamentos pessoais

e juízos de valor. As falas reportadas, tiradas de seu contexto original, são ressignificadas, o que implica em uma reconstrução subjetiva desse discurso, que visa guiar o leitor para que este compreenda os acontecimentos relatados a partir dos objetivos do texto (CORBARI e RAMOS, 2018, p. 2921). Nesse sentido, ao mesmo tempo que utilizar os verbos dicendi é uma estratégia para tentar manter o caráter informativo e a pretensa objetividade atribuídos à notícia, é possível inferir, a partir da escolha desse verbo, a relação que estabelece o enunciador com o discurso reportado.

Rabello (2008) corrobora essa perspectiva apontada por Corbari e Ramos (2018), e que também foi discutida por Marcuschi (2007, p. 149), que aborda a importância do acesso ao original relatado para que seja possível compreender qual foi a interpretação realizada na redação da notícia. Por conseguinte, segundo o estudo de Rabello (2008), é comum que um enunciador utilize o discurso de outro para visar à conservação de sua integridade e autenticidade (RABELLO, 2008). Rabello aponta, ainda, que a escolha do tipo de discurso em determinado tipo de texto orienta o ouvinte em sua interpretação. Em suas palavras: “[...] o enunciador guia a compreensão do ouvinte/receptor através de estratégias que atuam sobre ele; o discurso de outrem, nesse caso, pode apresentar entoações do próprio enunciador com o intuito de dissuadir o receptor.” (RABELO, 2008, p. 34).

A linguagem é ideológica, isto posto, o seu uso significa e representa uma escolha, logo a seleção dos verbos dicendi também implica em escolhas por parte do enunciador, e sua utilização pode evidenciar a linha argumentativa que o enunciador do texto objetiva trazer aos leitores. Escolhas são feitas a todo momento, até mesmo antes mesmo de ser definida a maneira como a fala de outrem será reportada. Tais escolhas envolvem as fontes, os trechos serem reportados, os verbos dicendi, as construções adverbiais, entre outras. É importante ter em mente, portanto, que cada uma dessas escolhas compreende um processo subjetivo e faz parte da construção da argumentação presente nas notícias.

A partir das discussões realizadas e com base em uma análise preliminar do *corpus*, percebemos que alguns verbos dicendi podem operar como modalizadores nas notícias. Não há, na literatura, uma classificação única, de forma que abordaremos aqui as propostas de Marcuschi (2007) e de Nascimento (2006).

De acordo com Marcuschi (2007), os verbos introdutórios possuem função organizadora, pois são utilizados para reportar discursos pré-existentes. Por conseguinte, o linguista propõe sua classificação abordando o caráter argumentativo desses verbos, ao afirmar que “Não se trata de uma atividade argumentativa, nem de uma ação direta sobre o

discurso relatado, e, sim de uma função costuradora dos argumentos do autor” (MARCUSCHI, 2007, p. 163-164). O autor assim organiza os verbos introdutórios de opinião:

(I) *Verbos indicadores de posições oficiais e afirmações positivas:*

“declarar”, “afirmar”, “comunicar”, “anunciar”, “informar”, “confirmar”, “assegurar”.

(II) *Verbos indicadores de força do argumento:*

“frisar”, “ressaltar”, “sublinhar”, “acentuar”, “ênfatizar”, “destacar”, “garantir”.

(III) *Verbos indicadores de emocionalidade circunstancial:*

“desafavar”, “gritar”, “vociferar”, “esbrevejar”, “apelar”, “ironizar”.

(IV) *Verbos indicadores da provisoriedade do argumento:*

“achar”, “julgar”, “acreditar”, “pensar”, “imaginar”.

(V) *Verbos organizadores de um momento argumentativo no conjunto do discurso:*

“iniciar”, “prosseguir”, “introduzir”, “concluir”, “inferir”, “acrescentar”, “continuar”, “finalizar”, “explicar”.

(VI) *Verbos indicadores de retomadas opostas, organizadores dos aspectos conflituosos:*

“comentar”, “reiterar”, “reafirmar”, “negar”, “discordar”, “temer”, “admitir”, “apartear”, “revidar”, “retrucar”, “responder”, “indagar”, “defender”, “reconhecer”, “reconsiderar”, “reagir”.

(VII) *Verbos interpretativos do caráter ilocutivo do discurso referido:*

“aconselhar”, “criticar”, “advertir”, “enaltecer”, “elogiar”, “prometer”, “condenar”, “censurar”, “desaprovar”, “incentivar”, “sugerir”, “exortar”, “admoestar”. (MARCUSCHI, 2007, p. 163-164).

Marcuschi (2007) propõe a classificação supracitada, mas ao mesmo tempo afirma que é possível reagrupar os verbos de diferentes maneiras, de acordo com os objetivos da organização. O que fica evidente, portanto, é que os verbos possuem função na estruturação da argumentação no texto, imprimindo direcionamentos a serem seguidos pelos leitores.

Nascimento (2006), por sua vez, classifica os verbos introdutórios de discursos como dicendi modalizadores e verbos dicendi não modalizadores. Os verbos dicendi modalizadores, segundo o autor, são “aqueles que além de apresentarem o discurso de um locutor (L2) assinalam uma avaliação, modalização ou direção desse discurso pelo locutor que o apresenta (L1)” (NASCIMENTO, 2006, p. 81), tais como: “acusar”, “protestar”, “afirmar” e “declarar”. Já os verbos dicendi não modalizadores, introduzem outros discursos e falas “sem deixar marcas ou avaliação do locutor que o apresenta” (NASCIMENTO, 2006, p. 81), como é o

caso de verbos como “dizer” e “falar”. Sendo assim, em nossa análise, levaremos em consideração tanto a proposta de Nascimento (2006) quanto o agrupamento dos verbos introdutores de opinião de Marcuschi (2007).

Até aqui, apresentamos a notícia jornalística enquanto um gênero textual com traços argumentativos e elucidamos o conceito de modalidade e suas classificações, evidenciando que essa categoria se insere nos estudos lógicos e linguísticos, bem como pode ser considerado parte dos estudos enunciativos. Por fim, apontamos uma conexão entre modalidade, argumentação e intertextualidade, relação que será evidenciada na análise do nosso *corpus*. Na seção seguinte, apresentaremos nosso percurso metodológico, perpassando pela natureza da pesquisa, coleta e seleção do *corpus* e descrição da análise.

2 PERCURSO METODOLÓGICO

Nesta seção, serão apresentadas as etapas de desenvolvimento deste trabalho, sendo elas: a natureza da pesquisa, a coleta e seleção do *corpus* e a análise de dados. Buscaremos identificar e caracterizar os métodos de pesquisa utilizados em cada uma das etapas desenvolvidas, descrever como foi realizada a coleta do *corpus* e justificar sua pré-seleção, além de explicitar quais foram os procedimentos metodológicos referentes à análise descritivo-interpretativa realizada.

2.1 Natureza da pesquisa

Este trabalho foi desenvolvido na linha de pesquisa de Estudos do Texto e do Discurso, a qual faz parte da área de concentração de Estudos Linguísticos. Nosso objetivo é identificar, classificar e analisar os processos modalizadores em notícias publicadas pela mídia brasileira sobre manifestações e protestos políticos ocorridos em 2019 e divulgados pelas revistas *Veja* e *Carta Capital* e pelo portal de notícias *G1*. A partir desse estudo e com a análise das notícias, verificamos como os verbos modalizadores operam no gênero textual notícia de forma a torná-lo argumentativo.

Nosso trabalho, o qual analisa um pequeno conjunto de textos, é de cunho qualitativo. Na etapa de descrição dos resultados, será utilizado como procedimento metodológico a análise textual-qualitativa dos verbos modalizadores utilizados na construção da argumentação dos textos jornalísticos. Além disso, as ocorrências modalizadoras identificadas nas notícias foram analisadas de acordo com uma perspectiva descritivo-interpretativa, a qual levou em consideração tanto a sua construção linguística em que se encontram os modalizadores, quanto os seus possíveis efeitos de sentido.

Pesquisas qualitativas, segundo Gerhardt e Silveira (2009), visam ao aprofundamento da compreensão de algo, como um grupo social, uma organização ou um fato ocorrido, o que é complementar a procedimentos quantitativos utilizados para a coleta de dados, pois, para as autoras, os dois métodos são fundamentais para o fazer científico. À vista disso, em nosso trabalho, buscamos explicar de forma qualitativa a utilização da modalização como ferramenta argumentativa, ao mesmo tempo em que nos apoiamos na quantificação das

ocorrências encontradas nos textos. Os resultados numéricos foram utilizados, portanto, na nossa discussão, visando confirmar nossas premissas.

Segundo Gil (1999), a descrição qualitativa favorece o aprofundamento da investigação de questões relacionadas ao fenômeno estudado e suas relações. Oliveira (2011, p. 24-25) acrescenta, ainda, que esse método de pesquisa utiliza como fonte de dados um ambiente natural e tem o pesquisador como principal instrumento. Dessa forma, os dados coletados foram apresentados, portanto, de forma descritiva, ancorando-se em dados numéricos para realizar sua análise qualitativa, conforme pode ser observado no desenvolvimento do capítulo 3.

Em nossa pesquisa, ao pensar a fonte de dados como um ambiente natural, consideramos as notícias como textos reais cuja produção e leitura fazem parte de nossa cultura e buscam informar e apresentar fatos que ocorrem em nossa sociedade na atualidade. Além disso, o pesquisador é considerado como principal instrumento por sermos nós os responsáveis pela análise, a qual não é totalmente objetiva, pois quaisquer apontamentos ou conclusões aos quais chegaremos serão descritos a partir da linguagem, a qual carregará, mesmo que de maneira velada e modalizada, nosso posicionamento.

Dessa maneira, a análise ocorrerá de acordo com uma perspectiva descritivo-interpretativa. Segundo Corbari (2013), esse método de análise é pautado em revisão bibliográfica e centrada em métodos e procedimentos que visam realizar descrição e interpretação do fenômeno estudado, processo que ocorre, geralmente, de maneira subjetiva. Durante essa análise, além de observar o uso dos modalizadores nos exemplos apresentados, o contexto das notícias também foi fator importante, pois como afirma Koch (2014), ele é indispensável para a compreensão e para a coerência textual.

2.2 Coleta e seleção do *corpus* de pesquisa

Quanto à seleção do tipo de publicação, acreditamos que com a midiatização e o crescente uso da internet e *smartphones*, os modos de ler e se informar vêm se alterando, de maneira que há grande adesão à leitura de notícias on-line. Os portais on-line são mais acessíveis para pesquisa e leitura, visto que seu acesso é mais prático se comparado ao de jornais e revistas físicos, havendo, ainda, a possibilidade de leitura gratuita em alguns *sites*.

Para a seleção de notícias a serem analisadas, foram pesquisadas publicações feitas na Revista Veja, na Carta Capital e no portal de notícias G1. Num primeiro momento, houve a tentativa de realizar a busca nos *sites* das revistas, contudo não havia a opção de filtrar por período de publicação e não encontramos resultados suficientes. Dessa maneira, foi realizada nova procura, dessa vez no buscador *Google.com.br*, utilizando as palavras-chave “manifestação”, “manifestações”, “protestos” e “protesto” seguido do nome da Revista ou portal. No buscador do *Google*, é possível definir o período de publicação dos resultados, o que direcionou as buscas.

A escolha de se analisar notícias on-line sobre manifestações políticas se deu, pois, a nosso ver, manifestações e protestos políticos são ocorrências muito importantes por se tratar de registros históricos de movimentos sociais. No Brasil, um país que vive um regime de Democracia, ter a participação, influência e resposta do povo em relação às decisões tomadas pelos governantes é algo de extrema relevância. Isso posto, o tema é muito importante para a política atual, o que justifica nossa escolha.

A temática das manifestações é recorrente devido ao período político pelo qual o país vem passando na última década, que envolveu escândalos de corrupção, um *impeachment*, eleições presidenciais conturbadas e uma crescente polarização social. De acordo com Almeida (2019), a instabilidade política pela qual passou o Brasil nos últimos anos e resultou na eleição do atual presidente, Jair Bolsonaro, foi desencadeada com os protestos de rua de junho de 2013, em seguida polarizada nas eleições de 2014 e aprofundada com a concretização do *impeachment* da ex-presidenta Dilma Rouseff.

Nesses momentos críticos, a população foi às ruas para expressar sua opinião e buscar seus interesses, sejam eles contra ou a favor de determinadas figuras políticas ou em busca de direitos que devem ser assegurados pelo Estado. Houve, também, manifestações contra decisões governamentais que não foram consideradas justas por todos, como foi o caso das manifestações contra os cortes na educação que ocorreram no primeiro semestre de 2019, e contra a reforma da previdência, que acabou sendo aprovada pelo congresso mesmo com grande parte da opinião pública se mostrando contrária.

Escolhemos, portanto, trabalhar com notícias sobre manifestações políticas por entender que esses acontecimentos são importantes para a Democracia e por ter ciência que eles suscitam opiniões e posicionamentos diferentes por parte de vários âmbitos da sociedade.

Gostaríamos de entender, também, como a mídia brasileira noticia as manifestações de maneira geral e se, de alguma forma, há conflito de interesse na escolha do que noticiar. Desse modo, a pré-seleção dos textos contou com todas as notícias que envolvem manifestações ou protestos que ocorreram no Brasil entre os anos de 2013 e 2019.

A escolha do período a se pesquisar ocorreu devido à eclosão de manifestações políticas no Brasil, que teve início em junho de 2013 ainda no primeiro governo de Dilma Roussef. Além disso, essa escolha também foi influenciada por uma perspectiva pessoal, visto que esse foi o primeiro momento de instabilidade política do Brasil que presenciei em idade adulta.

Após a finalização dessa busca, foram selecionadas 26 notícias publicadas pela Revista Veja, 13 pela Carta Capital e 18 pelo portal de notícias G1. As notícias foram categorizadas por temas e revistas, como pode ser observado na tabela 3 abaixo:

Veja	Carta Capital	G1
Contra Dilma - Pró Impeachment 2015-2016	Contra Dilma - Pró Impeachment 2015-2016	Contra Dilma - Pró Impeachment 2015-2016
Pró Bolsonaro 2019	Contra os cortes na educação 2019	Contra os cortes na educação 2019
Contra os cortes na educação 2019	Lula Livre	Pró Bolsonaro 2019
Pró Lava Jato 2019	Pró Amazônia 2019	Junho de 2013
Greve Geral 2019	Contra Bolsonaro	7 de setembro de 2019
Contra Bolsonaro Pré-eleições 2018	Junho de 2013	Greve Global pelo clima 2019
Junho de 2013		Pró Lava Jato 2019
Pela educação 2013		
Pró Amazônia 2019		

Tabela 3 – Resultados da busca de notícias sobre manifestações e protestos no Brasil entre 2013 e 2019 separados por temas e revistas. As temáticas filtradas no primeiro recorte encontram-se destacadas.

Dentre as temáticas encontradas na pesquisa, selecionamos as cinco mais recorrentes ou cujos temas se destacaram em discussões políticas ocorridas no país, as quais dispusemos

em uma planilha eletrônica, sendo elas: (1) Junho de 2013; (2) Contra Dilma / Pró Impeachment 2015-2016; (3) Contra Bolsonaro / Pré-eleições 2018; (4) Contra os cortes na Educação 2019; (5) Pró-Bolsonaro 2019. Além disso, tais manifestações e protestos que foram selecionados fazem parte de importantes movimentos sociais e políticos de nosso país.

Na planilha eletrônica consta, portanto, um total de 39 notícias selecionadas, sendo 18 da Veja, 13 do G1 e 8 da Carta Capital, como pode ser visto na tabela abaixo:

	Junho de 2013	Contra Dilma / Pró Impeachment 2015-2016	Contra Bolsonaro / Pré-eleições 2018	Contra os cortes na Educação 2019	Pró-Bolsonaro 2019
Veja	2	2	1	8	5
Carta Capital	1	3	1	3	0
G1	4	3	0	5	1

Tabela 4 – Seleção de notícias dispostas em planilha eletrônica após pesquisa

Na planilha, as notícias foram classificadas a partir do título, portal, autor, data de publicação e link, como pode ser observado na figura 1 abaixo. Posteriormente, as notícias serão classificadas também de acordo com o tamanho, a partir da contagem de palavras.

	A	B	C	D	E
1	Título	Portal	Autor	Data	LINKS
2	Milhares tomam as ruas e protestam pelo país	Veja	Da Redação	17/06/2013	https://veja.abril.com.br/brasil/milhares-tomam-as-ruas-e-protestam-pelo-pais/
3	Protestos no Brasil são destaque de capa do NYT	Veja	Da Redação	19/06/2013	https://veja.abril.com.br/mundo/protestos-no-brasil-sao-destaque-de-capa-do-nyt/
4	13 de junho, o dia que não terminou	Carta Capital		16/09/2013	https://www.cartacapital.com.br/politica/13-de-junho-o-dia-que-nao-terminou-6634/
5	Protestos pelo país têm 1,25 milhão de pessoas, um morto e confrontos	G1		26/06/2013	http://g1.globo.com/brasil/noticia/2013/06/protestos-pelo-pais-tem-125-milhao-de-pessoas-um-morto-e-confrontos.html
6	Protestos pelo país reúnem mais de 250 mil pessoas	G1		18/06/2013	http://g1.globo.com/brasil/noticia/2013/06/protestos-pelo-pais-reunem-mais-de-250-mil-pessoas.html
7	Junho de 2013: as manifestações nas manchetes do G1	G1		13/06/2018 (atualizado)	https://g1.globo.com/politica/noticia/junho-de-2013-as-manifestacoes-nas-manchetes-do-g1.qhtml
8	Imprensa internacional destaca manifestações no Brasil	G1		18/06/2013	http://g1.globo.com/mundo/noticia/2013/06/imprensa-internacional-destaca-manifestacoes-no-brasil.html

Figura 1 – Colunas de classificação da planilha eletrônica em que foram dispostas as notícias encontradas

A partir dessa pré-seleção⁷, decidimos analisar as notícias referentes às manifestações e protestos contra os cortes na educação, as quais ocorreram no ano de 2019, entre maio e junho. Essa temática contou com mais notícias, além de se tratar de uma discussão muito importante no meio educacional e acadêmico, visto que a diminuição nos investimentos na educação afeta, diretamente, as instituições públicas de ensino.

2.3 Análise

Foi necessário, para entender o nosso *corpus* de pesquisa, realizar aprofundamento teórico acerca do conceito de gênero, para explicar o gênero notícia jornalística e suas principais características. Para tal, nos valem dos estudos de Bakhtin (2003) e Marcuschi (2003) para conceituar a noção de gênero, a partir de um ponto comum: a concepção de que os gêneros são produções sociodiscursivas que ordenam as atividades comunicativas sociais. Ademais, destacamos que os gêneros, os quais em algumas teorias são chamados de discursivos, serão, em nosso trabalho, referidos como gêneros textuais, como os denominam Marcuschi (2003), uma vez que a nossa pesquisa é embasada pela Linguística Textual e nossa análise visa ao uso das modalidades enquanto pistas linguísticas da superfície textual.

Destacamos, ainda, que o gênero textual notícia jornalística também possui traços característicos do tipo textual argumentativo (BLAIN, 1995; PREUSS, 2017; TRAVAGLIA, 2007). Essa pesquisa teórica foi necessária para que nossas análises pudessem ser guiadas levando em consideração os objetivos e as características do gênero, visando analisar se o uso das modalidades, enquanto fator argumentativo, interferem na sua informatividade.

Em seguida, após pesquisa bibliográfica e leitura sobre o conceito de modalidade, buscamos entender o uso das modalidades de maneira ampla para definir quais as categorias de análise serão utilizadas, visto que este é um conceito estudado sob diferentes óticas (ÁVILA, 2014; ÁVILA e CÁRIA, 2017; CÁRIA e ÁVILA, 2017; MELLO et al. 2009; NEVES, 2006). Para situar o conceito na linguística, realizamos um breve percurso teórico

⁷ Salientamos que, por se tratar de um trabalho em Linguística Textual, nosso objeto de estudo é o texto, de forma que a seleção do corpus de pesquisa foi importante para definir a partir de quais materiais linguísticos nossa análise seria realizada. A pré-seleção foi parte do processo de escolha da temática do grupo de notícias, o que aconteceu com o objetivo de manter uma só temática, para que a análise descritivo-interpretativa tivesse apenas um entorno sociopolítico de fundo, e não vários, organizando, assim, a discussão dos resultados.

sobre os estudos enunciativos (BALLY, 1921, BALLY, 1948; BALLY, 1965; BALZAN, 2017; BARBISAN, 2007; BENVENISTE, 1989; CREMONESE, 2007; DUCROT, 1987).

Sendo assim, com base em estudos de Neves (2006) e de Cária e Ávila (2017), decidimos analisar os verbos modalizadores de opinião ou crença, epistêmicos, deônticos e dinâmicos. A escolha pela categoria verbal se deu pois os verbos são muito importantes para dar sentido e direção às sentenças. Além disso, a escolha dos verbos utilizados interfere na conclusão que é tida após a leitura de qualquer texto. Buscamos concluir, portanto, como a utilização dos verbos modalizadores interfere na construção da argumentação dessas notícias.

Dando prosseguimento às nossas bases teóricas, buscamos nos aprofundar, também, sobre o conceito de intertextualidade, apresentando a relação entre o conceito com a argumentatividade e a modalidade, discutindo a importância das citações no gênero textual notícia. Nos baseamos principalmente em Koch e Elias (2016; 2017) e Marcuschi (2007), mas também apresentamos outros autores, como Corbari e Ramos (2016), pesquisadoras que evidenciaram, em sua pesquisa, a presença da intertextualidade no gênero textual notícia enquanto fator argumentativo.

Após a apresentação teórica dos conceitos supracitados, iniciamos o primeiro momento da nossa análise. Realizamos, a princípio, a leitura das notícias selecionadas para identificar os modalizadores, os quais foram colocadas em uma planilha eletrônica, juntamente do contexto, isto é, o excerto em que ele se encontra e classificação, podendo: verbo de opinião ou crença, verbo modalizador epistêmico, verbo modalizador deôntico e verbo modalizador dinâmico. Em seguida, todas as ocorrências de verbos modalizadores foram classificadas de acordo com os subvalores modais, com base na tabela 5 abaixo:

Modalidade epistêmica	Possibilidade
	Probabilidade
Modalidade deôntica	Obrigação
	Permissão
	Necessidade
Dinâmica	Volição

Tabela 5 – Modalidades e subclassificações apresentadas no capítulo teórico deste trabalho e utilizadas na análise dos verbos modalizadores encontrados em nosso *corpus*, com base em Neves (2006) e Cária e Ávila (2017).

A classificação modal, como mencionado, considerou as teorias de Neves (2006) e a proposta de Cária e Ávila (2017). Na figura 2 a seguir, podemos observar como ficou a planilha eletrônica com as classificações supracitadas:

Arquivo	Revista / Portal	Ocorrência modalizado	Infinitivo	Contexto	Classificação	Modalidade	Subvalor modal
VEJA6_Manifestação_Pais tem dia de protestos contra cortes na educação; veja como foi_VEJA	Veja	tiveram de	ter de	Na Esplanada dos Ministérios, em Brasília, estudantes que protestavam contra o corte nas verbas para a educação tiveram de correr após a ação das forças policiais para reabrir o trânsito para a passagem de carros.	verbo modalizador	deôntica	necessidade
VEJA6_Manifestação_Pais tem dia de protestos contra cortes na educação; veja como foi_VEJA	Veja	precisará	precisar	Com a mudança, o ministro precisará prestar esclarecimentos aos 513 deputados.	verbo modalizador	deôntica	necessidade
VEJA7_Manifestações a favor da educação levam 1,5 milhão de pessoas às ruas_VEJA	Veja	devem	dever	Segundo a Central Única dos Trabalhadores (CUT), ao menos 12 cidades cearenses devem sediar alguma atividade alusiva à mobilização ao longo do dia, entre elas Juazeiro do Norte, Sobral e Itapipoca.	verbo modalizador	epistêmica	probabilidade
VEJA7_Manifestações a favor da educação levam 1,5 milhão de pessoas às ruas_VEJA	Veja	pode	poder	Para o atual presidente da UNE, Iago Montalvão, que tomou posse em julho, os protestos refletem uma preocupação da sociedade com o "futuro do nosso país". "As universidades estão sem condições de funcionar e os estudantes estão preocupados com o que pode acontecer no futuro. [...]"	verbo modalizador	epistêmica	possibilidade
VEJA7_Manifestações a favor da educação levam 1,5 milhão de pessoas às ruas_VEJA	Veja	acreditamos	acreditar	Iago Montalvão é otimista e diz que esta terça-feira vai ser "mais um dia de luta da sociedade como um todo". Acreditamos que vamos repetir a dose do que aconteceu em maio, com elementos novos", declara.	verbo de opinião ou crença		

Figura 2 – Planilha de classificação dos dados após leitura do *corpus* e recolhimento de ocorrências modalizadoras, que foram classificadas como verbo de opinião ou crença ou verbo modalizador epistêmico, deôntico ou dinâmico.

Os valores e subvalores das modalidades foram apresentados, exemplificados e analisados nos resultados da dissertação. Discutimos, para cada uma das modalidades, os efeitos de sentido na construção da notícia e sua importância enquanto estratégia argumentativa dentro do gênero em questão. Abordamos, ainda, uma pequena discussão sobre como a escolha desses verbos afeta a informatividade e guia o leitor, para verificar como esses modalizadores funcionam e em que grau eles influenciam nos processos argumentativos da linguagem jornalística.

Em seguida, as ocorrências modalizadoras encontradas foram classificadas de acordo o tipo de discurso, que poderia ser citação direta, citação indireta ou texto sem citação. Para chegar à essa classificação, realizamos a leitura de Koch (2014), Koch e Elias (2016; 2017), Marcuschi (2007) e Rabello (2008), que tratam sobre as formas de introduzir discursos de outrem. Os autores apontam para a importância da intertextualidade nos textos, o que também funciona como estratégia argumentativa, tanto como discurso de autoridade (KOCH, 2014), quanto para indicar uma direção que o leitor deve seguir (MARCUSCHI, 2007; NASCIMENTO, 2006). Dessa forma, todas as ocorrências de verbos modalizadores e de verbos de opinião ou crença foram classificadas, também, quanto ao tipo de discurso:

Arquivo	Revista / Portal	Contexto	Classificação	Modalidade	Subvalor modal	Tipo de discurso
VEJA4_Greve geral ao vivo_ acompanhe paralisações e protestos pelo país _ VEJA	Veja	Seu colega, Marcos Paulo Nascimento, 27, também precisou de Uber para chegar até o trabalho e pagou cerca de 26 reais da Saúde (zona sul) até o local.	verbo modalizador	deôntica	necessidade	texto sem citação
VEJA4_Greve geral ao vivo_ acompanhe paralisações e protestos pelo país _ VEJA	Veja	Segundo os funcionários, a empresa deve reembolsar o gasto.	verbo modalizador	epistêmica	probabilidade	citação indireta
VEJA4_Greve geral ao vivo_ acompanhe paralisações e protestos pelo país _ VEJA	Veja	Na estação Tatuapé do metrô, a atendente Bianca Cavalcante, 25 anos, também reclamou do movimento e afirmou que não havia feito nenhuma venda no começo do dia. "Normalmente já teríamos atingido muita gente".	verbo modalizador	epistêmica	possibilidade	citação direta
VEJA4_Greve geral ao vivo_ acompanhe paralisações e protestos pelo país _ VEJA	Veja	nesta sexta-feira, 14. "A Prefeitura de Sorocaba informa que a circulação de ônibus está 100% paralisada no início desta sexta-feira (14). O movimento está descumprindo uma determinação judicial para que parte da frota opere na cidade. A Prefeitura está tomando as medidas necessárias para garantir os serviços à população", disse o município em nota.	verbo modalizador	deôntica	necessidade	citação direta
VEJA4_Greve geral ao vivo_ acompanhe paralisações e protestos pelo país _ VEJA	Veja	A multa pelo descumprimento da determinação é de 5.000 reais. Ainda nesta manhã, o sindicato da categoria deve realizar uma assembleia para saber se a circulação dos ônibus é retomada.	verbo modalizador	epistêmica	probabilidade	texto sem citação

Figura 3 – Planilha eletrônica de classificação das ocorrências modalizadoras encontradas no *corpus* evidenciando a classificação quanto ao tipo de discurso

Na figura 3 acima, percebemos a captura de tela da nossa planilha eletrônica completa, com toda a classificação das ocorrências modalizadoras. Na seção seguinte, apresentamos, ainda, quais foram os tipos de modalidade mais frequentes nas citações diretas e nas citações indiretas, bem como explicamos e exemplificamos algumas das ocorrências.

Após classificações e análises mencionadas, constatamos a grande incidência de ocorrências modalizadoras em discursos reportados, isto é, em citações diretas ou indiretas, o que evidenciou a necessidade de aprofundar o referencial teórico no que concerne às formas de relatar opiniões. Tendo por base, principalmente, Marcuschi (2007), buscamos entender como ocorre a inserção de outras vozes em um texto e como a utilizar o discurso de outros na escrita de um texto se configura como uma estratégia argumentativa, visto que pode vir a isentar o autor das informações trazidas. Descobrimos, nessas investigações, que alguns verbos introdutórios de opinião, os quais também podem ser chamados de verbos dicendi, possuem caráter modalizador, o que acarretou o segundo momento da nossa análise, que foi a busca pelos introdutórios de opinião ao longo das notícias.

Para tal, buscamos, nas notícias, todas as formas introdutoras de discurso: os verbos dicendi modalizadores e não modalizadores (NASCIMENTO, 2006) e as expressões circunstanciais (RABELLO, 2008). Essas últimas também foram destacadas por Marcuschi (2007), que utilizou a nomenclatura “construções adverbiais”, tratando-se de formas não verbais de introduzir discursos externos, tais como “de acordo com” e “segundo”. Após a

coleta desses introdutórios, eles foram organizados, do mesmo modo, em uma planilha eletrônica:

Arquivo	Revista / Port	Ocorrência	Infinitivo (no caso dos verbos)	Contexto	Classificação
VEJA6_Manifestação_Pais tem dia de protestos contra cortes na educação; veja como foi_VEJA	Veja	questionou	questionar	Ela questionou se é verdade que Weintraub disse que "comunistas devem levar bala na cabeça".	verbo dicendi modalizador
VEJA6_Manifestação_Pais tem dia de protestos contra cortes na educação; veja como foi_VEJA	Veja	questionou	questionar	Queria saber do senhor, ministro, se o senhor confirma que disse que comunistas merecem tomar bala na cabeça. Eu tô aqui, ministro, eu sou comunista. O senhor confirma essa afirmação? questionou .	verbo dicendi modalizador
VEJA6_Manifestação_Pais tem dia de protestos contra cortes na educação; veja como foi_VEJA	Veja	diz	dizer	Weintraub diz que Lula é 'amigo dos banqueiros' e provoca tumulto	verbo dicendi não modalizador
VEJA6_Manifestação_Pais tem dia de protestos contra cortes na educação; veja como foi_VEJA	Veja	atacou	atacar	Ao responder sobre o tema, Weintraub atacou o ex-presidente Luiz Inácio Lula da Silva relembrando um episódio de 2014, em que analistas do banco Santander foram demitidos após uma análise contrária a Dilma Rousseff ter sido enviada a acionistas.	verbo dicendi modalizador
VEJA6_Manifestação_Pais tem dia de protestos contra cortes na educação; veja como foi_VEJA	Veja	disse	dizer	"O amigo do banqueiro, que tem o telefone pessoal do dono mundial do Santander, é o Lula", disse .	verbo dicendi não modalizador

Figura 4 – Planilha eletrônica de classificação das formas de introduzir discursos nas notícias lidas

Para fins de contabilização e visando evidenciar que o recurso à intertextualidade é uma estratégia argumentativa, todas as ocorrências foram coletadas e apresentadas em nossa planilha. Em seguida, os verbos foram classificados como dicendi modalizadores e dicendi não modalizadores, de acordo com Nascimento (2006). O autor afirma que os verbos dicendi modalizadores são aqueles que apresentam um ponto de vista ou direção a seguir. Os verbos dicendi modalizadores foram agrupados, ainda, de acordo com classificação proposta por Marcuschi (2007), apresentando como cada um desses verbos aponta para uma direção enunciativa, o que influencia, diretamente, na leitura dos textos.

Foram apresentados, por fim, alguns exemplos de ocorrências das expressões circunstanciais introdutoras de discurso, as quais também foram analisadas descritivo-interpretativamente, por se apresentarem, assim como os verbos dicendi, como um recurso linguístico importante na construção da argumentação das notícias. Além disso, fizemos uma breve análise dos verbos dicendi não modalizadores, apresentando a importância da sua utilização em contraposição à utilização dos verbos dicendi modalizadores.

Na próxima seção desta dissertação, que corresponde ao capítulo de resultados e discussão, nossos resultados foram dispostos em tabelas e, em alguns momentos, apresentados em gráficos, visando torná-los mais visuais para auxiliar em sua leitura e compreensão. Salientamos a importância dessa apresentação qualitativa para a análise que se segue, pois os

números obtidos dão destaque às frequências dos verbos encontrados em cada uma das etapas da análise.

3 RESULTADOS E DISCUSSÃO

Neste capítulo, apresentaremos os resultados da nossa pesquisa, os quais foram recolhidos após a leitura e coleta das ocorrências modalizadoras nas notícias selecionadas das revistas *Veja* e *Carta Capital* e do portal de notícias G1. Após a apresentação quantitativa dos resultados, os modalizadores serão classificados de acordo com o valor modal, descritos a partir de exemplos e contextos e analisados, também, interpretativamente. Como já abordado no capítulo metodológico, nossa pesquisa é de cunho qualitativo e utiliza de dados quantitativos como base para a descrição, evidenciando as categorias e os verbos que foram mais frequentes no *corpus*.

Os resultados foram divididos, portanto, em dois momentos, sendo o primeiro referente aos verbos de opinião ou crença e aos demais verbos modalizadores, os quais foram descritos numericamente e, em seguida, classificados e interpretados. Após essa etapa, todas as ocorrências foram classificadas quanto ao tipo de discurso, considerando citação direta, citação indireta e texto sem citação. As citações, segundo Marcuschi (2007), são muito comuns em notícias por operarem como uma estratégia discursiva de proteção ao redator. Por essa razão, após apresentarmos os resultados, buscamos compreender o porquê de alguns tipos de modalidade serem mais comuns em um ou outro tipo de discurso, apresentando hipóteses com base nas discussões sobre os valores modais.

O segundo momento da nossa análise se trata das formas de introduzir os discursos. A necessidade de se investigar esses introdutores surgiu durante o desenvolvimento do trabalho, após já definidos os objetivos de pesquisa e iniciada primeira análise dos resultados, que foi apresentada na etapa de qualificação. Durante esse processo, foi possível notar a grande incidência de discursos de outrem nos textos, então justificou-se, assim, buscar esses introdutores e investigar como acontece a inserção desses discursos nas notícias, visto que o recurso ao uso desses textos e a intertextualidade que se cria também podem ser uma estratégia argumentativa (KOCH, 2011; KOCH e ELIAS, 2017; MARCUSCHI, 2007).

Dessa forma, foram apresentadas três formas de introduzir discursos nas notícias: os verbos dicendi modalizadores e os verbos dicendi não modalizadores (NASCIMENTO, 2006) e as expressões circunstanciais (RABELLO, 2008), que são formas não verbais como “de acordo com” e “segundo”, frequentemente utilizadas em diversos gênero textuais para apontar a inserção de uma outra voz. Após a apresentação dos introdutores encontrados em nosso

corpus, os verbos dicendi foram classificados em modalizadores e não modalizadores, de acordo com o trabalho de Nascimento (2006). Os verbos discendi modalizadores foram descritos e interpretados de acordo com o agrupamento proposto por Marcuschi (2007).

Salientamos, ainda, a importância de se considerar o contexto sócio-político das notícias para viabilizar a análise descritivo-interpretativa dos resultados. De acordo com Koch (2014, p. 195), o recurso ao contexto “é indispensável para a compreensão e, desse modo, para a construção da coerência textual”. Relembramos, ainda, que as notícias selecionadas possuem como tema central as manifestações contra os cortes na educação e contra a reforma da previdência, decisões governamentais ocorridas no ano de 2019, o que evidencia uma temática de cunho sociopolítico. De tal modo, quando necessário, o contexto das notícias foi retomado, para viabilizar, assim, a interpretação dos dados e as considerações sobre o papel argumentativo dos modalizadores encontrados.

3.1 Apresentação quantitativa dos resultados

Conforme apresentado em nosso percurso metodológico, nossa pesquisa é de cunho qualitativo, uma vez que a análise dos dados foi realizada de forma descritiva-interpretativa. Contudo, faz-se necessário reiterarmos a importância da apresentação numérica dos resultados, os quais dão sustentação às nossas considerações, visto que tais Algarismos evidenciam, por exemplo, as frequências dos verbos em cada situação comunicativa analisada e, por conseguinte, contribuem para a maior clareza deste estudo.

Dessa forma, a seguir, faremos a apresentação quantitativa dos dados obtidos a partir da leitura do *corpus*, visando atender ao nosso primeiro objetivo de pesquisa, que se trata da identificação e da catalogação das ocorrências modalizadoras para posterior classificação. Nesta primeira etapa, buscamos identificar, ainda, em quais mídias notou-se a maior incidência dos modalizadores. Para chegar a esse resultado, nossa análise considerou, além do número de notícias por revista ou portal, a sua extensão, que foi calculada em número de palavras.

Foram encontradas, ao longo das 16 notícias, um total de 250 ocorrências modalizadoras. A grande maioria das ocorrências foi encontrada nas notícias publicadas pela Revista Veja, representando 225 resultados. Na Revista Carta Capital, foram encontradas 15 ocorrências modalizadoras e no Portal de Notícias G1, 10.

Nosso *corpus* final, após finalizada a seleção, conta com 16 textos, sendo 8 notícias publicadas pela Revista Veja, 3 pela Revista Carta Capital e 5 pelo Portal de Notícias G1. Além de contabilizarem um maior número de notícias dentro, as notícias com maior número de palavras também são da Revista Veja, visto que são textos mais extensos, o que justificaria, a princípio, o maior número de modalizadores encontrados nos textos dessa revista. Contudo, o maior número de ocorrências não é proporcional à quantidade de notícias ou à sua extensão, havendo discrepância neste resultado. Para visualizar a proporção de modalizadores por notícia, apresentamos, na tabela a seguir, o número de palavras de cada uma delas e o total de ocorrências modalizadoras:

Notícia	Número de palavras	Total de modalizadores encontrados
CC_1	236	0
CC_2	814	11
CC_3	574	4
G1_1	2747	0
G1_2	3652	1
G1_3	1403	0
G1_4	3454	8
G1_5	727	1
VEJA_1	339	0
VEJA_2	488	10
VEJA_3	1567	0
VEJA_4	8214	96
VEJA_5	744	16
VEJA_6	6636	85
VEJA_7	966	8
VEJA_8	404	10

Tabela 6 – Quantidade de palavras e número de modalizadores encontrados nas notícias

Percebe-se que a CC_1, a G1_1, a G1_3, a VEJA_1 e a VEJA_3 não possuem modalizadores marcados, enquanto a maior parte dos dados se encontra nas notícias VEJA_4 e VEJA_6. Além disso, o número de palavras por notícia também varia. Esses dados revelam que não há regularidade quanto à extensão dos textos, nem quanto à utilização de modalizadores. Os dados da tabela 6, referentes à relação entre a quantidade de palavras e o número de modalizadores por notícia, geraram a tabela 7, que trata da mesma relação, porém por revista ou portal:

Revista / Portal	Número de palavras	Total de modalizadores encontrados
Carta Capital	1624	15
G1	11983	10
Veja	19358	225

Tabela 7 – Quantidade de palavras e número de modalizadores por revista/portal

De forma geral, notou-se que a somatória das notícias da Revista Veja possui maior quantidade de modalizadores em sua extensão, seguida pela Carta Capital que, mesmo com apenas três notícias pouco extensas, apresentou quantidade considerável de modalizadores. As notícias do Portal G1, porém, apresentam uma menor utilização do recurso aos modalizadores. A baixa frequência dos modalizadores, ou a não presença deles em algumas notícias, se justifica pela falta da contextualização das manifestações.

Durante a leitura dos textos, foi possível perceber que as notícias da Veja contam com mais narrativas da situação sociopolítica em que se inserem as manifestações, o que pode ser observado em trechos da notícia VEJA 6, publicada em 15 de maio de 2019:

O ministro da Educação, Abraham Weintraub, discursa no plenário da Câmara dos Deputados, para explicar os cortes de verbas nas universidades federais.

[...] Na Esplanada dos Ministérios, em Brasília, estudantes que protestavam contra o corte nas verbas para a educação tiveram de correr após a ação das forças policiais para reabrir o trânsito para a passagem de carros.

[...] Os protestos contra os cortes na educação estão entre os temas mais comentados do Twitter, os trending topics, nesta quarta-feira. Nas três primeiras posições estão as hashtags da mobilização: #TsunamiDaEducação, #NaRuaPelaEducação e #todospelaeducação. (VEJA, 2019).

Ainda para fins de contextualização sobre o que acontecia no cenário político do país durante as manifestações, a Veja também apresentou a utilização do recurso às vozes de outros, incluindo falas e discursos governistas e de oposição, além de pessoas envolvidas com o movimento ou afetadas pelas paralisações dos estudantes e trabalhadores. Essa inclusão se deu, muitas vezes, com o emprego de verbos dicendi. Podemos observar essas características em alguns trechos da notícia VEJA 4, publicada em 14 de junho de 2019:

18:20 – Se empresários pagassem o que devem, não haveria déficit, diz Haddad

Presente na Avenida Paulista, o candidato do PT à presidência da República, Fernando Haddad disse que a “greve geral varreu o país”. “Qual é a moral de um presidente, que se aposentou aos 33 anos, ao propor uma reforma da previdência, que pune quem mais precisa, sem sentar com o povo”, questionou? O petista subiu o tom das críticas a Bolsonaro e disse que “ele passou 28 anos no Congresso sem fazer rigorosamente nada”.

[...] 17:50 – Zé Maria, do PSTU, defende “nova greve geral”

O diretor nacional do PSTU, Zé Maria, afirmou que a manifestação desta sexta-feira é um ato de força da oposição e da classe trabalhadora contra a reforma da Previdência. “Temos que aguentar a pressão ao governo, aos políticos, em geral”, afirmou, em um carro de som ao lado do MASP. “A militância dos partidos de esquerda que estão na rua conosco precisa cobrar as direções de seus partidos, para que tenhamos uma adesão maior. É na rua que vamos derrubar essa reforma. Cobrem as centrais sindicais para sabermos os próximos passos. Temos duas trincheiras nessa luta: uma, é essa, onde estamos. A outra é no Congresso, a do Rodrigo Maia, do Centrão, com aquele antro de corruptos”, criticou.

[...] 17:35 – Estudante diz que os pobres são os mais prejudicados na reforma

Daiane Ferreira, 23 anos, natural de Itu, estudante de psicologia, participa de ato na Paulista e diz que a manifestação é uma forma de mostrar a um “governo autoritário” que a população não vai abaixar a cabeça. “A retirada dos pontos polêmicos [da reforma da Previdência] é apenas uma forma de tentar ludibriar os trabalhadores e a população. Os pobres serão os mais prejudicados de qualquer jeito.

17:30 – Major Vitor Hugo vê greve ‘esvaziada’

O líder do governo na Câmara, deputado Major Vitor Hugo (PSL-GO), disse a VEJA que vê a greve desta sexta-feira “fragilizada” e “esvaziada” e que as manifestações favoráveis à reforma da Previdência e em defesa do governo Bolsonaro, no dia 26 de maio, tiveram mais “ênfase”. “Acho que neste momento [o movimento] está muito fragilizado. A oposição estava alardeando que seria algo muito grande, mas me pareceu esvaziado. Grande parte da população já entendeu a necessidade da reforma, isso pode ter arrefecido um pouco os ânimos.” (VEJA, 2019).

As notícias da Carta Capital também apresentam falas e contexto, mas não se estendem tanto quanto as da Veja. Observemos um trecho da notícia CC 3:

Em São Paulo, os manifestantes iniciaram o ato em frente ao Masp, na Avenida Paulista. Segundo estimativa da UNE, 250 mil pessoas participaram da

manifestação. Muitas crianças foram vistas. Frases como “O valor da minha pesquisa não se mede por chocolates” e a fórmula da água estampavam os cartazes dos manifestantes. Em passagem pelos EUA, o presidente Bolsonaro desqualificou os estudantes que saíram às ruas em protesto contra os cortes na educação.

“É natural, é natural. Agora, a maioria ali é militante, não tem nada da cabeça. Se perguntar quanto é 7×8 , não sabe. Se perguntar qual é a fórmula da água, não sabe. São uns idiotas úteis, uns imbecis que estão sendo usados como massa de manobra de uma minoria espertalhona que compõe e núcleo de muitas universidades no Brasil”, disse a jornalistas que o esperavam na porta de um hotel em Dallas, no Texas. (CARTA CAPITAL, 2019).

Nota-se, nas notícias apresentadas, uma tentativa de contextualizar as manifestações, para além de apenas informar quais atos aconteciam e onde. Em contrapartida, as notícias do G1 são mais descritivas e se restringem ao fato relatado, sem apontar outras relações e trazer complementações para o assunto. Nesse portal, o recurso à inserção das vozes de outro também não foi recorrente. Observemos a notícia G1 5, publicada em 30 de maio de 2019:

Manifestantes iniciaram a concentração na Igreja da Candelária, Centro do Rio, às 15h desta quinta-feira (30), para um protesto em defesa da educação e contra os cortes anunciados pelo governo.

Duas horas depois, eles iniciaram a caminhada pela Avenida Rio Branco com o objetivo de chegar à Cinelândia. O ato seguia de forma pacífica.

[...] Estudantes, integrantes de movimentos sociais e de sindicatos participam do ato, convocado por redes sociais.

Além dos cortes anunciados pelo governo federal para a educação, também houve manifestações contra a reforma da Previdência. Aulas públicas são realizadas desde o início do dia.

Policiais militares acompanharam a manifestação desde o início da concentração com motocicletas e a pé. (G1, 2019)

Como é possível observar acima, comparando as três notícias exemplificadas, há uma diferença na abordagem das informações. Esses dados são importantes e estão diretamente ligados à informatividade das notícias, pois apenas descrições isoladas de atos de manifestação não são suficientes para que o leitor entenda o que estava acontecendo no cenário político do país. Contudo, ao mesmo tempo, notícias como as do G1, que faziam a cobertura das manifestações sem evidenciar os contextos que culminaram no movimento, podem ter sido importantes para os leitores que se interessavam somente em saber onde estavam acontecendo manifestações, por exemplo.

Essa diferença pode ser justificada pelo fato do portal G1 não ser uma revista como a Veja e a Carta Capital, e sim um portal de notícias, com características diferentes. Segundo Nogueira e Mallmann (2013), o G1 é um portal de notícias pertencente ao Grupo Globo que aproveita o conteúdo gerado pelas emissoras (TV Globo, Globonews e afiliadas) e o reutiliza nas notícias divulgadas no portal. Além disso, o portal é atualizado frequentemente, de forma que as notícias recebem atualizações de minutos em minutos.

Quanto à classificação dos modalizadores, encontramos, ao longo do *corpus*, 36 verbos de opinião ou crença, representando 14,4% dos resultados e 81 verbos modalizadores, divididos entre epistêmicos, deônticos e dinâmicos, que contabilizaram 32,4% dos resultados totais. Além disso, percebemos a presença de 133 verbos dicendi modalizadores, que formam a maior parte dos modalizadores encontrados no *corpus*, totalizando 53,2% dos resultados totais.

Notícia	Verbos de opinião ou crença encontrados	Verbos modalizadores encontrados	Verbos dicendi modalizadores encontrados
CC_1	0	0	0
CC_2	5	1	5
CC_3	1	0	3
G1_1	1	0	0
G1_2	0	1	0
G1_3	0	0	0
G1_4	1	2	5
G1_5	0	0	0
VEJA_1	0	0	0
VEJA_2	1	7	2
VEJA_3	0	0	0
VEJA_4	10	32	54
VEJA_5	3	2	11
VEJA_6	14	29	42
VEJA_7	1	2	5
VEJA_8	0	5	5

Tabela 8 - Ocorrências de modalizadores organizadas por modo de expressão e por notícia

É importante destacar que algumas notícias não apresentaram modalizadores, como pode ser observado na tabela 8 acima. Entretanto, essa afirmação é feita somente em relação aos modalizadores aos quais visamos em nossa pesquisa que são os verbos de opinião ou crença, os epistêmicos, os deônticos e os dinâmicos (CÁRIA e ÁVILA, 2017; NEVES, 2006), além dos verbos dicendi modalizadores (MARCUSCHI, 2007; NASCIMENTO, 2006). Outras ocorrências modalizadoras não foram buscadas no *corpus*.

Nas seções seguintes, que representam o primeiro momento e o segundo momento de análise, buscaremos cumprir o segundo e o terceiro objetivos específicos da pesquisa. Dessa forma, as ocorrências modalizadoras foram classificadas quanto ao tipo de modalidade, visando destacar, ainda, quais são os valores modais mais comuns no gênero notícia, e por tipo de discurso, apresentando a quantificação dos modalizadores que apareceram em citações diretas, citações indiretas e em textos sem citação. Os verbos dicendi modalizadores, por sua vez, foram classificados de acordo com a proposta de Marcuschi (2007), evidenciando a carga afetiva na escolha da forma de introduzir uma fala.

Nos dois momentos, as ocorrências modalizadoras foram apresentadas e descritas com exemplos e, em alguns casos, acompanhadas do contexto, para viabilizar sua interpretação. Koch (2014) aponta o papel imprescindível das estratégias argumentativas na construção do sentido e, dessa forma, nosso objetivo foi investigar como o uso desses verbos modalizadores destacados cumpriu esse papel nas notícias.

3.2 Primeiro momento: os verbos modalizadores

Nesta seção, apresentaremos a classificação dos verbos por modalidade, iniciando com os verbos de opinião ou crença e, em seguida, apresentando os demais verbos modalizadores, os quais foram classificados como epistêmicos, deônticos ou dinâmicos. A priori, observaremos uma quantificação dos resultados e, depois, os valores modais serão exemplificados a partir de excertos retirados do *corpus* de pesquisa. Quando necessário, retomaremos o contexto das notícias, para que seja possível perceber os efeitos de sentido das modalidades, e como seu uso colabora para a construção da linha argumentativa das notícias.

3.2.1 Os verbos de opinião ou crença

Os verbos de opinião ou crença, como a nomenclatura aponta, são aqueles que dizem respeito aos juízos de valor e opiniões de um enunciador. São referentes aos seus sentimentos e considerações pessoais em relação a um fato, podendo também se relacionar ao conhecimento de um enunciador. Esses verbos também são modalizadores e poderiam até ser incluídos na classificação dos verbos epistêmicos, uma vez que, segundo Neves (2006), apoiam a não-certeza, a qual é relativizada pela presença de perspectivas e pontos de vista pessoais. Contudo, neste trabalho, optamos por apresentá-los de forma separada, para evidenciar seu caráter de expressão de pontos de vistas, opiniões e juízos de valor de quem profere os discursos.

Dessa maneira, encontramos, ao longo do *corpus*, 33 ocorrências de verbos de opinião ou crença, listados na tabela 9 abaixo, por ordem de frequência:

Verbo	Número de ocorrências
saber	11
acreditar	4
concordar	4
achar	2
discordar	2
entender	2
lembrar	2
ver	2
desqualificar	1
duvidar	1
enganar-se	1
esperar	1
gostar	1
parecer	1
relembrar	1

Tabela 9 – Lista de verbos de opinião ou crença encontrados no *corpus* da pesquisa, por ordem de frequência

A tabela acima mostra a maior incidência do verbo “saber”, que contou com 11 ocorrências. Em seguida, apareceram os verbos “acreditar” e “concordar”, com 4 ocorrências cada. Os verbos “achar”, “discordar”, “entender”, “lembrar” e “ver” apareceram duas vezes. Por fim, encontramos apenas uma ocorrência dos verbos “desqualificar”, “duvidar”, “enganar-se”, “esperar”, “gostar”, “parecer” e “relembrar”.

O exemplo 1 apresenta uma ocorrência do verbo “saber”, que foi o verbo de opinião ou crença mais frequente em nosso *corpus*, com 11 ocorrências. Esse verbo evidencia o conhecimento de um falante em relação a algum conteúdo, ou uma concepção pessoal:

- 1) *Haddad também comentou sobre as mensagens vazadas pelo site The Intercept Brasil, envolvendo o ministro da Justiça, Sergio Moro, e o procurador Deltan Dallagnol. “A verdade está surgindo, eles vão ter que se explicar, mas uma coisa já sabemos: Moro foi partidário”, afirmou. (VEJA, 2019, grifos nossos)*

Ao utilizar o verbo “saber” para expressar seu ponto de vista em relação a Sérgio Moro, Haddad o coloca no plural, evidenciando que a concepção não é apenas pessoal, e sim coletiva, embora não aponte a quem mais pertence tal perspectiva. Contextualmente, acessando nosso conhecimento de mundo, compreendemos que esse coletivo são os apoiadores do ex-presidente Luís Inácio Lula da Silva, que foram contra sua prisão e não concordaram com a forma que o processo foi conduzido e julgado por Sérgio Moro.

Além disso, a notícia veiculada pela Revista Veja em 2019 apresentou uma fala de Fernando Haddad que afirmou um conhecimento coletivo acerca da parcialidade de Sérgio Moro no processo que culminou na prisão do ex-presidente Luís Inácio Lula da Silva, em 2018. Contudo, na época dessa afirmação, o conteúdo da proposição era apenas uma suposição, que veio a ser confirmada neste ano de 2021, quando o Superior Tribunal Federal (STF) decidiu, em votação, pela parcialidade do ex-juiz no referido processo⁸.

O exemplo 2 conta com duas ocorrências de verbos de opinião ou crença: “achar” e “entender”. O primeiro é um verbo muito comum de ser utilizado na fala para expressar uma opinião em relação a qualquer conteúdo, como apontam Ávila e Cária (2017), que analisaram

⁸ Disponível em: <<https://g1.globo.com/jornal-nacional/noticia/2021/04/22/stf-forma-maioria-para-manter-decisao-que-declara-moro-parcial-no-caso-do-triplex.ghtml>>. Acesso em: maio de 2021.

um *corpus* oral. Segundo as autoras, “estes verbos sinalizam para os diferentes graus comprometimento do conceptualizador em relação ao material locutivo enunciado” (ÁVILA e CÁRIA, 2017, p. 117). “Entender” também se relaciona a uma subjetividade, pois o entendimento se encontra no campo dos saberes e do conhecimento

- 2) *O líder do governo na Câmara, deputado Major Vitor Hugo (PSL-GO), disse a VEJA que vê a greve desta sexta-feira “fragilizada” e “esvaziada” e que as manifestações favoráveis à reforma da Previdência e em defesa do governo Bolsonaro, no dia 26 de maio, tiveram mais “ênfase”. “Acho que neste momento [o movimento] está muito fragilizado. A oposição estava alardeando que seria algo muito grande, mas me pareceu esvaziado. Grande parte da população já **entendeu** a necessidade da reforma, isso pode ter arrefecido um pouco os ânimos.” (VEJA, 2019, grifos nossos)*

O exemplo apresenta falas e posicionamentos do Major Vitor Hugo, um representante governista na Câmara dos Deputados. Seus posicionamentos, expressos pelos verbos “ver” e “achar” são opiniões pessoais de alguém que é a favor das decisões de Jair Bolsonaro, posicionando-se, logicamente, contra as reivindicações dos manifestantes. Nesse sentido, ele aponta para uma fragilidade do movimento, em sua perspectiva, além de apresentar uma afirmação acerca de um “entendimento” de grande parte da população sobre a necessidade da reforma, afirmação que não é embasada. Em contrapartida, temos o exemplo 3:

- 3) *Iago Montalvão é otimista e diz que esta terça-feira vai ser “mais um dia de luta da sociedade como um todo”. **Acreditamos** que vamos repetir a dose do que aconteceu em maio, com elementos novos”, declara. (VEJA, 2019, grifos nossos)*

O verbo “acreditar”, presente no exemplo acima, está em uma citação direta de uma fala de Iago Montalvão, presidente da União Nacional dos Estudantes, apontando sua perspectiva pessoal, que é subjetiva. O exemplo se contrapõe ao anterior por se tratar de uma perspectiva divergente, uma vez que, como representante do movimento estudantil que foi às ruas lutar pelos recursos da educação, Iago Montalvão apresenta uma visão e posicionamentos

contrários aos de Major Vitor Hugo, que também são apresentados como perspectiva pessoal em uma citação direta.

Em seguida, apresentamos um excerto que conta com o uso do verbo “concordar” que, por sua vez, evidencia que há acordo de uma opinião em relação a outra, quando o então Ministro da Educação se coloca em uma posição de concordância com tudo o que propõe o presidente Jair Bolsonaro:

- 4) *“O dia que eu não **concordar** com o presidente, abertamente não **concordar**, eu tenho que renunciar. (VEJA, 2019, grifos nossos)*

Por fim, como último exemplo para esta categoria, temos o verbo “gostar”. No exemplo abaixo, ele foi empregado para evidenciar uma percepção pessoal do ministro Weintraub em relação à obra lida:

- 5) *Orientado a ler a obra do educador Paulo Freire por um dos deputados, Weintraub rebateu: “já li e não **gostei**”. (VEJA, 2019, grifos nossos)*

Para compreender o posicionamento de Weintraub ao afirmar que “não gostou” da leitura da obra de Paulo Freire, é preciso acessarmos ao contexto externo à notícia. O governo Bolsonaro e Paulo Freire, enquanto educador e sociólogo, possuem ideologias diferentes, gerando um embate de ideias. Dessa forma, a nosso ver, Abraham Weintraub, na posição de Ministro de Jair Bolsonaro, não falaria em público que gostou da leitura da obra freiriana.

Os verbos de opinião ou crença, portanto, apresentam a existência de um ponto de vista, os quais podem estar em acordo ou desacordo com alguma informação ou fato ocorrido. Os exemplos selecionados evidenciaram o funcionamento da utilização dos verbos de opinião ou crença e sua relação com as subjetividades no gênero textual notícia.

3.2.2 Os demais verbos modalizadores: epistêmicos, deônticos e dinâmicos

Trataremos, adiante, da apresentação e da classificação dos verbos demais verbos modalizadores, que representaram 81 ocorrências dentre as 250 totais do *corpus*. Listamos os verbos por ordem de frequência:

Verbo	Número de ocorrências
Dever	16
Poder	15
Ter que	13
Precisar	9
Querer	8
Ter (condicional)	5
Haver (condicional)	2
Pretender	2
Conseguir (condicional)	1
Cortar (condicional)	1
Desejar	1
Dever (condicional)	1
Garantir	1
Liberar (condicional)	1
Permitir	1
Poder (condicional)	1
Preferir	1
Ser (condicional)	1
Ter de	1

Tabela 10 – Lista dos demais verbos modalizadores encontrados no *corpus* da pesquisa, por ordem de frequência

Os verbos modalizadores encontrados, listados acima, foram classificados de acordo com as discussões realizadas no referencial teórico deste trabalho, que se basearam, principalmente, em Neves (2006) e Cária e Ávila (2017). Dessa forma, as classificações aconteceram de acordo com os valores epistêmico, deôntico e dinâmico.

Separando os verbos da tabela 10 por valor modal, é possível criar a tabela 11, que conta com a distribuição dos verbos modalizadores encontrados no *corpus*:

Verbos modalizadores epistêmicos	Verbos modalizadores deônticos	Verbos modalizadores dinâmicos
Dever	Dever	Desejar
Poder	Garantir	Preferir
Conseguir (condicional)	Permitir	Pretender
Cortar (condicional)	Poder	Querer
Dever (condicional)	Precisar	
Haver (condicional)	Ter de	
Liberar (condicional)	Ter que	
Poder (condicional)		
Ser (condicional)		
Ter (condicional)		

Tabela 11 – distribuição dos verbos modalizadores por valor modal

A tabela acima mostra uma visão geral da classificação dos verbos por modalidade. A seguir, trataremos das classificações por valor modal, incluindo também as suas subclassificações conforme apresentadas no capítulo teórico deste trabalho, apresentando e descrevendo exemplos de cada uma delas. Será realizada, ainda, a interpretação dos resultados, a qual acontecerá juntamente à descrição. Para tal, os exemplos, para cada uma das modalidades, serão apresentados junto aos contextos.

Salientamos que serão analisados apenas os modalizadores destacados, uma vez que não pretendemos, nesta pesquisa, esgotar o contexto sociopolítico no qual se insere nosso *corpus*. Dessa forma, objetivamos relacionar os resultados obtidos à construção da argumentação nas notícias, concluindo, assim, se as modalidades encontradas operam como estratégia argumentativa nesse gênero textual.

3.2.2.1 Verbos modalizadores epistêmicos

Foram encontradas, ao todo, 29 ocorrências dos verbos modalizadores epistêmicos, sendo 21 ocorrências de possibilidade epistêmica, das quais 8 se manifestaram pelo uso do verbo poder e 12 a partir da forma condicional e 8 ocorrências de probabilidade epistêmica.

Os verbos epistêmicos, segundo Neves (2006, p. 172-173), dizem respeito a uma avaliação que se situa em um *continuum* em que em uma extremidade está o “absolutamente certo” e se estende pelos graus indefinidos do possível. De acordo com a autora, no extremo da certeza, o enunciador avalia o conteúdo como verdadeiro. Quando não há, contudo, o objetivo de se afirmar algo com convicção de certeza, o enunciador utiliza expressões de não-certeza, fazendo um jogo epistêmico.

As expressões de certeza, contudo, não são observadas em construções verbais. Os termos mais comuns são, segundo Neves (2006), expressões adjetivas e adverbiais, tais como “é certo que” e “certamente”. Dessa forma, apresentaremos os nossos resultados referentes aos subvalores de possibilidade e probabilidade:

- 6) *Sindicatos e movimentos estudantis convocaram um dia de greve contra cortes de verbas que, segundo eles, **podem** paralisar as universidades. (G1, 2019, grifos nossos)*

- 7) *Dória diz que funcionário do Metrô que fez greve **pode** ser demitido (VEJA, 2019, grifos)*

Nos exemplos acima, a expressão da possibilidade foi marcada pelo uso do verbo “poder”. Em 6, a utilização do “poder” indica que não se sabe o que virá a acontecer no futuro das universidades públicas, evidenciando uma dúvida que se encontra no campo das possibilidades. Em 7, por sua vez, o uso do mesmo verbo indica uma possível “ameaça” do Governador João Dória, que faz alusão a uma possível demissão de funcionário do Metrô que fez greve, mas não aborda como uma certeza.

Em seguida, apresentamos ocorrências de possibilidade epistêmica que contaram com o uso do modo condicional:

- 8) *Se empresários pagassem o que devem, não **haveria** déficit, diz Haddad (VEJA, 2019, grifos nossos)*

No exemplo 8 acima, temos a partícula “Se”, que, segundo Hirata-Vale (2005), introduz uma assunção que ajuda a fazer predições. Ou seja, trata-se de uma situação completamente hipotética, pois para “não haver déficit”, como afirma Fernando Haddad, os empresários deveriam pagar suas dívidas, o que não aconteceu e nem há indícios de que aconteça. O uso do condicional ocorre de maneira diferente no exemplo 9 abaixo:

- 9) *Para chegar ao trabalho, na região de Santa Cecília, ele precisou fazer um trecho a pé, entre a estação Barra Funda e seu trabalho, porque a estação estava fechada e não **conseguiria** pegar o Metrô. (VEJA, 2019, grifos nossos)*

Em 9, percebemos a existência do condicional abordando uma situação que se mostra impossível, pois uma vez que a estação se encontrava fechada, é impossível que qualquer usuário tenha conseguido embarcar em um Metrô. Dessa forma, nota-se que o verbo é utilizado para apresentar essa impossibilidade de forma modalizada.

Por fim, apresentamos as ocorrências da probabilidade epistêmica, expressa pelo verbo “dever”. No exemplo 10, espera-se que os funcionários recebam esse reembolso, o que vai além de uma remota possibilidade, mas também não pode ser considerado uma certeza:

- 10) *Segundo os funcionários, a empresa **deve** reembolsar o gasto. (VEJA, 2019, grifos nossos)*

Em 11, o emprego tem sentido diferente. O enunciador sabe que já houve anúncio das novas manifestações para a data de 30 de maio de 2019, mas a apresenta de forma incerta, não conferindo credibilidade:

11) Segundo a União Nacional dos Estudantes (UNE), que convocou os atos, 1,5 milhão de pessoas foram aos protestos. Novas manifestações **devem** ocorrer em 30 de maio. (VEJA, 2019, grifos nossos)

É possível perceber, a partir dos exemplos apresentados, que os valores de possibilidade e probabilidade são muito próximos, sendo diferenciados pelo grau de aproximação com o conceito de “certeza”. Nesse contexto, é possível traçar um *continuum* epistêmico:

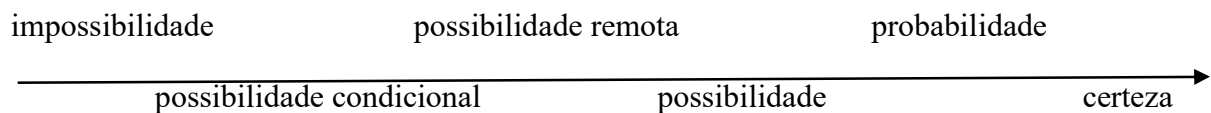


Figura 5 – *Continuum* epistêmico

A modalidade epistêmica, portanto, vai de um extremo, a impossibilidade, a outro, que é a certeza de alguma realização. Entre os extremos, ela passa por uma possibilidade condicional, como apresentada no exemplo 8, por uma possibilidade remota, por uma possibilidade que não se sabe definir, como em 6 e 7 e, em seguida, pela probabilidade, que se apresenta como mais próxima de uma previsão real, algo que se espera, e não simplesmente algo que é somente possível.

Para que seja possível depreender o que muda nas modalidades que se posicionam em momentos diferentes do *continuum* epistêmico, devemos tomar por base os efeitos enunciativos das escolhas. No gênero notícia, o qual, como afirmamos em nosso capítulo teórico, busca aparentar objetividade e isentar a responsabilidade enunciativa do redator, fazer afirmações com alto grau de certeza pode ser comprometedor.

Dessa forma, a escolha por modalizadores que denotem possibilidade e probabilidade são importantes para evitar os verbos de afirmação e de certeza, conduzindo o leitor a chegar à conclusão pretendida sem que o enunciador chegue a afirmá-la como certa. A informatividade da notícia é cumprida, como pode ser percebido no exemplo 11, pois a data da suposta manifestação foi divulgada.

Podemos afirmar, portanto, com base na observação dos modalizadores epistêmicos encontrados no *corpus*, que a graduação entre a impossibilidade e a certeza, expressas nas

notícias, indica o quanto o enunciador quer se comprometer com o conteúdo enunciado. Destacamos, ainda, que não foi encontrado nenhum verbo modalizador que indique o sentido de certeza, demonstrando essa precaução por parte do redator.

3.2.2.2 Verbos modalizadores deônticos

Os verbos modalizadores deônticos, por sua vez, representam a maior recorrência, totalizando 40 casos, sendo 22 referentes à obrigação deôntica, 16 referentes à necessidade deôntica e 2 referentes ao sentido de permissão deôntica.

Ao abordar a obrigação, Neves (2006) apresenta duas classificações: a primeira se trata de uma obrigação moral, interna e ditada pela consciência, ao passo que a segunda é uma obrigação material e externa, ditada por imposição de circunstâncias externas. No exemplo abaixo, apresentamos um exemplo de obrigação interna:

12) *“Temos **que** guardar um pouco a cada dia para caso precisar amanhã”, completou. (VEJA, 2019, grifos nossos)*

Para concluir que o uso de “Temos que” no exemplo acima se configura como uma obrigação interna, foi necessário voltar ao contexto da notícia:

O ministro-chefe da Casa Civil, Onyx Lorenzoni (DEM), usou um conselho de seus avós italianos para justificar porque o governo Bolsonaro adotou um contingenciamento nas verbas para as universidades federais. “Ninguém sabe qual é o dia de amanhã”, afirmou. Para Onyx, “contingenciamento é o governo ser prudente”. (VEJA, 2019).

A citação acima é o trecho que precede o exemplo, no qual aparece o uso do verbo modalizador. O contexto evidencia que a alegação realizada pelo ministro é feita com base em concepções pessoais, havendo, inclusive, alusão a ensinamentos familiares, o que está de acordo com o conceito de obrigação moral e interna abordado por Neves (2006, p. 160), que

afirma que “A modalidade deôntica está condicionada por traços lexicais específicos ligados ao falante (controle) e, de outro lado, implica que o ouvinte aceite o valor de verdade do enunciado para executá-lo”.

Dessa forma, para que se aceite o valor de obrigação deôntica contido no exemplo 12, é preciso levar em consideração que ele está diretamente relacionado às formas de controle do sujeito do enunciado, o ministro Onyx. Para outros sujeitos, a premissa de que ter que fazer reservas por não saber sobre o futuro, não é uma obrigação.

Porém, em nosso *corpus*, os exemplos de obrigação externa foram mais marcantes, por se tratar de um conteúdo político que envolve imposições sociais e governamentais, conforme pode ser observado nos exemplos listados abaixo:

13) *Para Abraham Weintraub, “todo ministro, todo mundo está debaixo de um presidente **tem que** seguir a linha que o presidente fala”. (VEJA, 2019, grifos nossos)*

14) *“Por isso, cada passo de um governo **tem que** ser explicado para todos”. (VEJA, 2019, grifos nossos)*

15) *Se empresários pagassem o que **devem**, não haveria déficit, diz Haddad (VEJA, 2019, grifos nossos)*

Nos exemplos 13 e 14, representados pelo “ter que”, fica evidente o sentido de obrigação, destacando que o conteúdo enunciado são realizações que devem, obrigatoriamente, ser realizadas. Em 13, Weintraub, que foi Ministro da Educação, menciona que os ministros estão “debaixo” de um presidente, sendo uma obrigação seguir o que o chefe do executivo fala. O exemplo 14 está relacionado a uma publicação do Movimento Brasil Livre, realizada no *Twitter*, que aborda a obrigatoriedade de que as ações de um governo sejam explicadas à população. Em ambos, o contexto está diretamente relacionado a questões políticas governamentais, evidenciando imperatividade (KOCH, 2014), caráter marcante da modalidade deôntica.

Por fim, o exemplo 15 traz o verbo “dever”, quando Haddad menciona a dívida de empresários com o governo. Por entender dívidas como contas que devem, obrigatoriamente, ser pagas, a ocorrência foi classificada como obrigação deôntica. Nesse caso, não é facultativo (KOCH, 2014) o pagamento de tais dívidas, ou não deveria ser, como aponta Haddad, uma vez que, de acordo com o candidato às eleições presidenciais de 2018, o recebimento desses valores supriria o déficit da economia brasileira.

O *corpus* apresentou, ainda, ocorrências de obrigação interna negativa e de obrigação externa negativa, que podem ser lidas com o sentido de proibição (NEVES, 2006):

16) “*Não podemos achar que é razoável uma pessoa que vive no campo, em condições precárias, seja submetido ao mesmo regime do trabalhador urbano.*” (VEJA, 2019, grifos nossos)

17) “*O senhor não poder [sic] vir aqui dessa maneira, sem nenhum critério técnico, baseado em ideologia, travar essa guerra ideológica, essa cruzada contra o que o governo chama de marxismo cultural, que não existe.* (VEJA, 2019, grifos nossos)

Em 16, há obrigação interna negativa ao apresentar utilizar após o modalizador “não podemos” e o verbo de opinião ou crença “achar”, indicando que se trata de uma obrigação deôntica baseada na possibilidade da existência de uma opinião pessoal. Em seguida, no exemplo 17, notamos a obrigação externa negativa, indicando que o Ministro da Educação em exercício, Abraham Weintraub, não deveria ter se apresentado ao Congresso da forma que foi feita, tendo desrespeitado uma obrigação para com os parlamentares.

Por conseguinte, o próximo subvalor da modalidade deôntica que apresentaremos é o de necessidade, que Neves (2006) não mencionou em sua classificação quanto a esse tipo de modalidade, mas foi destacado por Cária e Ávila (2017), as quais afirmam que, além da permissão e da obrigação, os verbos deônticos também podem expressar o sentido de necessidade. Esses exemplos exprimem sentidos próximos ao de obrigação, contudo com menor grau de intensidade, pois são coisas necessárias, isto é, que é preciso que aconteçam, é necessário que aconteçam, mas não há obrigação em sua realização.

O exemplo abaixo apresenta uma ocorrência de necessidade deôntica com o verbo “dever”, que também foi classificada como obrigação deôntica. Nesse caso, temos o mesmo verbo e, ainda assim, é possível a polissemia, pois é necessário levar em consideração o contexto:

18) *O Centro de Operações Rio informa que uma manifestação contra a reforma da previdência provoca a interdição da avenida Presidente Vargas, na pista lateral do sentido Candelária, a partir da avenida Passos, por onde o trânsito está sendo desviado. Motoristas **devem** optar pela pista central. (VEJA, 2019, grifos nossos)*

Em 18, percebemos que a utilização do verbo “dever” confere menor grau de intensidade ao sentido de obrigação revelado pela utilização do mesmo verbo no exemplo 15. Nesse sentido, Neves (2006) também aborda a problemática da polissemia dos verbos modais, apontando que as propostas tradicionais estão relacionadas à interpretação de cada modal. A seguir, apresentamos outros exemplos de necessidade deôntica, dessa vez com o verbo “precisar”:

19) *Houve manifestações em mais de 200 cidades do país, aponta levantamento do G1. Bolsonaro disse que bloqueou a verba para a educação porque **precisa** e chamou os manifestantes de 'idiotas'. Atos foram pacíficos. (G1, 2019, grifos nossos)*

20) *Seu colega, Marcos Paulo Nascimento, 27, também **precisou** de Uber para chegar até o trabalho e pagou cerca de 26 reais da Saúde (zona sul) até o local. (VEJA, 2019, grifos nossos)*

O verbo “precisar”, utilizado nos exemplos 19 e 20 acima, evidencia apenas o sentido de necessidade deôntica, não havendo dúvidas em sua classificação. Ao serem nominalizadas as expressões, temos que em 19 o bloqueio de verbas “foi preciso”, e em 20 a utilização do *Uber* também foi precisa. Isto é, foram necessários.

É preciso destacar que a diferença entre a necessidade e a obrigação se encontra no grau de intensidade do efeito de sentido do verbo. A obrigação é mais forte e mais assertiva, de forma que a escolha do verbo “precisar” e não do “ter que” ao mencionar algo que deve acontecer pode evidenciar a marcação de um não comprometimento com a proposição. Quanto à polissemia de alguns verbos, como é o caso do verbo “dever”, que pode ser tanto deôntico de necessidade quanto deôntico de obrigação, é preciso ter atenção ao contexto, que funciona como articulador de direcionamento.

Por fim, temos o terceiro subvalor da modalidade deôntica, a permissão. A permissão deôntica, que foi considerada em nossa análise, também não foi abordada por Neves (2006) como uma categoria independente. Para a autora, esse valor estaria atrelado ao sentido de obrigação, assim como a proibição. Contudo, assim como Cária e Ávila (2017), optamos por dar destaque a essa classificação:

21) *Antes de ser colocado em prática, porém, deverá passar por consulta pública e pelo Congresso. O modelo deve ter adesão voluntária pelas universidades. “Permitindo separar o joio do trigo... as que quiserem ficar no atual modelo, poderão ficar”, disse Weintraub. (VEJA, 2019, grifos nossos)*

No mesmo exemplo, que apresenta uma fala de Weintraub, aparecem dois verbos modalizadores deônticos de permissão: “permitir” e “poder”. O primeiro deles, “permitir”, está literalmente relacionado ao termo “permissão”. Enquanto isso, o verbo “poder”, que também possui outras classificações, no exemplo 21 está empregado para evidenciar que as instituições que não quiserem adotar o Future-se terão permissão para continuar no modelo atual de investimentos.

Koch (2014) aborda que a modalidade deôntica está ligada aos graus de imperatividade e facultatividade atribuídos a determinado conteúdo, de forma que notamos a utilização dos verbos modalizadores deônticos de obrigação principalmente nos excertos que incluem questões políticas e governamentais, que já são aceitas, socialmente, como obrigações, por ser uma questão hierárquica.

Além disso, a escolha dos verbos modalizadores, principalmente quando se trata de diferentes graus de intensidade, aponta para posicionamentos do enunciador e como ele, enquanto sujeito do discurso, lida com tais questões. Apresentar maior ou menor força

enunciativa em uma ou outra proposição indica uma direção que o leitor deve seguir em relação ao conteúdo da notícia lida.

3.2.2.3 Verbos modalizadores dinâmicos

Por fim, temos os verbos modalizadores dinâmicos, que resultaram 12 ocorrências referentes ao valor de volição, isto é, que expressa os desejos do falante. A volição, na classificação de Cária e Ávila (2017), faz parte da modalidade dinâmica. Esse mesmo sentido, foi chamado por Neves (2006) de modalidade bulomaica. Para a autora, essa modalidade diz respeito às necessidades e possibilidades que se relacionam, diretamente, aos desejos do sujeito. Ávila (2014) completa, ainda, que essa modalidade, diferentemente das outras, não diz respeito aos desejos do sujeito enunciador, e sim do sujeito da sentença.

A volição pode ser percebida, no *corpus*, a partir da utilização de quatro verbos, sendo eles: desejar, preferir, pretender e querer, conforme apresentados nos exemplos a seguir:

22) *O passageiro que **deseja** viajar pela CPTM, que opera normalmente em outras opções, tem a opção de pegar um ônibus para a estação Terminal D. Bosco para prosseguir viagem. (VEJA, 2019, grifos nossos)*

23) *Segundo o inspetor do local, que **preferiu** não ter o nome identificado, nenhum ônibus permanecerá na garagem. (VEJA, 2019, grifos nossos)*

24) *Manifestantes **pretendem** fechar outra via importante da capital, a avenida Brigadeiro Luís Antônio, no caminho. (VEJA, 2019, grifos nossos)*

25) *Paulinho da Força diz que **quer** “reduzir danos” da reforma (VEJA, 2019, grifos nossos)*

O verbo “desejar”, utilizado no exemplo 22, exprime, literalmente, a ideia de um desejo possível, assim como o verbo “querer”, que aparece no exemplo 25. O verbo “preferir”, do exemplo 23, aponta para a possibilidade de uma preferência por parte do sujeito da sentença. Por fim, o verbo “pretender”, utilizado no exemplo 24, se relaciona a uma possível pretensão por parte dos manifestantes, de forma que o enunciador da notícia aborda uma vontade desses sujeitos da sentença de forma subjetiva. Contextualmente, essa interpretação pode acontecer de forma superficial, e os quatro verbos modalizadores dinâmicos, em alguns casos, poderiam, inclusive, ser utilizados como sinônimos, embora não sejam sempre intercambiáveis.

É necessário discutir a importância do sentido de volição para o gênero textual notícia. Esses verbos, por exprimirem vontade, evidenciam a existência de uma subjetividade, de um indivíduo com desejos e preferências, uma vez que esses sentimentos são relacionados a atravessamentos pessoais. Ao utilizar um verbo modalizador dinâmico, o redator aponta para os desejos de um sujeito do enunciado, o que faz com que as informações não apresentem caráter objetivo.

No que concerne à informatividade, característica importante em notícias jornalísticas, ela fica vaga, pois o redator não traz as informações como afirmações necessariamente reais, e sim como supostas preferências. Koch (2014) aborda que o processo de elaboração de informações é, na verdade, um processo de (re)construção do real, em que se manipula a percepção da realidade. É o que se percebe, em geral, no uso das modalidades, pois os enunciadores utilizam esse recurso linguístico para apresentar uma das facetas de uma possível realidade relatada.

Após finalizar as classificações e descrições no que concerne aos tipos de modalidade e suas subcategorias, apresentaremos, a seguir, a classificação das ocorrências modalizadoras por tipo de discurso, apresentando a quantidade de modalizadores encontrados em citações diretas, citações indiretas e textos sem citação.

3.2.3 Os tipos de discurso

Após uma primeira leitura das notícias analisadas, observamos que muitos modalizadores se encontram dentro de discursos reportados. Dessa forma, constatamos a importância de se analisar a inserção de citações no gênero textual notícia enquanto estratégia

argumentativa, classificamos, também, os modalizadores encontrados quanto ao tipo de discurso, evidenciando se eles estão em citações diretas, indiretas ou em textos sem citação.

No que concerne aos resultados, dentre as 117 ocorrências de verbos de opinião e crença e de verbos modalizadores, 70 foram encontradas em citações diretas, isto é, trechos que se tratam da reprodução de um texto original de outro interlocutor, nos quais é necessária a utilização de aspas (KOCH e ELIAS, 2017):

26) *Os estudantes em São Paulo debocham do presidente Jair Bolsonaro, que em viagem nos Estados Unidos, sugeriu que os estudantes brasileiros “são imbecis que **não sabem** a fórmula da água” (CARTA CAPITAL, 2019, grifos nossos)*

27) *Na estação Tatuapé do metrô, a atendente Bianca Cavalcante, 25 anos, também reclamou do movimento e afirmou que não havia feito nenhuma venda no começo do dia. “Normalmente já **teríamos** atingido muita gente”. (VEJA, 2019, grifos nossos)*

28) *Freitas, lamentou a pressão da Justiça, das forças de segurança e dos empresários contra um direito constitucional de greve. “Mesmo com as dificuldades, **acredito** no sucesso desse movimento”. (VEJA, 2019, grifos nossos)*

Ao analisar os exemplos acima, percebemos que as modalidades estão inseridas dentro das citações. Em 26 e 28, o verbo modalizador é de opinião ou crença, evidenciando em 26 um não conhecimento sobre uma informação, quando Bolsonaro afirma que os estudantes “**não sabem**” a fórmula da água; e em 28 é a expressão de uma subjetividade de Vagner Freitas, presidente nacional da CUT (Central Única dos Trabalhadores), que **acredita** no sucesso das manifestações contra os cortes na educação e contra a reforma da previdência.

O exemplo 27, por sua vez, se trata de um trecho da notícia que aponta para as consequências negativas da greve geral pela educação. O texto apresenta a perspectiva de uma trabalhadora. Bianca, segundo a notícia, é uma atendente de supermercado, e afirmou não ter feito nenhuma venda no começo do dia, o que **teria** acontecido caso não fosse a greve geral.

Abordar a fala de Bianca, nesse contexto, aponta para uma perspectiva de que a greve geral e as manifestações são prejudiciais aos trabalhadores.

Koch e Elias (2016) afirmam que citação direta se trata da reprodução literal de um enunciado, sendo necessária a utilização de aspas, bem como a indicação do autor, o que constitui argumento de autoridade, o que conseguimos observar nos exemplos selecionados. Ao utilizar um argumento de autoridade na notícia, o efeito para o leitor é de aceitação do conteúdo relatado, por se tratar de uma informação verídica.

Além disso, 30 modalizadores foram encontrados em citações indiretas, que são aquelas que trazem o discurso de outrem de forma parafraseada, isto é, reformulada com base na interpretação do enunciador (MARCUSCHI, 2007) e precedida de um verbo dicendi e o vocábulo “que”:

29) *Doria **afirmou** também que os sindicatos que desobedeceram a orientação legal **podem** ser multados em até R\$ 1 milhão. (G1, 2019, grifos nossos)*

30) *O parlamentar **disse acreditar** que a reforma da Previdência será aprovada, mas que o objetivo dos deputados de oposição é reduzir os danos. (VEJA, 2019, grifos nossos)*

31) *Abraham Weintraub **disse** aos deputados que **pretende** apresentar ao Congresso um projeto que prevê o pagamento de um salário mínimo por mês a alunos que tirem notas altas no Exame Nacional do Ensino Médio (Enem), sejam aprovados em universidades e **queiram** se tornar professores do ensino fundamental. (VEJA, 2019, grifos nossos)*

No exemplo 29, o modalizador “**podem**” se encontra em uma citação indireta, abordando a possibilidade da multa para os sindicatos que desobedecerem à orientação legal do Governador João Dória. Ao utilizar o verbo epistêmico de possibilidade, o redator não afirma que os sindicatos serão multados, apenas menciona que pode ser que isso aconteça, segundo afirmação do governador.

O exemplo 30, por sua vez, se trata de uma citação indireta de uma provável fala de Paulinho da Força, um deputado da oposição que participou dos atos em São Paulo. O que foi noticiado pela Veja é um suposto ponto de vista do parlamentar, evidenciado pelo verbo dicendi “disse” e pelo verbo de opinião ou crença “acreditar”, o que deixa a enunciação no campo da subjetividade.

Já no exemplo 31, há a citação indireta de uma fala um pouco maior do Ministro da Educação, abordando uma proposta que o ministro supostamente quer apresentar ao congresso. O enunciador não afirma que o Weintraub irá fazer a apresentação, e sim que ele pretende.

Por fim, as ocorrências que não contam com citações diretas ou citações indiretas foram classificadas como texto sem citação, pois os redatores não fazem menção a nenhuma fonte ao apresentar informações, fazendo afirmações:

32) *Com a mudança, o ministro **precisará** prestar esclarecimentos aos 513 deputados.*
(*VEJA, 2019, grifos nossos*)

No exemplo 32 acima, o modalizador “precisará” se encontra em uma afirmação feita pelo redator da notícia, que informa que o Ministro (da educação), ao comparecer à Câmara dos Deputados, **precisará** prestar esclarecimentos aos deputados. O verbo, como já analisado anteriormente, possui valor deôntico de necessidade, apontando que é algo necessário de se acontecer, e não a obrigação. Embora o deputado tenha sido convocado para prestar tais esclarecimentos, gerando uma obrigação, entendemos que por não trazer uma citação direta, o enunciador evita a utilização de um verbo deôntico com esse sentido, para apresentar a informação com menos força enunciativa. Observemos o próximo exemplo:

33) *MEC **quer** incentivar federais a buscar fontes de recursos no setor privado.*
(*VEJA, 2019, grifos nossos*)

Já no exemplo 33 acima, assim como no exemplo 31, o redator da notícia faz uma afirmação acerca de uma pretensão do Ministério da Educação, informando, sem o recurso à citação (direta ou indireta), que o MEC **quer** incentivar as instituições federais a buscar fontes

de recursos no setor privado. Observa-se que o redator, tanto no exemplo 31 quanto no 33, em nenhum momento, afirma que o MEC irá realizar tal incentivo, apenas o menciona enquanto uma pretensão.

Em seguida, buscamos relacionar a incidência das ocorrências de verbos de opinião ou crença e de cada tipo de modalidade dos verbos modalizadores nos trechos de citação direta, citação indireta e de textos sem citação. Encontramos, então, os resultados apresentados na tabela 12 a seguir:

	citação direta	citação indireta	texto sem citação
epistêmicos	9	14	6
deônticos	30	4	4
dinâmicos	5	4	3
verbos de opinião ou crença	26	8	2

Tabela 12 - Número de ocorrências de modalizadores por tipos de modalidade e tipo de discurso

A partir da tabela 12 acima, é possível perceber que alguns resultados se destacam, sendo eles a ocorrência de 30 verbos modalizadores deônticos e 26 verbos de opinião ou crença em citações diretas e 14 ocorrências de verbos modalizadores epistêmicos em citações indiretas. Nos textos sem citação, não houve nenhum destaque. Dessa forma, buscaremos explicar, a seguir, esses três destaques mencionados.

Os verbos deônticos são um dos destaques dos modalizadores que aparecem nas citações diretas, o que acontece pois, de acordo com Ávila (2014), o valor deôntico está relacionado a princípios morais ou legais e de conduta social. Dessa forma, uma vez que nosso *corpus* se trata de manifestações políticas, os contextos apresentados incluem falas de políticos e governantes do país, discursos nos quais esses termos são muito comuns.

Tomemos como base os exemplos aqui renumerados como 34 e 35:

- 34) *Antes de ser colocado em prática, porém, **deverá** passar por consulta pública e pelo Congresso. O modelo deve ter adesão voluntária pelas universidades. “Permitindo separar o joio do trigo... as que quiserem ficar no atual modelo, **poderão** ficar”, disse Weintraub. (VEJA, 2019, grifos nossos)*

35) “O senhor **não pode[r]** vir aqui dessa maneira, sem nenhum critério técnico, baseado em ideologia, travar essa guerra ideológica, essa cruzada contra o que o governo chama de marxismo cultural, que não existe. (VEJA, 2019, grifos nossos)

No exemplo 34, o excerto cita uma fala de Weintraub, então Ministro da Educação, relacionada ao Future-se, proposta que inclui investimentos da iniciativa privada nas universidades públicas. Já o excerto referente ao exemplo 35, por sua vez, trata-se de uma fala da Deputada Tábata Amaral direcionada a Weintraub, proferida em sessão na Câmara dos Deputados.

Ainda sobre os destaques nas citações diretas, temos a alta incidência de verbos de opinião ou crença, resultado que é coerente devido ao fato destes verbos serem os mais comuns para a expressão da opinião e do ponto de vista de forma direta. Eles são muito comuns na fala e em textos subjetivos, nos quais não há uma tentativa de ocultamento de pontos de vista e busca pela objetividade. Notemos:

36) “Eu **duvido** que alguém toque xote que nem eu toco. Pra tocar um xote que nem eu toco tem que ter um pé no Ceará ou não? Então esse papo ‘você não merece ser cearense’, pelo amor de Deus...”, rebateu. (VEJA, 2019, grifos nossos)

37) “Se não **me engano**, [o Ministério da] Infraestrutura foi contingenciado em 80%”, disse. (VEJA, 2019, grifos nossos)

Os exemplos acima apresentam os verbos “duvidar” e “enganar-se”, empregados nas expressões “Eu duvido” e “Se não me engano”, as quais são muito utilizadas em discursos subjetivos, expressando, de forma explícita, uma visão pessoal sobre alguma temática.

Por fim, temos os verbos epistêmicos, os quais se destacaram nas ocorrências de citação indireta. Esse valor se relaciona aos sentidos de possibilidade e probabilidade, o que justifica suas ocorrências serem significativas nesse tipo de discurso, pois ao introduzir o discurso de outrem e fazer qualquer apontamento em relação a isso, o enunciador não pode

fazer afirmações, então insere informações situadas no campo das possibilidades, sendo muito comum, inclusive, o uso do condicional:

38) *Após os atos, o governo disse que **liberaria** mais recursos para a educação, mas manteve o corte já anunciado em março (VEJA, 2019, grifos nossos)*

39) *Segundo os funcionários, a empresa **deve** reembolsar o gasto. (VEJA, 2019, grifos nossos)*

O exemplo 38 apresenta a forma condicional do verbo “liberar”, indicando que o governo iria fazer a liberação dos referidos recursos. Essa utilização não exprime certeza, e sim que é uma informação possível. Da mesma forma, o verbo “dever”, empregado no exemplo seguinte, aponta para a probabilidade de que a empresa realize o reembolso dos funcionários, o que é mais forte que uma possibilidade remota, como é o caso do condicional utilizado no exemplo 38, mas ainda não há certeza nessa afirmação.

Foi possível notar, então, que os verbos de opinião ou crença e os verbos deônticos se destacaram nas citações diretas, enquanto os verbos epistêmicos foram muito frequentes nas citações indiretas. Nas notícias analisadas, a referida diferença na frequência do uso de determinadas modalidades indica uma maior ou menor força argumentativa e marca a relação entre o enunciador e o conteúdo proposto.

Isso se justifica porque algumas modalidades possuem maior ou menor carga de subjetividade, como é o caso dos verbos de opinião ou crença, ou maior força enunciativa, como os verbo deônticos, enquanto outras podem atenuar discursos, como é o caso das ocorrências de verbos epistêmicos, utilizadas para que as informações sejam enunciadas sem que se afirme sua certeza, deixando-as no campo das possibilidades, o que pode acarretar diferentes efeitos de sentido em sua compreensão.

A utilização das citações é, como já afirmado por Marcuschi (2007), muito importante na construção do gênero textual notícia. Em nosso trabalho, observar essa estratégia é relevante pois a presença da fonte de informações pode alterar a recepção do conteúdo lido, por funcionar como argumento de autoridade (KOCH e ELIAS, 2016). Mencionar fontes

oficiais também é importante e pode transmitir a ideia de que a notícia possui mais credibilidade, aumentando a confiabilidade do público-leitor em relação ao veículo midiático.

Depois de realizadas as classificações quanto ao meio de expressão e ao tipo de discurso utilizado pelos enunciadores, bem como após a explicitação das modalidades mais comuns em cada um deles (citação direta, citação indireta e texto sem citação), buscaremos, na próxima seção, mostrar a importância argumentativa da inserção dos discursos de outrem nas notícias e como esse processo acontece.

3.3 Segundo momento: os introdutores de discursos

Durante a leitura das notícias que compõem o nosso *corpus*, confirmamos a premissa de que o recurso ao discurso reportado em notícias é muito comum. Além disso, com base em Marcuschi (2007), entendemos que no gênero textual notícia a utilização dessa estratégia acontece para se acrescentar informações sem que o enunciador se responsabilize por elas. As citações também conferem credibilidade aos acontecimentos abordados.

Nesse contexto, por entender o recurso ao discurso reportado como uma estratégia argumentativa, decidimos analisar, também, a forma como esses discursos são inseridos nas notícias analisadas, o que representou o segundo momento da nossa análise. Levando em consideração que a linguagem é ideológica, e que seu uso significa e representa uma escolha, a seleção dos verbos dicendi também implica em escolhas por parte do enunciador, pois, segundo Nascimento (2006, p. 78), os verbos dicendi modalizadores “imprimem um ponto de vista do locutor perante o dito, ou mais especificamente, permitem que um locutor, ao trazer o discurso de um outro locutor, imprima como aquele discurso deva ser lido”. Dessa forma, a utilização desses verbos pode evidenciar a linha argumentativa dos textos.

Para investigar como ocorre esse processo, buscamos todos os excertos que precedem uma citação direta ou indireta para realizar essa análise e, em seguida, os organizamos em uma planilha eletrônica. As ocorrências verbais foram classificadas em verbos dicendi modalizadores e verbos dicendi não modalizadores, conforme propôs Nascimento (2006), sendo os primeiros aqueles que exprimem um julgamento ou avaliação por parte do enunciador, e os segundos apenas apontam que uma fala de outrem é introduzida, sem qualquer juízo de valor.

Além disso, anotamos, também, para fins de contabilização, as ocorrências das expressões circunstanciais abordadas por Rabello (2008), as quais não são verbos, mas também operam com o mesmo objetivo, podendo até mesmo funcionar como modalizadores. Segundo a autora, optar por expressões como “Segundo”, “Para” e “De acordo com” é uma opção mais simples e discreta em que o enunciador pode usar para indicar que está se apoiando em um discurso de outro enunciador. Podemos observar o exemplo 40 abaixo:

40) *À tarde, houve ato na praça da Bandeira, em Macapá: 25 mil pessoas participaram, **segundo** a organização; **para** a PM, foram 1,5 mil pessoas. (G1, 2019, grifos nossos)*

O portal apresenta duas estimativas de pessoas desproporcionais e discrepantes, de forma que não é possível inferir quantas pessoas realmente participaram da manifestação. Nesse tipo de acontecimento, é comum que as estimativas sejam dadas de forma oficial pela Polícia Militar, de maneira que a estimativa dada pelos organizadores fica sem endosso, por não se tratar de uma informação oficial.

Em nossa interpretação e com base no que afirma Koch (2014), acreditamos que o G1 opta por deixar a possibilidade de escolha de interpretação em aberto, cabendo ao interlocutor reconstruir a hierarquia a partir de seus pontos de vista. A autora destaca o leitor enquanto um “construtor de sentido” (KOCH, 2014, p. 203), o que acontece a partir das atividades linguísticas do enunciador, as quais estimulam, facilitam ou causam a compreensão.

Segundo Rabello (2008, p. 36), o uso das expressões circunstanciais é uma “alternativa linguística para a reprodução da fala de outrem”, a qual possibilita que o enunciador se exima da responsabilidade sobre o dito. Elas poderiam ser substituídas por verbos dicendi caso houvesse o interesse de destacar alguma avaliação em relação ao discurso que se segue, de forma que sua utilização pode ocorrer como forma de proteção, para aparentar neutralidade. É o que percebemos no exemplo 41, quando a Veja usa uma informação veiculada pelo *The Wall Street Journal* sobre o governo do presidente Jair Bolsonaro:

41) *Para o The Wall Street Journal, o presidente "luta para manter sua popularidade enquanto se defende de uma profunda crise fiscal". (VEJA, 2019, grifos nossos)*

No exemplo acima, podemos observar o uso das expressões circunstanciais abordadas por Rabello (2008). Marcuschi (2007) também aborda essa forma de introduzir discursos, chamando-as de “construções adverbiais”. De acordo com o autor, tais construções deixam as opiniões emitidas por conta de quem as proferiu. Caso tivesse sido utilizado um verbo dicendi modalizador, a leitura da notícia poderia ser diferente.

Nessa notícia, a Veja realizou um compilado de informações que foram veiculadas em diferentes mídias internacionais, apenas citando-as, sem exprimir opiniões. Contudo, notamos a importância dessa veiculação, uma vez que mesmo que a Veja não tenha redigido as informações por si, ela foi o veículo responsável por reportar e divulgar o compilado para o público-leitor brasileiro.

Marcuschi (2007) aponta para o risco de se utilizar essas expressões em paráfrases, pois o enunciador, durante a redação das notícias, pode fazer alterações textuais em um discurso de outro e apresentá-lo como literalmente dado:

42) *Sindicatos e movimentos estudantis convocaram um dia de greve contra cortes de verbas que, **segundo** eles, podem paralisar as universidades (G1, 2019, grifos nossos)*

Em 42, há a indicação de uma ocorrência que foi reportada pelo portal de notícias G1, abordando uma possível fala de sindicatos e movimentos estudantis. Percebemos, ainda, que há o uso do modalizar “podem”, flexão do verbo “poder”, indicando que essa promessa é uma possibilidade. Contudo, os leitores não têm acesso ao original relatado, tornando possível que o G1 possa realizar escolhas lexicais que são capazes de direcionar a informação de acordo com seus objetivos argumentativos.

É preciso destacar, entretanto, que o foco do nosso trabalho são os verbos modalizadores, de forma que essas expressões foram contabilizadas para evidenciar o alto índice de citações diretas e indiretas nas notícias, bem como para apresentar os riscos de se utilizar a paráfrase nesses textos.

Quanto à classificação dos dados na planilha, buscamos evidenciar em qual arquivo e em qual portal/revista se encontra cada uma das ocorrências, destacamos os termos que evidenciam que são introdutores de discursos e apresentamos seu contexto, isto é, o excerto da notícia em que estão inseridas. Em seguida, foi realizada a classificação entre verbo dicendi modalizador, verbo dicendi não modalizador (NASCIMENTO, 2006) e expressão circunstancial (MARCUSCHI, 2007; RABELLO, 2008), a qual pode ser observada na figura 6 abaixo:

Ocorrência modalizador	Infinitivo (no caso dos v)	Contexto	Classificação
lamentou	lamentar	Freitas, lamentou a pressão da Justiça, das forças de segurança e dos empresários contra um direito constitucional de greve. “Mesmo com as dificuldades, acredito no sucesso desse movimento.	verbo dicendi modalizador
Segundo		Os protestos convocados pela reforma da Previdência para essa sexta-feira acontecem em 21 estados do país e no Distrito Federal, segundo registros da CUT e da Força Sindical nas redes sociais.	Expressão circunstancial
diz	dizer	A Secretaria do Estado de Educação diz que apura se há escolas paralisadas em SP.	verbo dicendi não modalizador
informa	informar	A Companhia de Engenharia de Tráfego (CET), órgão que monitora o trânsito na cidade de São Paulo, informa que o índice de lentidão é de 109 km na capital. A média para o horário é de 57 a 87 km.	verbo dicendi modalizador

Figura 6 – Captura de tela da planilha eletrônica de classificação dos introdutores de discurso encontrados

Foi encontrado um total de 216 introdutores de discursos nas 16 notícias analisadas, sendo 133 ocorrências de verbos dicendi modalizadores, 57 ocorrências de verbos dicendi não modalizadores e 26 expressões circunstanciais. Os verbos dicendi serão descritos e exemplificados nos tópicos que se seguem.

3.3.1 Verbos dicendi modalizadores:

Segundo Nascimento (2006, p. 78), os verbos dicendi modalizadores operam com duas funções: apresentar o discurso de um segundo locutor e indicar como esse discurso deve ser lido. Dessa forma, nas notícias que compõem nosso *corpus*, encontramos 42 verbos dicendi modalizadores diferentes, contabilizando um total de 133 ocorrências, sendo eles: “acusar”, “advertir”, “afirmar”, “alegar”, “alertar”, “anunciar”, “apontar”, “argumentar”, “atacar”, “autorizar”, “avisar”, “chamar”, “citar”, “classificar”, “cobrar”, “comentar”, “comparar”, “completar”, “concordar”, “confirmar”, “criticar”, “declarar”, “defender”, “destacar”,

“enumerar”, “explicar”, “frisar”, “informar”, “justificar”, “lamentar”, “ponderar”, “prometer”, “questionar”, “rebater”, “reclamar”, “reconhecer”, “relatar”, “reproduzir”, “ressaltar”, “subir o tom”, “sugerir” e “voltar a dizer”.

Marcuschi (2007) cria uma possibilidade de agrupamento desses verbos introdutórios, a qual foi apresentada no capítulo teórico desta dissertação. Visando à análise dos nossos resultados, decidimos classificar os verbos encontrados nas notícias de acordo com o agrupamento criado pelo autor, conforme pode ser observado na tabela a seguir:

Verbos indicadores de posições oficiais e afirmações positivas	“afirmar”, “alegar”, “anunciar”, “apontar”, “autorizar”, “confirmar”, “citar”, “declarar”, “informar”, “relatar”
Verbos indicadores de força do argumento	“destacar”, “frisar”, “ressaltar”, “justificar”
Verbos indicadores de emocionalidade circunstancial	“acusar”, “atacar”, “subir o tom”, “lamentar”, “reclamar”
Verbos indicadores da provisoriedade do argumento	“concordar”, “chamar”, “ponderar”
Verbos organizadores de um momento argumentativo no conjunto do discurso	“comparar”, “completar”, “enumerar”, “explicar”, “completar”, “reproduzir”
Verbos indicadores de retomadas opositivas, organizadores dos aspectos conflituosos	“argumentar”, “cobrar”, “comentar”, “defender”, “questionar”, “rebater”, “reconhecer”, “voltar a dizer”
Verbos interpretativos do caráter ilocutivo do discurso referido	“advertir”, “alertar”, “avisar”, “criticar”, “prometer”, “sugerir”

Tabela 13 - Classificação dos verbos dicendi modalizadores encontrados nas notícias de acordo com a agrupação feita por Marcuschi (2007)

É importante destacar que a elaboração da tabela acima utilizou os conceitos do autor, contudo nem todos os nossos verbos que encontramos em nossa análise e dispusemos na tabela 13 aparecem na classificação feita por Marcuschi (2007). Sendo assim, organizamos o agrupamento analisando o uso de cada um dos verbos de acordo com o sentido das classificações propostas pelo autor.

A seguir, apresentaremos alguns exemplos dessas ocorrências e os descreveremos realizando também, em alguns momentos, sua interpretação, que pode levar em consideração o contexto. Reiteramos que o contexto sócio-histórico não é o foco de nosso trabalho, que se pauta na descrição linguística das ocorrências modalizadoras. Contudo, ele não deve ser desconsiderado e pode auxiliar no processo de análise.

As manifestações contra os cortes na educação foram apoiadas pela Greve Geral contra a Reforma da Previdência, aprovada em 2019. Nesse contexto, vários setores do mercado de trabalho pararam. Nesse contexto, segundo a Veja, João Dória, Governador do Estado de São Paulo, afirmou que os sindicatos poderiam receber multa:

43) *Dória **afirmou** também que os sindicatos que desobedeceram a orientação legal podem ser multados em até R\$ 1 milhão. (VEJA, 2019, grifos nossos)*

Ao utilizar o verbo “afirmar”, a revista reporta um discurso de posição oficial, uma vez que Dória é um representante do governo do estado. O exemplo 44 a seguir, por sua vez, se trata da notícia da Veja que fez um compilado de destaques internacionais sobre o governo Bolsonaro:

44) *O The Guardian também **destacou** os “maiores protestos” já enfrentados pelo novo presidente e **frisou** que as marchas marcam um momento de tensão na administração de Bolsonaro, “cujos números [de aprovação] nas pesquisas estão caindo enquanto ele luta contra uma economia fraca, desemprego crescente, uma coalizão indisciplinada no Congresso e lutas internas em seu gabinete”. (VEJA, 2019, grifos nossos)*

Segundo Marcuschi (2007), os verbos introdutórios “destacar” e “frisar” são marcadores da força do argumento, de forma que o enunciador, nessa notícia, confere relevância aos apontamentos da mídia internacional. Por fim, os três exemplos que se seguem são relacionados à presença do então Ministro da Educação, Abraham Weintraub, em sessão realizada no plenário da Câmara dos Deputados, após ser convocado para prestar contas sobre os cortes anunciados pelo Governo Federal:

45) *Enquanto os protestos aconteciam país afora, o ministro da Educação, Abraham Weintraub, era sabatinado sobre os cortes no plenário da Câmara dos Deputados, onde ele passou das 15h às 21h. Respondendo a perguntas de deputados, ele **voltou a dizer** que o governo tem como prioridade investir em educação básica e ensino técnico e **alegou** que não há corte, mas contingenciamento, de cerca de 30% na verba discricionária das universidades (em torno de 3,5% do total). (VEJA, 2019, grifos nossos)*

46) *Ao se dirigir a Abraham Weintraub, a deputada federal Tábata Amaral (PDT-SP) **acusou** o ministro de “manipular dados” e de se apresentar à Câmara “sem nenhum critério técnico”. (VEJA, 2019, grifos nossos)*

47) *Orientado a ler a obra do educador Paulo Freire por um dos deputados, Weintraub **rebateu**: “já li e não gostei”. (VEJA, 2019, grifos nossos)*

Ao utilizar a expressão “voltou a dizer”, o enunciador nos apresenta a ideia de que a informação já havia sido mencionada, ou algo que já se sabe, sendo algo reiterado. Em seguida, ainda no exemplo 45, é utilizado o verbo “alegar”, o qual, assim como “afirmar”, indica uma posição oficial e de afirmações positivas. Adiante, no exemplo 46, apresenta-se a forma como a deputada Tábata Amaral se dirigiu ao então ministro, a qual, segundo o redator da notícia, foi de forma acusatória, indicando, segundo Marcuschi (2007), emocionalidade circunstancial por parte da deputada. Por fim, no terceiro exemplo, 47, ao mencionar uma resposta de Weintraub, o redator se vale do verbo “rebater”, o qual, segundo Marcuschi (2007), indica uma retomada opositiva, muito comum em contextos conflituosos.

Ainda de acordo com Marcuschi (2007), muitas vezes os verbos são utilizados com funções que nem sempre estão de acordo com a opinião original do autor. A forma escolhida pelo enunciador é capaz de conduzir o leitor para que este faça inferências e imagine o contexto a partir do que é retratado na notícia. É o que se percebe, por exemplo, neste caso:

48) *O petista **subiu o tom** das críticas a Bolsonaro e disse que “ele passou 28 anos no Congresso sem fazer rigorosamente nada”. (VEJA, 2019, grifos nossos)*

Ao utilizar a expressão “subiu o tom” para reportar uma fala de Fernando Haddad, o redator mostra um contexto em que o petista foi, possivelmente, além de um patamar de comunicação que estava estabelecido. Como afirma Marcuschi (2007), os verbos são, em sua maioria, indicadores do efeito que o discurso deveria ter, o que fica evidente nos exemplos descritos acima, a partir dos quais foi possível perceber a importância da escolha do verbo *dicendi* que introduz cada um dos discursos.

Ainda segundo estudos de Marcuschi (2007, p. 164), a questão mais importante é saber até que ponto é possível informar alguma opinião sem que ocorra uma interpretação ou sem que se dê alguma direção a seguir. Concordamos com o autor quando ele afirma que “a ação desses verbos hierarquiza, reforça, discrimina, classifica, etc. os autores das respectivas opiniões relatadas”, como foi possível perceber nos excertos selecionados e apresentados nesta seção.

Ao criar a proposta de agrupação dos verbos, Marcuschi (2007, p. 164, grifos do autor) objetivou, em suas palavras: “tornar evidente que os verbos têm, a par de uma atividade sobre o dito, também uma *função no texto* enquanto estruturam a argumentação”. Dessa forma, a partir do que aponta o autor e dos resultados encontrados em nosso *corpus*, é possível confirmar que a escolha do verbo se configura como uma forma de argumentar, uma vez que o enunciador, enquanto redator da notícia, imprime uma perspectiva quanto ao discurso reportado ao escolher um verbo específico para introduzi-lo.

3.3.2 Verbos *dicendi* não modalizadores:

Dentre os verbos *dicendi* não modalizadores, encontramos duas ocorrências do verbo “falar” e 55 do verbo “dizer”. Nascimento (2006), em sua classificação, definiu que “falar” e “dizer” são verbos *dicendi* não modalizadores pois não evidenciam nenhuma avaliação ou direção a seguir.

De acordo com Marcuschi (2007), que não coloca o “dizer” em nenhuma das categorias de seu agrupamento, esse verbo pode ser considerado um “coringa” e é utilizado como um vale tudo, podendo aparecer em todas as funções ao mesmo tempo em que não possui nenhuma específica. A nosso ver, esse verbo não se enquadra nas classificações do autor e nem funciona como verbo *dicendi* modalizador por exprimir neutralidade e evidenciar não comprometimento com o que é enunciado. Além disso, ao não marcar nenhuma avaliação

quanto ao se enuncia, o verbo “dizer” pode ser utilizado para introduzir discursos que não devem receber tanta atenção. Analisemos os exemplos abaixo:

49) *Estudante **diz** que os pobres são os mais prejudicados na reforma (VEJA, 2019, grifos nossos)*

50) *"Tem dinheiro, mas ele é usado de forma equivocada, os mais ricos não são afetados", **diz**. (VEJA, 2019, grifos nossos)*

51) *Boulos **diz** que relatório da Previdência não está boa e cobra: ‘Cadê a reforma dos militares?’ (VEJA, 2019, grifos nossos)*

Entendemos, a partir dos exemplos apresentados, que a escolha por esse verbo, ou por seu sinônimo “falar”, mostra que não há interesse do enunciador em conferir alguma interpretação ou direção específica a seguir nessas falas. Além disso, essa escolha pode evidenciar o apagamento do discurso que se segue. Nos exemplos 49 e 50 acima, o discurso reportado de um estudante evidencia uma denúncia séria em relação à reforma da previdência, destacando que os pobres são os mais prejudicados, o que não é explorado ou reiterado pela notícia.

O exemplo 51 apresenta um questionamento importante feito por Guilherme Boulos, que também foi candidato à presidência em 2018. Nesses casos, a escolha por um verbo “coringa”, como classifica Marcuschi (2007), ou não modalizador, como aborda Nascimento (2006), indica, ao nosso ver, que não foi objetivo do enunciador conferir destaque a essas informações. No exemplo a seguir, o redator optou por reportar o discurso do MBL e fez outra escolha de verbos:

52) *Um dos articuladores do processo de impeachment da ex-presidente Dilma Rousseff, o Movimento Brasil Livre (MBL) **criticou** o “papo de balbúrdia” do ministro da Educação, Abraham Weintraub, e **afirmou** que a esquerda fez “a maior manifestação em anos”. (VEJA, 2019, grifos nossos)*

Os exemplos 49, 50 e 51 anteriores se contrapõem ao 52, que utiliza, por sua vez, os verbos dicendi “criticar” e “afirmar” ao reportar um posicionamento do MBL contra o governo. Em nossa interpretação, a escolha de evidenciar que a fala do movimento realiza uma “crítica” e uma “afirmação”, e não apenas “diz” algo, como foi em relação à fala do estudante e à de Guilherme Boulos, revela um efeito de importância e de autoridade.

Essa perspectiva se alinha ao que propõe Marcuschi (2007), quando o pesquisador afirma que tais verbos geralmente são um indicador do efeito que o discurso deve ter. Essa diferença na escolha dos introdutores de discurso não deve ser lida de forma aleatória ou sem pretensão. Quando um veículo midiático reproduz discursos, a forma como eles são incorporados à notícia evidencia e a importância do que é dito e conduz o processo de recepção do leitor.

Por fim, Koch (2014, p. 181) afirma que “Uma ação de linguagem exige do agente produtor uma série de decisões, que ele necessita ter competência para executar”, premissa que está de acordo com nossa análise descritivo-interpretativa das modalidades, categoria linguística que evidencia as escolhas tomadas por um enunciador na produção de qualquer texto. Isto posto, encerramos a discussão dos nossos resultados, os quais confirmaram as premissas apresentadas no capítulo introdutório.

3.4 Síntese dos resultados

Foi encontrado, ao longo das 16 notícias analisadas, um total de 250 ocorrências de verbos modalizadores, dos quais: 33 verbos de opinião ou crença, 29 verbos modalizadores epistêmicos, 40 verbos modalizadores deônticos e 12 verbos modalizadores dinâmicos. Além disso, encontramos 133 ocorrências de verbos dicendi modalizadores, utilizados na introdução de discursos de outrem.

O portal que contou com mais modalizadores por palavra foi a Revista Veja, seguida pela Carta Capital. O portal de notícias G1, por sua vez, apresentou um número inferior de recorrências. Esses resultados indicam uma discrepância na incidência dos modalizadores nos diferentes veículos, o que é justificado pelo tipo de jornalismo que cada uma dessas mídias apresenta (NOGUEIRA E MALLMANN, 2013).

Relacionado essa diferença na incidência de modalizadores ao processo de argumentação de cada uma das notícias, notamos que a Veja e a Carta Capital apresentam o

contexto sociopolítico como fator argumentativo, principalmente com a inclusão de discursos de outros, enquanto o G1 conta com notícias que se restringem às manifestações, sem que se explique, necessariamente, o seu contexto. A princípio, a ausência de modalizadores nas notícias do G1 foi uma grande preocupação durante a pesquisa. Contudo, posteriormente, apuramos o porquê dessa ausência, entendendo que isso está relacionado ao tipo de jornalismo a que se propõe o portal de notícias.

À vista disso, relembramos que Neves (2006) afirma que não existem enunciados não modalizados. Logo, ao afirmarmos que não encontramos uma quantidade significativa de modalizadores nas notícias do portal G1, estamos nos referindo aos modalizadores que buscamos, os quais são os verbos de opinião ou crença, verbos epistêmicos, verbos deônticos e verbos dinâmicos, além dos verbos dicendi modalizadores. Outros meios de expressão da modalidade não foram buscados no *corpus*.

Foram encontrados 33 verbos de opinião ou crença no *corpus*, sendo eles: “saber”, “acreditar”, “concordar”, “achar”, “discordar”, “entender”, “lembrar”, “ver”, “desqualificar”, “duvidar”, “enganar-se”, “esperar”, “gostar”, “parecer” e “relembrar”. Esses verbos estão relacionados diretamente a juízos de valor e a opiniões de um interlocutor, evidenciando a existência de subjetividades. Segundo Ávila e Cária (2017, p. 117), “estes verbos sinalizam para os diferentes graus comprometimento do conceptualizador em relação ao material locutivo enunciado”, isto é, evidenciam percepções e avaliações subjetivas quanto a um enunciado.

Quanto aos verbos modalizadores epistêmicos, encontramos, ao todo, 29 ocorrências, as quais foram classificadas como possibilidade ou probabilidade. Os verbos “poder” e outros verbos que se apresentam no condicional carregam o sentido de possibilidade, enquanto o verbo “dever” apresenta o subvalor de probabilidade. Essa modalidade, ao pensar em uma graduação de força enunciativa, vai de uma impossibilidade a uma certeza, passando pela possibilidade condicional, pela possibilidade remota, pela possibilidade e pela probabilidade. Nas notícias, não encontramos verbos modalizadores que denotem certeza, o que poderia ser comprometedor para os enunciadores. Ao contrário do que possa parecer, a não marcação da certeza também configura-se como um ato argumentativo, uma vez que os subvalores de possibilidade e de probabilidade exercem uma influência associada à tentativa de ocultação da responsabilidade enunciativa (MARQUES, 2013), sendo, portanto, dotada de intencionalidade.

Já os verbos modalizadores deônticos, que, segundo Koch (2014), denotam arbitrariedade e facultatividade, apareceram 40 vezes ao longo do *corpus*. Encontramos ocorrências dos verbos “dever”, “garantir”, “permitir”, “poder”, “precisar”, “ter de” e “ter que”. A modalidade deôntica, segundo Neves (2006), se relaciona a traços que controlam o falante, o que corrobora o que afirma Ávila (2014), que liga o valor deôntico a princípios morais ou legais e de conduta social. Os subvalores dessa modalidade foram a necessidade, a obrigação e a permissão, o que evidenciou, em nosso *corpus*, essa relação de controle social, por se tratar de uma temática política. As notícias apresentam falas de governantes e da oposição, sempre abordando assuntos referentes à legalidade e à obrigatoriedade de se realizar determinadas ações políticas.

Por fim, a última modalidade analisada foi a dinâmica, categoria que contou com 12 ocorrências ao longo do *corpus*. Todas as ocorrências foram referentes ao subvalor de volição, ou seja, que se relaciona à expressão dos desejos do sujeito. É preciso destacar, todavia, que, diferentemente das outras modalidades, a volição se apresenta referente ao sujeito do discurso, e não ao sujeito enunciador. Os verbos de volição, por exprimirem vontade, evidenciam a existência de uma subjetividade, visto que tais sentimentos são relacionados a atravessamentos e gostos pessoais. Logo, essa escolha linguística influencia na informatividade do gênero, por apresentar um aspecto de vagueza, já que a volição é um valor subjetivo.

O gênero textual notícia, ao informar sobre os fatos, vale-se do contexto, incluindo, em sua extensão, falas de outros interlocutores, as quais conferem credibilidade ao gênero. Isto posto, 70 modalizadores foram encontrados em citações diretas, 30 em citações indiretas e 17 em trechos sem citação. Nas citações diretas, destacaram-se os verbos de opinião ou crença e os verbos deônticos, os quais, na notícia, indicam maior carga de subjetividade e de força enunciativa, respectivamente, sentidos que contribuem diretamente para a marcação de um posicionamento ou avaliação. Já nas citações indiretas, verificou-se maior expressividade da modalidade epistêmica, frequentemente utilizada para a atenuação de discursos, evitando, assim, a apresentação de afirmações com valor de certeza, fator que, como já mencionado, abranda o aparecimento da responsabilidade enunciativa.

Quanto aos introdutores de discurso, encontramos 133 verbos dicendi modalizadores (NASCIMENTO 2006), os quais, como aponta o autor, indicam ao leitor uma direção a seguir ou apresentam uma avaliação por parte do enunciador em relação ao discurso introduzido. Marcuschi (2007) acrescenta que esses verbos são utilizados à escolha do enunciador para

conduzir o leitor para determinadas inferências. Dessa forma, a escolha do verbo que precede um discurso reportado é muito importante, pois marca como aquele discurso deve ser lido e entendido, como é o caso de verbos como “rebater”, “reclamar”, “argumentar” e “criticar”. Esses verbos se contrapõem à utilização muito comum do verbo dicendi não modalizador “dizer”, o qual não marca nenhum posicionamento, além da possibilidade de ser utilizado para que o discurso introduzido não seja lido com ênfase ou destaque, transmitindo a ideia de apagamento intencional, trazendo à luz o caráter argumentativo.

Durante a nossa análise, foi possível concluir, portanto, que a utilização de falas de outros interlocutores são parte intrínsecas às notícias jornalísticas. O recurso é utilizado, a princípio, para contextualização dos fatos informados, mas se constituem, para além disso, como argumento de autoridade (KOCH, 2014), conferindo credibilidade ao conteúdo publicado. Por conseguinte, percebemos que a forma como as citações são realizadas na notícia evidenciam qual direcionamento o leitor deve seguir ao se deparar com um discurso externo.

Apresentaremos, na próxima seção, as considerações finais desta dissertação, destacando as relações que o uso das modalidades estabelece com a argumentação e com a marcação dos posicionamentos dos enunciadores. Além disso, buscaremos evidenciar a contribuição do nosso trabalho para os Estudos do Texto e as possibilidades para uma futura pesquisa.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Esta dissertação se propôs a analisar como o uso dos verbos modalizadores, enquanto categoria linguística, operam na construção da linha argumentativa de notícias – gênero textual jornalístico utilizado popularmente como forma de informação. A pesquisa se justificou pelos avanços da comunicação e das formas de se fazer jornalismo, as quais nos colocam em um contexto de recebimento e compartilhamento de informações em tempo real. Esses acontecimentos apontam para uma mudança na forma em que os conteúdos e as informações chegam à população, principalmente em meio on-line, evidenciando uma linha tênue entre a informação e a formação de opinião.

Dessa forma, foram buscados os verbos modalizadores em 16 notícias publicadas pelas revistas *Veja* e *Carta Capital* e pelo portal de notícias G1. As notícias são referentes às manifestações contra os cortes na educação, ocorridas no ano de 2019, nos meses de maio e junho. O objetivo da dissertação foi analisar o uso de modalizadores nesse meio, visando identificar, catalogar, quantificar e classificar as recorrências quanto ao tipo de modalidade para, em seguida, realizar sua análise descritivo-interpretativa com a finalidade de investigar como os usos dos modalizadores operam na construção da linha de argumentação desses textos.

Nosso *corpus* é composto, portanto, do gênero textual notícia, uma produção sociodiscursiva (BAKHTIN, 2003; MARCUSCHI, 2003) com características informativas e argumentativas (BLAIN, 2000; PREUSS, 2017; TRAVAGLIA, 2007). Dessa forma, a partir dos resultados do trabalho, foi possível confirmar nossas premissas sobre esses traços de tipo argumentativo presentes nas notícias jornalísticas. Os resultados confirmam, ainda, a premissa de Koch (2004) de que todo enunciado diz algo de certo modo. Por conseguinte, até mesmo os textos que são aparentemente neutros, objetivos e imparciais, como é o caso das notícias, estão repletos de modalização.

A modalidade, categoria linguística que foi destacada em nosso *corpus*, permite ao falante qualificar o conteúdo que enuncia de acordo com suas crenças, opiniões e certezas (ÁVILA, 2014; ÁVILA e CÁRIA, 2017; CÁRIA e ÁVILA, 2017; MELLO et al. 2009; NEVES, 2006), indicando, portanto, os pontos de vista e avaliação de um enunciador em relação ao conteúdo que é enunciado. Em outras palavras, como aponta Koch (2004), o uso das modalidades traz pistas sobre o posicionamento e a visão de mundo dos produtores desses textos. Após a análise das modalidades encontradas no *corpus*, percebemos que essa categoria

está diretamente relacionada às escolhas do enunciador, que são muito importantes para marcar seu posicionamento em relação ao discurso que profere.

Durante o desenvolvimento desta pesquisa, constatou-se, também, a importância dos estudos sobre a intertextualidade que, segundo Koch e Elias (2017), está relacionada à premissa de todo texto sempre remeter a outros textos. Marcuschi (2007), na mesma linha, aponta que essas outras vozes presentes no texto se consolidam como uma forma de argumentar, o que é comprovado com a análise descritivo-interpretativa dos nossos resultados.

Em geral, durante a análise dos exemplos, não houve dificuldade na interpretação, pois as notícias continham, em sua maioria, a contextualização dos sujeitos dos discursos e dos autores das vozes reportadas, o que possibilitou perceber quem são esses sujeitos naquele texto e qual a importância de cada um dos interlocutores. Ademais, as manifestações pela educação ocorridas em 2019 foram muito marcantes em nosso meio, de forma que o contexto das decisões já era de nosso conhecimento durante a escrita da análise.

Sendo assim, após a análise descritivo-interpretativa dos valores modais, entendemos a importância da escolha desses verbos na construção da notícia. A opção por um verbo ou outro evidencia os posicionamentos e as percepções do enunciador, indicando como as informações devem ser lidas. Em outros momentos, essa escolha também indica uma proteção quanto à responsabilidade enunciativa (MARQUES, 2013) de alguns discursos. Portanto, confirmamos, com base nos modalizadores estudados, a premissa de que as notícias são gêneros com traços argumentativos. É importante destacar, ainda, que existem outras estratégias argumentativas que podem ser utilizadas na escrita de qualquer texto, contudo este trabalho se dedicou à análise dos verbos modalizadores de opinião ou crença, epistêmicos, deônticos e dinâmicos, bem como dos verbos dicendi modalizadores.

É preciso ressaltar, ainda, que nosso trabalho se desenvolveu tendo como objeto de análise o texto, de maneira que denominamos *corpus* o conjunto de notícias analisadas. Nesse sentido, as análises foram realizadas em 16 notícias das revistas Veja e Carta Capital e do portal de notícias G1 sobre a mesma temática – as manifestações contra os cortes na educação ocorridas em 2019, primeiro ano do governo de Jair Bolsonaro. Dessa forma, conforme já mencionamos, o entorno sócio-político das manifestações foi considerado na análise e na classificação dos verbos modalizadores encontrados.

Para colocarmos as contribuições do nosso trabalho para os estudos do texto, é preciso retomar a importância dessa pesquisa em um contexto em que as pessoas se informam em tempo real pela *internet*. Essa forma de comunicação foi intensificada nos últimos anos, sobretudo no contexto de pandemia, o qual impôs o distanciamento social e intensificou as relações em meio on-line. Dessa maneira, é importante nos mantermos informados, porém sempre atentando-nos à necessidade de uma leitura crítica.

Tais apontamentos indicam que o processo de interpretação e a recepção de textos se realizam utilizando, dentre outros conhecimentos, os linguísticos e textuais enquanto ferramentas para a compreensão do texto como um todo. Destaca-se, ainda, que a análise realizada sobre a modalidade enquanto estratégia argumentativa em notícias jornalísticas pode ser estendida a outros gêneros textuais que se inserem em nossa realidade social, educacional e política.

Por fim, ao considerarmos possíveis pesquisas futuras, acreditamos ser relevante a aplicação do estudo analítico descritivo-interpretativo da modalidade em gêneros textuais em um contexto de sala de aula, levando a teoria à prática de ensino de Língua Portuguesa. Sob um viés pessoal, uma vez que atuo enquanto professora de Língua Portuguesa em uma escola da rede pública do Estado de Minas Gerais, acredito que há uma escassez de teorias de ensino de língua materna que insiram, efetivamente, os estudos teóricos realizados em meio acadêmico na prática pedagógica do ensino básico. Os dois contextos se apresentam, muitas vezes, dissociados, o que justificaria a realização de uma pesquisa para esse fim.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALLCOTT, Hunt & GENTZKOW, Matthew. Social media and fake news in the 2016 election. **Jour-nal of Economic Perspectives**, v. 31, n.2, p. 211-236, 2017. Disponível em: <<https://www.aeaweb.org/articles?id=10.1257/jep.31.2.211>> Acesso em: 23 de março de 2021.

ALMEIDA, Ronaldo De. Bolsonaro Presidente: conservadorismo, evangelismo e a crise brasileira. **Novos estudos CEBRAP**, São Paulo, v. 38, n. 1, p. 185-213, abril 2019. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0101-33002019000100010&lng=en&nrm=iso>. Acesso em: 25 de janeiro de 2021.

ÁVILA, L. **Modalidade em perspectiva: estudo baseado em corpus de fala espontânea do português brasileiro**. 253f. Tese (Doutorado – Estudos Linguísticos). Belo Horizonte, Universidade Federal de Minas Gerais, 2014.

ÁVILA, Luciana Beatriz Bastos; CÁRIA, Giulliana Mendes. Verbos epistêmicos na fala espontânea: um estudo corpus-based do português. **Revista Letras Raras**, [S.l.], v. 6, n. 3, p. 117-134, dez. 2017. ISSN 2317-2347. Disponível em: <<http://revistas.ufcg.edu.br/ch/index.php/RLR/article/view/814/538>>. Acesso em: 15 de abril de 2020.

ADELINO, Francisca Janete da Silva; NASCIMENTO, Erivaldo Pereira do. A orientação argumentativa dos modalizadores avaliativos. **EID&A - Revista Eletrônica de Estudos Integrados em Discurso e Argumentação**, Ilhéus, n. 13, jan/jun.2017. Disponível em: <<http://periodicos.uesc.br/index.php/eidea/article/view/1347>>. Acesso em: 8 de fevereiro de 2020.

BAKHTIN, Mikhail. **A estética da criação verbal**. São Paulo: Martins fontes, 2003.

BAKHTIN, Mikhail. O discurso de outrem. In: BAKHTIN, Mikhail. **Marxismo e filosofia da linguagem**. Trad. Michel Lahud e Yara Frateschi Vieira. 12ª ed. São Paulo: Hucitec, 2006.

BALLY, Charles. **Traité de stylistique française**. Vol. 1. 2e éd. Heidelberg, Winter, 1921.

BALLY, Charles. **Linguistique Générale et Linguistique Française**. Berne, A. Francke S.A., 1948.

BALLY, Charles. **La langage et la vie**. 3e éd. Geneve. 1965 Librairie Broz.

BALZAN, Carina Fior Postinger. Da noção de subjetividade de Benveniste à leitura como ato enunciativo. **Leitura: Teoria & Prática**, Campinas, São Paulo, v. 35, n. 69, p. 87-102, 2017. Disponível em: <<https://ltp.emnuvens.com.br/ltp/article/view/561>>. Acesso em: 13 de março de 2021.

BARBISAN, Leci Borges. O conceito de enunciação em Benveniste e em Ducrot. *Revista do Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade Federal de Santa Maria, Santa Maria, Rio Grande do Sul*, n. 33, p. 23.-35, 2017. Disponível em: <<https://periodicos.ufsm.br/letras/article/view/11921>>. Acesso em 14 de março de 2021.

BENVENISTE, Émile. O aparelho formal da enunciação. In: BENVENISTE, Émile. **Problemas de Linguística Geral II**. Revisão técnica da tradução: Eduardo Guimarães. Campinas, SP: Pontes, 1989.

BEZERRA, Benedito Gomes. **Gêneros no contexto brasileiro: questões (meta)teóricas e conceituais**. São Paulo: Parábola Editorial, 2017.

BLAIN, Raymond. « Discours, genres, types de textes, textes... De quoi me parlez-vous ? », **La grammaire au cœur du texte**, Québec français, número hors série, p. 35-38, 2000.

Disponível em:

<https://www.enseignementdufrancais.fse.ulaval.ca/document/?no_document=922>. Acesso em: 18 de fevereiro de 2021.

BYBEE, Joan L.; FLEISCHMAN, Suzanne. Modality in grammar and discourse – An introductory essay. In: BYBEE, Joan L.; FLEISCHMAN, Suzanne (Eds.). **Modality in grammar and discourse**. Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins Publishing Company, 1995. p. 1-14.

CARIA, Giulliana Mendes; AVILA, Luciana Beatriz Bastos. Verbos modalizadores na fala espontânea: um estudo corpus-based do português europeu. In: **Anais do X Congresso Internacional da Associação Brasileira de Linguística: pesquisa linguística e compromisso político**, Niterói: UFF, 2017. p. 925-936.

CORBARI, Alcione Tereza. **Elementos modalizadores como estratégia de negociação em textos opinativos produzidos por alunos de Ensino Médio**. 2013. 220f. Tese (Doutorado em Letras e Linguística) – Programa de Pós-Graduação em Letras e Linguística, Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2013. Disponível em:

<<https://repositorio.ufba.br/ri/handle/ri/27871>>. Acesso em: 23 de janeiro de 2020.

CORBARI, Alcione Tereza. Modalizadores: a negociação em artigo de opinião. **Linguagem em (Dis)curso** – LemD, Tubarão, SC, v. 16, n. 1, p. 117-131, jan./abr. 2016. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/ld/v16n1/1518-7632-ld-16-01-00117.pdf>>. Acesso em: 23 de janeiro de 2020.

CORBARI, Alcione Tereza; RAMOS, Quézia Cavalheiros Mingorance. **Verbos dicendi na notícia: pontos de um continuum argumentativo na construção da intertextualidade**. Fórum Linguístico, Florianópolis, v. 15, n. 1, p. 2903-2923, jan./mar. 2018. Disponível em: <<https://periodicos.ufsc.br/index.php/forum/article/view/1984-8412.2018v15n1p2903>>. Acesso em: 09 de julho de 2020.

CREMONESE, Lia Emília. **Bases epistemológicas para a elaboração de um dicionário de Linguística da Enunciação**. 179f. Mestrado em Estudos da Linguagem. Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS). Instituto de Letras, Programa de Pós-Graduação em Letras. Porto Alegre, 2007.

DANTAS, Daniel. **A argumentação como elemento discursivo na mídia digital: um estudo sobre o blog “Fatos e dados”**. Tese (Doutorado em Estudos da Linguagem) – Universidade Federal do Rio Grande do Norte. Programa de Pós-Graduação em Estudos da Linguagem, Natal, 2012. Disponível em:

<<https://repositorio.ufrn.br/jspui/handle/123456789/16362?mode=full>>. Acesso em: 27 de janeiro de 2020.

DE SOUZA, Wander Emediato. Retórica, Argumentação e Discurso. In: MARI, Hugo et al. **Análise do discurso: fundamentos e práticas**. Belo Horizonte, Núcleo de Análise do Discurso - FALE/UFMG, 2001. p. 157-177. Disponível em:

<http://www.letras.ufmg.br/padrao_cms/documentos/nucleos/nad/EMEDIATO%20-%20Ret%C3%B3rica,%20Argumenta%C3%A7%C3%A3o%20e%20Discurso.pdf>. Acesso em: 5 de março de 2020.

DUCROT, Oswald. **O dizer e o dito**. Revisão técnica da tradução: Eduardo Guimarães. Campinas, SP: Pontes, 1987.

EMPRESA BRASIL DE COMUNICAÇÃO (EBC). Somente a verdade: Manual de Jornalismo da EBC. 2013. Disponível em:

<https://www.ebc.com.br/sites/_institucional/files/manual_de_jornalismo_ebc.pdf>. Acesso em: 25 de janeiro de 2021.

FÁVERO, Leonor Lopes; KOCH, Ingedore G. Villaça. **Linguística Textual: Introdução**. 7 ed. São Paulo: Cortez, 2005.

FONSECA, Magna de Carvalho. **LETRAMENTO DIGITAL: uma possibilidade de inclusão social através da utilização de *software* livre e da educação a distância**. Monografia de Pós-Graduação. Lavras, Minas Gerais, Universidade Federal de Lavras, 2005.

GERHARDT, Tatiana Engel; SILVEIRA, Denise Tolfo. (organizadores). **Métodos de Pesquisa**. Coordenado pela Universidade Aberta do Brasil – UAB/UFRGS e SEAD/UFRGS. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2009. Disponível em:

<<http://www.ufrgs.br/cursopgdr/downloadsSerie/derad005.pdf>>. Acesso em: 23 de janeiro de 2020.

GIL, Antônio Carlos. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. 5.ed. São Paulo: Atlas, 1999.

GOMES, Wilson da Silva.; DOURADO, Tatiana. *Fake news*, um fenômeno de comunicação política entre jornalismo, política e democracia. **Estudos em Jornalismo e Mídia**, v. 16, n. 2, p. 33–45, 2019. Disponível em: <repositorio.unisc.br/jspui/handle/11624/3066>. Acesso em: 23 de março de 2021.

GOMES, Livia Letícia Zanier. RABELO, Bárbara Helena. Direcionamento argumentativo em notícias on-line. **Revista Eletrônica de Estudos Integrados em Discurso e Argumentação**, Ilhéus, n. 11, p. 36-54, jan/jun 2016. Disponível em:

<<https://doi.galoa.com.br/doi/10.17648/eidea-11-788>>. Acesso em: 18 de fevereiro de 2021.

GONÇALVES, Tatiana Jardim. **Estratégias argumentativas no gênero do discurso notícia**. Cadernos do CNLF, Vol. XV, n. 5, t. 1. Rio de Janeiro: CiFEFiL, 2011. Disponível em:

<http://www.filologia.org.br/xv_cnlftomo_1/47.pdf>. Acesso em: 18 de fevereiro de 2021.

GONÇALVES, Janaina Maria. **A modalização como estratégia de leitura e escrita**.

Dissertação de mestrado. Belém, Instituto de Letras e Comunicação/UFPA, 2015. Disponível em:

<https://www.google.com/url?sa=t&ret=j&q=&esrc=s&source=web&cd=&ved=2ahUKEwjK4vvthObsAhV-JrkGHRxrCtgQFjAAegQIAhAC&url=http%3A%2F%2Frepositorio.ufpa.br%2Fjspui%2Fbits_tream%2F2011%2F7986%2F1%2FDissertacao_ModalizacaoComoEstrategia.pdf&usg=AOvVaw0AhBSSsttIVvns_IzZwI_y>. Acesso em: 03 de abril de 2020.

GRAVES, Lucas. Boundaries Not Drown. **Journalism Studies**, 2016. Disponível em: <<http://dx.doi.org/10.1080/1461670X.2016.1196602>>. Acesso em: 30 de novembro de 2021.

HEMAIS, Barbara; BIASI-RODIGUES, Bernadete. A proposta sócio-retórica de John M. Swales para o estudo de gêneros textuais. In: MEURER, J. L., BONINI, Adair, MOTTA-ROTH, Désirée (Org.). **Gêneros: teorias, métodos, debates**. São Paulo: Parábola, 2005.

HIRATA-VALE, Flávia Bezerra de Menezes. 2005. **A expressão da condicionalidade no português escrito do Brasil: contínuo semântico-pragmático**. 158f. Tese (Doutorado em Letras). Universidade Estadual Paulista, Campus Araraquara, 2005.

KOCH, Ingedore Grunfeld Villaça. **Argumentação e Linguagem**. 9. ed. São Paulo: Cortez, 2004.

KOCH, Ingedore Grunfeld Villaça. **O texto e a construção dos sentidos**. São Paulo: Cortez, 2011.

KOCH, Ingedore Grunfeld Villaça. **As tramas do texto**. São Paulo: Contexto, 2014.

KOCH, Ingedore Villaça; ELIAS, Vanda Maria. **Escrever e argumentar**. São Paulo: Contexto, 2016.

KOCH, Ingedore Villaça; ELIAS, Vanda Maria. **Ler e escrever: estratégias de produção textual**. São Paulo: Contexto, 2017.

LOPES, Daniele Vieira. BONISEM, Fabiano Mazzini. O Jornalismo na Era Digital: Impactos Percebidos por Repórteres e Editores. **XXIV Congresso de Ciências da Comunicação na Região Sudeste**, Vitória, ES, 2019. Disponível em: <<https://portalintercom.org.br/anais/sudeste2019/resumos/R68-0800-1.pdf>>. Acesso em: 25 de janeiro de 2021.

MARCUSCHI, Luiz Antônio. **Da fala para a escrita: atividades de retextualização**. São Paulo: Cortez, 2010.

MARCUSCHI, Luiz. Antônio. Gêneros textuais: definição e funcionalidade. In: DIONÍSIO, A. P.; MACHADO, A. R.; BEZERRA, M. A. (Orgs.). **Gêneros textuais & ensino**. Rio de Janeiro: Lucerna, 2003. p. 19-36.

MARCUSCHI, Luiz Antônio. **Fenômenos da Linguagem: reflexões semânticas e discursivas**. Rio de Janeiro: Lucerna, 2007.

MARCUSCHI, Luiz Antônio. **Linguística de Texto: o que é e como se faz?** São Paulo: Parábola Editorial, 2012.

MARCUSCHI, Luiz Antônio. **Produção Textual, Análise de gêneros e Compreensão.** São Paulo: Parábola Editorial, 2008.

MARQUES, Maria Aldina. Construir a responsabilidade enunciativa no discurso jornalístico. **REDIS: Revista de Estudos do Discurso**, n. 2, p. 139-165, 2013. Disponível em: <<https://ojs.letras.up.pt/index.php/re/article/view/3590>>. Acesso em: 25 de janeiro de 2021.

MARTINO, Luís Mauro Sá. **Teoria das Mídias Digitais: linguagens, ambientes, redes.** Petrópolis, RJ: Vozes, 2014.

MELLO, Heliana; MELO, Estefânia; CARVALHO, Janayna; CÔRTEZ, Priscipla. Prolegômenos Sobre Modalidade. **Revista Eletrônica de Linguística**. Ano 3, nº 1, p. 104-134, 2009.

MONTEIRO, Jean Carlos da Silva. O jornalismo na Sociedade da Informação: reflexões sobre *internet*, práticas jornalísticas e formação multimídia. **Revista Arte, Educação, Comunicação & Design**, v. 01, n. 02, p. 32-43, maio/agosto 2020. Disponível em: <<https://periodicos.ufam.edu.br/index.php/dcae/article/view/7808>>. Acesso em: 17 de fevereiro de 2021.

NASCIMENTO, Erivaldo Pereira do. A Modalização no Gênero Notícia Jornalística. **Revista do Gelne**, v. 8, n. 12, p. 71-86, 2006. Disponível em: <<https://periodicos.ufrn.br/gelne/article/view/11519>>. Acesso em: 30 de outubro de 2020.

NASCIMENTO, Érica Portas do; CANOSSA, Isabela Aparecida. A função modalizadora dos verbos dicendi no gênero textual notícia. **Revista Philologus**, Ano 22, Nº 65. Rio de Janeiro: CiFEFiL, maio/ago.2016. Disponível em: <<http://www.filologia.org.br/rph/ANO22/65/002.pdf>>. Acesso em: 09 de julho de 2020.

NEVES, Maria Helena de Moura. **Texto e Gramática.** São Paulo: Contexto, 2006.

NOGUEIRA, Felipe Augusto; MALLMANN, Andreia Denise. **Análise das características do jornalismo online em portais de notícias.** Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, RS, 2013. Disponível em: <<http://portal.eusoufamecos.net/29713/>> Acesso em: 30 de abril de 2021.

OLIVEIRA, Maxwell Ferreira de. **Metodologia Científica: um manual para a realização de pesquisas em administração.** Catalão: UFG, 2011. 72 p. Disponível em: <https://files.cercomp.ufg.br/weby/up/567/o/Manual_de_metodologia_cientifica_-_Prof_Maxwell.pdf>. Acesso em: 27 de janeiro de 2020.

PERELMAN, Chaïm. Argumentação. In: **Enciclopédia Einaudi**. vol. 11. Imprensa nacional, casa da moeda, Lisboa, 1987, p. 234-265.

PREUSS, Lisandra Jörgensen. Língua portuguesa [recurso eletrônico – e-book] 1. ed. Santa Maria, RS : UFSM, NTE, 2017. Disponível em: <https://www.ufsm.br/app/uploads/sites/358/2019/01/MD_lingua-portuguesa2.pdf>. Acesso em: 18 de fevereiro de 2020.

RABELLO, Mariana Klôh. **A Expressão de diferentes vozes nas notícias jornalísticas**. Dissertação de mestrado. Rio de Janeiro, Faculdade de Letras/UFRJ, 2008. Disponível em: <<http://www.ppglinguistica.letras.ufrj.br/images/Linguistica/2-Mestrado/dissertacao/120-mariana-rabello.pdf>>. Acesso em: 09 de julho de 2020.

RECUERO, Raquel. **A rede é a mensagem**: Efeitos da Difusão de Informações nos Sites de Rede Social. 2012. Disponível em: <<http://www.raquelrecuero.com/arquivos/redemensagem.pdf>>. Acesso em: 25 de janeiro de 2021.

REGINATO, Gisele Dotto. As finalidades do jornalismo: percepções de veículos, jornalistas e leitores. **Rev. Famecos (Online)**. Porto Alegre, v. 25, n. 3, out/nov/dez 2018. Disponível em: <<https://revistaseletronicas.pucrs.br/ojs/index.php/revistafamecos/article/view/29349/17219>>. Acesso em: 30 de junho de 2021.

RESENDE, Sheilla Maria. Oswald Ducrot e a argumentação na língua: a virada estruturalista na concepção dos sentidos. **Caletrosópio**, Mariana, v. 4, n. 7, p. 101-113, jul/dez 2016. Disponível em: <<https://periodicos.ufop.br/pp/index.php/caletrosopio/article/view/3718>>. Acesso em: 5 de março de 2020.

RIBEIRO, Rosiane Marinho. **A construção da argumentação oral no contexto de ensino**. São Paulo: Cortez, 2009.

ROJO, R. Gêneros do Discurso e Gêneros Textuais: Questões Teóricas e Aplicadas. In MEURER, J. L.; BONINI, A.; MOTTA-ROTH, D. (Orgs). **Gêneros: teorias, métodos e debates**. São Paulo: Parábola Editorial, 2010.

SENA, Geane Cássia Alves; FIGUEIREDO, Maria Flávia. Um estudo da Teoria da Argumentação da Retórica Aristotélica à Teoria dos Blocos Semânticos. **Diálogo das Letras**, Pau dos Ferros, v. 02, n. 01, p. 4 – 23, jan./jun. 2013. Disponível em: <<http://periodicos.uern.br/index.php/dialogodasletras/article/viewFile/539/279>>. Acesso em: 04 de março de 2020.

SOUZA, Marcelo Nogueira. GUIMARÃES, Lislaine Mara da Silva. Vulnerabilidade Social e exclusão digital em tempos de pandemia: uma análise da desigualdade de acesso à internet na periferia de Curitiba. **Revista Interinstitucional Artes de Educar**. Rio de Janeiro, v. 6, n. especial II, p. 284-302, 2020.

TRAVAGLIA, Luiz Carlos. Das relações possíveis entre tipos na composição de gêneros. In: 4º Simpósio Internacional de Estudos de Gêneros Textuais (IV SIGET), 2007, Tubarão - SC. **Anais [do] 4º Simpósio Internacional de Estudos de Gêneros Textuais (4º SIGET)**. Tubarão: Universidade do Sul de Santa Catarina - UNISUL, 2007. v. 1. p. 1297-1306. Disponível em: <http://www.ileel.ufu.br/travaglia/sistema/uploads/arquivos/artigo_das_relacoes_posseiveis_entre_tipos_na_composicao.pdf>. Acesso em: 10 de março de 2021.

VALIENGO, Caio Becsi. Mídias livres, alternativas e independentes: polifonia de conceitos para práticas comunicativas contra-hegemônicas. In: **VIII Congresso da Associação**

Brasileira de Pesquisadores em Comunicação e Política (VIII COMPOLÍTICA). Brasília, 2019. Disponível em: <http://ctpol.unb.br/compolitica2019/GT5/gt5_Valiengo.pdf>. Acesso em: 17 de fevereiro de 2021.

XAVIER, Manassés Morais. NASCIMENTO, Robéria Nádia Araújo. Jornalismo digital: a circulação de informações no jornalismo *on line* e no webjornalismo. **Culturas midiáticas**, ano IV, n. 7, jul-dez 2011. Disponível em: <<https://periodicos.ufpb.br/ojs/index.php/cm/article/view/11652>>. Acesso em: 25 de janeiro de 2021.

ANEXOS

- 1) Planilha de notícias pré-selecionadas sobre manifestações ocorridas no Brasil entre os anos de 2013 e 2019.

Disponível em:

<https://docs.google.com/spreadsheets/d/1kvexIjt8pgf5fOMohPmZCjg4luOeP7I_eJjTARB7dTk/edit?usp=sharing>.

- 2) Pasta no drive com as notícias analisadas em .txt, com nome dos arquivos conforme apresentados nas planilhas de classificação.

Disponível em:

<<https://drive.google.com/drive/folders/16Ct3F4gOhIjzdGpMoJ6CT1h4Ky7ebILy?usp=sharing>>.

- 3) Planilha eletrônica de classificação dos verbos modalizadores encontrados no *corpus* analisado

Disponível em:

<<https://drive.google.com/file/d/1HAz6-uz83QgprUFyOIVmX1pZpteJFYI6/view?usp=sharing>>

- 4) Planilha eletrônica de classificação dos introdutores de discurso encontrados no *corpus* analisado

Disponível em:

<https://drive.google.com/file/d/1WWFyUy4QLifb7CmM_f3i_jhPcmkOcJym/view?usp=sharing>